

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

IRACI OLIVEIRA RODRIGUES

**AS QUESTÕES DE GÊNERO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: DA ABORDAGEM  
TEMÁTICA À NECESSÁRIA REFLEXÃO EPISTÊMICA**

SÃO PAULO  
2023

IRACI OLIVEIRA RODRIGUES

**AS QUESTÕES DE GÊNERO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: DA ABORDAGEM  
TEMÁTICA À NECESSÁRIA REFLEXÃO EPISTÊMICA**

Versão corrigida

(versão original disponível na biblioteca da ECA)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Cultura e Informação.

Linha de Pesquisa: Organização da Informação e do Conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Marivalde Moacir Francelin

São Paulo  
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

---

Rodrigues, Iraci Oliveira  
AS QUESTÕES DE GÊNERO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: : DA  
ABORDAGEM TEMÁTICA À NECESSÁRIA REFLEXÃO EPISTÊMICA /  
Iraci Oliveira Rodrigues; orientador, Marivalde Moacir  
Francelin. - São Paulo, 2023.  
147 p.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação / Escola de Comunicações e Artes /  
Universidade de São Paulo.  
Bibliografia  
Versão corrigida

1. Ciência da Informação. 2. Epistemologia Feminista.  
3. Gênero . 4. Organização da Informação e do  
Conhecimento. 5. Representação da informação. I.  
Francelin, Marivalde Moacir. II. Título.

CDD 21.ed. - 020

---

IRACI OLIVEIRA RODRIGUES

**AS QUESTÕES DE GÊNERO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: DA ABORDAGEM  
TEMÁTICA À NECESSÁRIA REFLEXÃO EPISTÊMICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do  
título de Doutora em Ciência da Informação.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Marivalde Moacir Francelin - Orientador  
Universidade de São Paulo (USP)

---

Profa. Dra. Leilah Santiago Bufrem  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFPE)

---

Profa. Dra. Suellen Oliveira Milani  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Fábio Assis Pinho  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

---

Profa. Dra. Vania Mara Alves Lima  
Universidade de São Paulo (USP)

À minha mãe (*in memoriam*) por ter sido a primeira a me incentivar a buscar esse lugar.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família e amigos que estiveram ao meu lado nesses longos anos, prestando apoio emocional e promovendo momentos de diversão tão importante nesse processo, em especial nos anos da pandemia.

Aos docentes e colegas do PPGCI, que nos diferentes momentos de encontro e de troca contribuírem para a minha construção intelectual e acadêmica.

Em especial, ao meu Orientador, Professor Marivalde Moacir Francelin, que reconheceu o potencial do projeto e promoveu uma orientação enriquecedora, potente e sobretudo humanizada. Sou grata por todo o processo de orientação e por todas as conversas que tivemos, das quais saía motivada a continuar com a pesquisa.

Aos membros titulares e suplentes da banca, professoras Dra. Leila Santiago Bufrem, Dra. Suellen Oliveira Milani, Dra. Brígida Maria Nogueira Cervantes, Dra. Vânia Mara Alves Lima e Dra. Cibele Araújo Camargo Marques dos Santos e professores Dr. Fábio Assis Pinho, Dr. Carlos Cândido de Almeida e Dr. Edivânio Duarte de Souza, pela prontidão, disponibilidade e interesse em contribuir com o aprimoramento dessa Tese.

A todos os servidores e docentes da Universidade de São Paulo pela dedicação nos serviços prestados, que garante o funcionamento pleno e de alta qualidade dessa Instituição.

Enfim, a todas as pessoas que de alguma maneira participaram desse processo e contribuíram para realização desta tese.

*“O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”.*

(RIBEIRO, 2019, p.64)

## RESUMO

RODRIGUES, I. O. **As questões de gênero na Ciência da Informação: da abordagem temática à reflexão epistêmica.** 2023. 136 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Considerando o contexto social que vivemos, no qual historicamente diferentes grupos são discriminados e alijados de participação e representação é necessário que nos atentemos a forma como a Ciência da Informação se coloca frente a essas situações. Dessa forma, os debates sobre as questões de gênero que agitam o cenário social, tornam-se necessariamente de interesse da Ciência da Informação. A partir de uma perspectiva feminista de ciência, a presente tese tem por objetivo identificar e analisar como a Ciência da Informação aborda as questões de gênero. A fim de alcançar o objetivo geral da pesquisa, busca identificar e analisar a forma de representação dos trabalhos com a temática de gênero e identificar desdobramentos dos debates sobre gênero e ciência em relação às concepções epistemológicas que possam estar presente em campo centrais da Ciência da Informação, como a Organização da Informação e do Conhecimento. A pesquisa parte da hipótese de que é possível propor mudanças de concepções e práticas em busca da equidade nas relações de gênero, raça e classe, considerando que essa busca passa por um debate interno sobre aspectos epistêmicos da área. A revisão bibliográfica dos temas estudo de gênero, epistemologia, epistemologia feminista, estudos de gênero e ética na Ciência da Informação e na Organização da informação e do Conhecimento. A tese analisa a produção científica da Ciência da Informação sobre gênero a partir dos termos de representação atribuídos aos itens que compõem o corpus da pesquisa. Como resultado, verifica-se: a) continuidade de uma linha ascendente da produção científica da Ciência da Informação sobre a temática de gênero, porém, ainda centrada em temas tradicionais da análise como a participação profissional e acadêmica das mulheres, além de uma abordagem voltada à temas tradicionais da análise e linguagens documentárias como vieses e precisão terminológica; b) o surgimento de espaços acadêmicos que buscam garantir a presença e continuidade dessa temática nos debates da área; c) que as discussões sobre gênero e epistemologia na Ciência da Informação, sobretudo no que diz respeito a epistemologia feminista é muito recente. Conclui-se que apesar da produção científica sobre gênero na Ciência da Informação está em linha ascendente, há a necessidade de aprofundar as discussões das questões de gênero na ciência e suas implicações epistêmicas, em especial na Ciência da Informação.

**Palavras-chaves:** Ciência da Informação. Epistemologia Feminista. Gênero. Organização da Informação e do Conhecimento. Representação da informação.



## ABSTRACT

RODRIGUES, I. O. **Gender issues in Information Science: from the thematic approach to epistemic reflection.** 2023. 136 f. Thesis (Doctorate in Information Science) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Considering the social context we live in, in which historically different groups are discriminated against and excluded from participation and representation, it is necessary that we pay attention to the way in which Information Science faces these situations. In this way, debates about gender issues that shake up the social scene necessarily become of interest to Information Science. From a feminist science perspective, this thesis aims to identify and analyze how Information Science addresses gender issues. In order to achieve the general objective of the research, it seeks to identify and analyze the way in which works with gender themes are represented and identify developments in debates on gender and science in relation to epistemological conceptions that may be present in central fields of Information Science, such as the Organization of Information and Knowledge. The research is based on the hypothesis that it is possible to propose changes in conceptions and practices in search of equity in gender, race and class relations, considering that this search involves an internal debate on epistemic aspects of the area. The bibliographical review of the topics gender study, epistemology, feminist epistemology, gender studies and ethics in Information Science and the Organization of information and Knowledge. The thesis analyzes the scientific production of Information Science on gender based on the terms of representation attributed to the items that make up the research corpus. As a result, there is: a) continuity of an ascending line of scientific production in Information Science on the topic of gender, however, still centered on traditional themes of analysis such as the professional and academic participation of women, in addition to an approach focused to traditional themes of analysis and documentary languages such as biases and terminological precision; b) the emergence of academic spaces that seek to guarantee the presence and continuity of this theme in debates in the area; c) that discussions about gender and epistemology in Information Science, especially with regard to feminist epistemology, are very recent. It is concluded that although scientific production on gender in Information Science is on the rise, there is a need to deepen discussions on gender issues in science and their epistemic implications, especially in Information Science.

**Keywords:** Information Science. Feminist Epistemology. Gender. Information representation. Organization of Information and Knowledge.

## RESUMEN

RODRIGUES, I. O. **Cuestiones de género en las Ciencias de la Información: del enfoque temático a la reflexión epistémica.** 2023. 136 f. Tesis (Doctorado en Ciencias de la Información) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Considerando el contexto social que vivimos, en el que grupos históricamente diferentes son discriminados y excluidos de la participación y representación, es necesario que prestemos atención a la forma en que las Ciencias de la Información afrontan estas situaciones. De esta manera, los debates sobre cuestiones de género que sacuden el escenario social pasan necesariamente a ser de interés para las Ciencias de la Información. Desde una perspectiva de la ciencia feminista, esta tesis pretende identificar y analizar cómo las Ciencias de la Información abordan las cuestiones de género. Para lograr el objetivo general de la investigación, se busca identificar y analizar la forma en que se representan los trabajos con temática de género e identificar desarrollos en los debates sobre género y ciencia en relación con las concepciones epistemológicas que pueden estar presentes en los campos centrales de la Información. Ciencias, como la Organización de la Información y el Conocimiento. La investigación se basa en la hipótesis de que es posible proponer cambios en concepciones y prácticas en busca de equidad en las relaciones de género, raza y clase, considerando que esta búsqueda involucra un debate interno sobre aspectos epistémicos del área. La revisión bibliográfica de los temas estudio de género, epistemología, epistemología feminista, estudios de género y ética en las Ciencias de la Información y la Organización de la información y el Conocimiento. La tesis analiza la producción científica de las Ciencias de la Información sobre género a partir de los términos de representación atribuidos a los ítems que integran el corpus de investigación. Como resultado, se observa: a) continuidad de una línea ascendente de producción científica en Ciencias de la Información sobre el tema de género, pero aún centrada en temas de análisis tradicionales como la participación profesional y académica de las mujeres, además de un abordaje enfocado a temas tradicionales de análisis y lenguajes documentales como los sesgos y la precisión terminológica; b) el surgimiento de espacios académicos que buscan garantizar la presencia y continuidad de este tema en los debates del área; c) que las discusiones sobre género y epistemología en las Ciencias de la Información, especialmente en lo que respecta a la epistemología feminista, son muy recientes. Se concluye que si bien la producción científica sobre género en las Ciencias de la Información está en aumento, existe la necesidad de profundizar las discusiones sobre las cuestiones de género en las ciencias y sus implicaciones epistémicas, especialmente en las Ciencias de la Información..

**Palabras clave:** Ciencias de la Información. Epistemología feminista. Género. Organización de la Información y el Conocimiento. Representación de la información.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Quadro 1-</b> Definição de gênero .....	20
<b>Quadro 2</b> - Levantamento dos trabalhos sobre gênero em CI.....	54
<b>Quadro 3</b> – Trabalhos sobre gênero indexados na BRAPCI e na LISA .....	56
<b>Quadro 4</b> – Produção Científica da CI sobre gênero por termos de busca (Femini*, Gênero, Mulher*).....	59
<b>Gráfico 1</b> – Número de artigos de CI sobre gênero entre 1972 -2011.....	61
<b>Quadro 5</b> – Produção Científica da CI sobre gênero – Representação concomitante dos termos Femini*, Gênero e Mulher* .....	60
<b>Gráfico 2</b> – Número de artigos de CI sobre gênero entre 1972 e 2022.....	61
<b>Gráfico 3</b> – Produção científica de CI sobre gênero (Ano de publicação) .....	62
<b>Quadro 6</b> – Produção sobre mulher e gênero no Enancib – (Comunicação oral e pôster) .....	63
<b>Quadro 7</b> – Categorização dos termos recuperados a partir da busca mulher* ...	71
<b>Quadro 8</b> – Descritores recuperados a partir da busca Femini* no campo Palavra-chave da BRAPCI .....	77
<b>Quadro 9</b> – Artigos científicos identificados com descritores que associam nominalmente espaços e instituições ao feminino .....	78
<b>Quadro 10</b> – Categorização dos termos pré-ordenados com Feminismo e Feminista .....	81
<b>Quadro 11</b> – Produção Científica em Ciência da Informação que relaciona Feminismo e conhecimento através do uso de descritores pré-ordenados na BRAPCI.....	82
<b>Quadro 12</b> – Descritores recuperados a partir da busca Gênero no campo Palavra-chave da BRAPCI .....	86

## LISTA DE SIGLAS

BRAPCI	Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CI	Ciência da Informação
EREBD SE/CO/SUL	Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Gestão e Ciência da Informação das Regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul
LISA	Library & Information Science Abstract
OIC	Organização da Informação e do Conhecimento

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2 OS ESTUDOS DE GÊNERO: POSSIBILIDADES DE ANÁLISE PARA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO</b> .....	<b>19</b>
2.1 Gênero como categoria de análise .....	20
2.2 O gênero antes do gênero: Orlando e o segundo sexo .....	29
2.3 O gênero e a construção cultural do conhecimento .....	33
2.4 Da gestão política do gênero à ruptura do Transfeminismo.....	37
<b>3 A PERSPECTIVA FEMINISTA DA CIÊNCIA E DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO</b> .....	<b>41</b>
3.1 Epistemologia e conhecimento .....	41
3.2 O feminismo mudou a Ciência? .....	45
3.3 A epistemologia feminista .....	46
<b>4 A CONSTRUÇÃO DO CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	<b>50</b>
4.1 A construção do referencial teórico sobre Gênero, Ciência Epistemologia.....	50
4.2 A construção do referencial teórico sobre Gênero, Epistemologia e Ciência da Informação .....	52
4.3 A escolha das bases de dados e métodos de levantamento .....	53
4.4 Seleção do corpus .....	54
<b>5 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB A PERSPECTIVA FEMINISTA DE CIÊNCIA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>58</b>
5.1 Os estudos de gênero na Ciência da Informação .....	59
5.2 Machismo.....	67
5.3 Mulher* .....	69
5.4 Feminis* .....	77
5.5 Gênero .....	85
5.6 Configuração epistêmica da Ciência da Informação a partir da bibliografia.....	89
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>93</b>
<b>APÊNDICE A - Levantamento resultado da busca Epistemologia and “Ciência da Informação” realizado na BRAPCI</b> .....	<b>102</b>
<b>APÊNDICE B - Corpus selecionado a partir da busca Epistemologia and “Ciência da Informação” realizado na BRAPCI</b> .....	<b>115</b>

<b><i>APÊNDICE C - Corpus de análise sobre gênero e ciência da informação (269 artigos recuperados na base BRAPCI).....</i></b>	<b><i>121</i></b>
---	-------------------

# 1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) ao longo da sua constituição, enquanto área de conhecimento, contou com intensas discussões acerca do seu objeto, métodos, princípios e responsabilidades. Ter a informação como objeto proporciona uma vasta amplitude temática aos trabalhos realizados, sendo necessário adotar alguns filtros para manter alinhados aos princípios da área. Dessa forma, acredita-se que o prisma da responsabilidade social ajuda a identificar questões sociais latentes que geram demandas informacionais, e necessitam ser alvo de investigação e reflexão na CI.

Partindo do prisma da responsabilidade social e das questões latentes presentes na sociedade, as questões de gênero figuram como tem de interesse para Ciência da Informação, tanto no que diz respeito ao debate informacional quanto à outras implicações, científicas e sociais, que buscamos analisar nessa tese.

Desde a segunda metade do século XX até os dias de hoje, as discussões em torno das questões de gênero se pautam pela busca de igualdade de direitos e construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Também sobre esse viés devem ser abordadas no âmbito da CI, sobretudo, no que diz respeito a Organização da Informação e do Conhecimento (OIC), uma vez que seu fazer científico pode ser usado para atenuar ou reforçar desigualdades e preconceitos presentes na sociedade.

Ressalta-se que a problematização sobre gênero na área supracitada, partiu da percepção do aumento da divulgação nas grandes mídias de publicações identificadas/rotuladas como “feministas”. Tal fenômeno foi digno de nota para a constituição desta tese, pois os termos de representação atribuídos aos trabalhos científicos foram a temática da minha dissertação de mestrado. Sendo assim, a forma como as publicações, científicas ou não, são representadas, recuperadas e divulgadas, por meio dos termos que lhe são atribuídos faz parte do interesse enquanto pesquisadora da área de OIC.

As leituras iniciais realizadas que relacionavam gênero, ciência e CI indicaram que a questão a ser observada estava muito além do termo de representação utilizado para identificar as publicações “feministas”. Elas apontavam na direção da necessidade de entender como as questões de gênero permeavam o

fazer científico, o que direcionou esse questionamento para a CI. E foi a partir dessas observações e considerações iniciais que o projeto de pesquisa, em nível de doutorado, foi apresentado e desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de São Paulo (PPGCI/USP), e resultou na elaboração desta tese.

O que a princípio se apresentou como uma demanda social, a temática de gênero, e que no escopo da OIC até então tinha sido abordado com discussões sobre uso de termos de representação e recuperação de informação e da especificidade informacional dos diferentes grupos de gênero, configurou-se na presente pesquisa com um caráter de contestação do fazer científico baseado em um discurso hegemônico e androcêntrico, a partir da proposta de analisar as questões de gênero no âmbito da CI a partir da perspectiva feminista de ciência, levando as discussões para reflexões sobre as bases epistêmicas e éticas da área.

Em uma perspectiva mais ampla, a pesquisa busca lançar luz sobre o lugar que o fazer científico ocupa nas disputas de poder na sociedade e, convoca a CI, a refletir sobre a responsabilidade ética dos desdobramentos sociais das suas práticas e fazeres, elaborados a partir de suas concepções epistemológicas.

Visando contribuir para o avanço das discussões sobre gênero na área, tomou-se como questionamento central e norteador da tese a seguinte pergunta: Como as questões de gênero permeiam as concepções e o fazer da Ciência da Informação?

Este problema de pesquisa, apresentado no formato de pergunta sintetiza uma problematização muito maior, que extrapola até mesmo o âmbito da CI, ampliando suas discussões para o questionamento acerca do caráter hegemônico, centralizador, antropocêntrico, eurocentrista das concepções epistêmicas do que se entende como ciência e, que conseqüentemente, também norteiam a CI.

Partiu-se do pressuposto teórico pós-moderno e feminista de que as áreas de conhecimento estão em contínua remodelação e que são afetadas por seus objetos e práticas; assim como pelo pressuposto de que os termos de representação da informação têm implicações sociais e interferem na produção do conhecimento; a presente pesquisa buscou por meio da análise da produção científica da área sobre temática de gênero compreender como as questões de gênero afetaram o fazer científico da CI.



Considerando os pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa, trabalhou-se com a hipótese de que é possível propor mudanças de concepções epistêmicas e práticas no contexto da CI, que poderão contribuir para equidade nas relações de gênero, raça e classe na sociedade como um todo.

Com o intuito de compreender como as questões de gênero se apresentam na CI e responder ao questionamento central da pesquisa, a tese tem como objetivo geral analisar pela perspectiva feminista de ciência como a Ciência da Informação aborda as questões de gênero. Já os objetivos específicos são: a) identificar a presença/ausência das concepções epistemológicas de perspectiva feminista de ciência na área e que tenham representação e influência em campo centrais como a OIC; b) mapear e analisar a trajetória das questões de gênero na CI por meio de sua história, produção científica e eventos de divulgação científica; e c) analisar aspectos conceituais e metodológicos dos estudos sobre gênero no âmbito da CI.

Na busca por alcançar os objetivos traçados a pesquisa se caracteriza como bibliográfica e documental. A revisão bibliográfica de temas como estudo de gênero, epistemologia, epistemologia feminista, estudos de gênero e ética na CI e na OIC foi apoiada no método dedutivo-indutivo a fim de fornecer um arcabouço teórico para análise do corpus documental que compõe a pesquisa. E no intuito de circunscrever a análise das temáticas em um suporte material foi realizado o levantamento da produção científica da Ciência da Informação sobre gênero e epistemologia, na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). Outra base utilizada foi *Library & Information Science Abstracts* (LISA), porém só para o levantamento sobre a produção de gênero. Foi feita uma análise qualitativa do corpus, que permitiu elaboração de categorizações dos termos de representação dos itens referente ao corpus sobre Ciência da Informação e gênero.

Para a apresentação da pesquisa realizada, a tese foi organizada em cinco seções, sendo a Introdução a primeira delas, na qual foi apresentado o problema de pesquisa, seus objetivos, a justificativa a partir da área de conhecimento, as hipóteses levantadas, metodologia adotada e alguns esclarecimentos iniciais de ordem metodológica e epistêmica.

Na segunda seção, em uma proposta dialética, buscou-se através da apresentação de pontos específicos da trajetória dos estudos de gênero identificar elementos que possam contribuir com a CI no âmbito das discussões encaminhadas

pela OIC, de maneira que não se objetivou uma cobertura histórica exaustiva sobre os estudos de gênero.

Na terceira seção observa-se os impactos das discussões feministas na construção do conhecimento, com a proposta de uma perspectiva feminista de ciência e da Epistemologia Feminista. Para tanto foi necessário recorrer a um recorte sobre epistemologia e conhecimento para que fosse possível circunscrever as considerações da epistemologia feminista no debate epistêmico das ciências como um todo.

Na quarta seção foi direcionado a observação e reflexão sobre as questões de gênero ao contexto da CI, por meio da análise qualitativa da produção científica da área sobre gênero. Nesta seção, apresenta-se o caminho metodológico adotado para o levantamento do *corpus* de análise e o material a partir do referencial teórico da pesquisa.

Já na quinta seção os resultados são discutidos à luz do referencial teórico da pesquisa a fim de ampliar a análise e promover reflexões sobre as questões de gênero no âmbito da CI em uma perspectiva de contribuição da área, tanto em aspectos teóricos e práticos de abordagem dessas questões quanto no que diz respeito a sua responsabilidade social, que pode contribuir para a diminuição das desigualdades de gênero, raça e classe na sociedade.

Na sexta seção são aprestadas as considerações finais da pesquisa retomando a questão que norteou a elaboração dessa tese e indica-se possíveis caminhos para pesquisas futuras, e por fim, seguem as referências bibliográficas.

As reflexões desenvolvidas ao longo das seções acerca das questões de gênero na CI contribuíram para evidenciar suas implicações na constituição e no fazer da área, que teve sua trajetória, enquanto campo de conhecimento e, seus resultados/produtos, ou seja, o conhecimento produzido, diretamente afetados, evidenciando assim implicações sociais éticas dessa discussão.

Ainda que por muito tempo essas implicações tenham sido negligenciadas, por desconhecimento ou por decorrência de concepções epistêmicas e/ou sociopolíticas (uma vez que não há ciência neutra), busca-se evidenciar que elas sempre estiveram lá. Ou melhor, sempre estiveram aqui.

Antes do final dessa introdução, cabe alguns esclarecimentos acerca de duas escolhas metodológicas, e necessariamente de caráter epistêmico. A primeira delas é que as questões de gênero serão apresentadas, discutidas e analisadas a

partir da compreensão de gênero enquanto categoria de análise, não sendo discutido a partir das diferentes formas de performatividade de gênero, ora identificada pela sigla LGBTQIAP+. Ciente da importância do nomear e da linguagem como instrumento de produção e reconhecimento da realidade, tal escolha visa permitir análises da temática de gênero em categorias analíticas operadas no debate acadêmico e científico. De forma que a categoria de análise gênero, como ficará explicitado ao longo da tese, carrega hoje em si as diferentes formas de performatividade.

Segundo ponto a ser esclarecido diz respeito a linguagem adotada na redação da tese. É impossível escrever um texto sobre gênero em uma perspectiva feminista de ciência e não considerar a linguagem a ser adotada, em um cenário no qual o debate sobre a linguagem neutra está cada vez mais presente. O uso da linguagem a ser adotada na redação da tese foi uma preocupação pessoal desde o início da pesquisa em 2017. Optou-se por não a adotar na redação do texto final pelo entendimento de que essa discussão está em curso e não compõem o primeiro plano do escopo da pesquisa. Ainda assim acredita-se que as discussões aqui encaminhadas poderão contribuir para esse debate.

Feitos o esclarecimento, segue-se para o fechamento dessa introdução. Ao final dessa tese espera-se as questões de gênero na CI sejam compreendidas não somente como uma temática, circunscrita no tempo e no espaço, que diz respeito a determinados sujeitos, mas sim, como um aspecto a ser considerado à todo o tempo nas mais diversas análises acerca do objeto informação e que a perspectiva feminista de ciência, integre de foram consistente e nomeada as bases epistêmicas e o fazer científico da Ciência da Informação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais plural e equitativa.

## 2 OS ESTUDOS DE GÊNERO: POSSIBILIDADES DE ANÁLISE PARA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Para iniciar as discussões sobre estudo de gênero e suas possibilidades de análise para CI e para Organização do Conhecimento, foi necessário buscar subsídios em diferentes áreas, uma vez que esse tema vem sendo alvo de discussão na sociedade e objeto de investigação de diferentes áreas do conhecimento.

Nesse sentido, pode-se dizer que a característica interdisciplinar dos estudos de gênero é comum também às pesquisas epistemológicas desenvolvidas no âmbito Ciência da Informação. Isso ocorre por conta de alguns aspectos da própria constituição histórico-epistemológica da área, evidenciados por exemplo, por sua natureza interdisciplinar (SARACEVIC, 1995; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2001; TARGINO, 1995), pelo trabalho com diferentes domínios (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJØRLAND, 2004; GUIMARÃES, 2014), e pelas diversidades temáticas (MIRANDA; BARRETO, 2000; SOUZA, 2011). No entanto, cabe ressaltar que apesar dessas características da CI possibilitarem o trabalho com temáticas interdisciplinares como a temática de gênero, tal característica se apresenta como um desafio, pois trata-se de um tema sensível na sociedade atual, especialmente, de um ponto de vista ético.

Encontrou-se muitos trabalhos sobre gênero, em grande parte desenvolvidos no escopo da organização e recuperação da informação e conhecimento, e que abordavam questões referentes a terminologias e nomenclaturas utilizada nos escritos sobre a temática. Algumas discussões desenvolvidas dizem respeito a participação das mulheres no mundo científico e acadêmico. Essa característica da produção científica, se apresenta como parte dos resultados da pesquisa.

Dessa forma, a fim de ampliar o conhecimento sobre as discussões acadêmico-científicas da temática de gênero em suas análises terminológicas, conceituais e discursivo-pragmáticas, buscou-se estabelecer, dentro da perspectiva de interesse da CI e da OIC, um panorama do entendimento sobre *gênero* e sua constituição enquanto objeto de estudo nas Ciências Humanas e Sociais.

Inicia-se o panorama sobre gênero com a apresentação do estudo clássico de Joan Scott, *Gênero, como categoria de análise histórica*, que sintetiza como se

deu o surgimento e fortalecimento do termo gênero nos estudos das Ciências Humanas, sobretudo nas Ciências Sociais e na História.

A construção do panorama segue com a discussão da construção relacional do termo e do conceito de gênero, sendo apresentado a partir da literatura analisada, o espaço paradigmático do campo de pesquisa de gênero inserido no contexto de uma construção psicossocial de tensão entre diferentes agentes, o que o torna um “objeto” de disputa e de poder.

Por fim, são discutidos os possíveis impactos resultantes dos estudos sobre mulheres e gênero nas concepções científicas, as mudanças de paradigmas e novas configurações epistêmicas do fazer científico e que são determinantes para os estudos especializados como da CI e da Organização do Conhecimento.

## 2.1 Gênero como categoria de análise

Começar com as definições e o significado da palavra gênero (Quadro 1) é uma escolha metodológico que nos apresenta sua classificação gramatical, sua etimologia, algumas definições e usos correntes.

**Quadro 1 – Definição de gênero**

	Dicionário Online	Michaelis online	Wikipédia
Gênero	<p>substantivo masculino</p> <p>Conceito generalista que agrega em si todas as particularidades e características que um grupo, classe, seres, coisas têm em comum.</p> <p>[Biologia] Grupo da classificação dos seres vivos que reúne espécies vizinhas, aparentadas, afins, por apresentarem entre si semelhanças constantes; família, raça: o lobo é uma espécie do gênero <i>canis</i>.</p> <p>Maneira de ser ou de fazer; estilo, tipo: é esse o seu gênero de se vestir?</p> <p>Diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o</p>	<p>sm</p> <p>1 Conceito de ordem geral que abrange todas as características ou propriedades comuns que especificam determinado grupo ou classe de seres ou de objetos.</p> <p>2 POR EXT Grupo de seres ou objetos de mesma origem, de iguais ou semelhantes características essenciais ou de uma ou mais particularidades similares.</p> <p>3 POR EXT Caso particular de algo genérico; espécie, sorte, tipo: “O metódico rapaz sempre tivera paixão por esse gênero de trabalho. – Se fosse rico – afirmava ele –, muito prédio havia de fazer, só pelo gostinho de acompanhar as obras!” (AA2).</p> <p>4 BIOL Grupo morfológico ou categoria taxonômica que reúne espécies filogeneticamente</p>	<p>Gênero (português europeu) ou gênero (português brasileiro) é uma gama de características pertencentes e diferenciadas entre a masculinidade e a feminilidade. Dependendo do contexto, essas características podem incluir o sexo biológico: como o estado de ser do sexo masculino, do sexo feminino, ou uma variação intersexo (que pode complicar a atribuição do sexo). Também poderá incluir as opressões sociais baseadas no sexo, incluindo papéis sexuais e outros papéis sociais, e a identidade de gênero. Algumas culturas têm papéis de gênero específicos que podem ser considerados distintos das categorias "homem" e "mulher", como a hijra na Índia e Paquistão. Em culturas Ocidentais, aqueles</p>

	<p>papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais.</p> <p>[Gramática] Categoria gramatical que se baseia na diferenciação entre masculino, feminino e neutro.</p> <p>Expressão</p> <p>Gênero literário.</p> <p>Variedade da obra literária, classificada de acordo o assunto, o modo de o tratar, o estilo, a estrutura e as características formais da composição: gênero lírico, gênero épico, gênero dramático.</p> <p>Gênero humano.</p> <p>Designação da espécie humana, do homem.</p> <p>Gênero de vida. Modo de viver, de proceder; tipo de vida.</p> <p>Etimologia (origem da palavra <b>gênero</b>). Do latim <i>generu</i>, <i>genere</i>, "nascimento, origem".</p>	<p>relacionadas, diferentes das demais por traços específicos, e que integra a principal subdivisão das famílias.</p> <p>5 ART PLÁST Cada uma das categorias de classificação das obras de arte, segundo os diferentes critérios de estilo, época, autor, técnica etc.</p> <p>6 GRAM Categoria linguística que estabelece a distinção entre as classes de palavras, baseada na oposição entre masculino, feminino e neutro, animado e inanimado, contável e não contável etc.; estabelecida por convenção, essa distribuição das palavras nessas categorias pode ou não obedecer a noções semânticas, como, por exemplo, em galo/galinha, em que a oposição se sustenta na diferença de sexos, designando macho e fêmea, sendo as palavras, respectivamente masculina e feminina; entretanto, outras palavras podem permanecer alheias a tal critério distintivo, como, por exemplo, em lápis (masculino) e caneta (feminino).</p> <p>7 GEOM Diferença entre o número máximo de pontos duplos que uma curva unicursal pode ter e o número dos que ela realmente possui; deficiência.</p> <p>8 GEOM Metade do número de cortes que precisam ser feitos em uma superfície para que ela se torne simplesmente conexa.</p> <p>9 LIT Cada um dos modos pelos quais os diferentes conteúdos literários se organizam em determinada forma de expressão com características específicas, como o lírico, o épico e o dramático, conforme a primeira e mais tradicional divisão feita por Aristóteles em Arte poética. [Embora a questão da definição dos gêneros seja objeto de muita controvérsia entre os críticos e historiadores da literatura, as teorias de Aristóteles ainda são amplamente aceitas; hoje, entretanto, com o quase desaparecimento do gênero épico, impõe-se o problema do gênero narrativo que, possivelmente, teria surgido a partir do desenvolvimento do gênero épico.]: "E o mesmo medo que me impediu de incorporar uma vela, uma pobre vela, ao meu primeiro texto jornalístico – o mesmo medo,</p>	<p>que não se identificam como "homens" e "mulheres" costumam ser chamados de gênero não-binário ou gênero fluido.</p> <p>O sexólogo John Money introduziu a distinção terminológica entre sexo biológico e gênero como um papel social em 1955. Antes de seu trabalho, era incomum usar a palavra "gênero" para se referir a qualquer coisa, exceto categorias gramaticais. No entanto, o significado da palavra dado por Money não se generalizou até a década de 1970, quando as teorias feministas abraçaram o conceito da distinção entre o sexo biológico e a construção social de gênero. Hoje, a distinção é rigorosamente seguida em alguns contextos, principalmente nas ciências sociais e em documentos escritos pela Organização Mundial de Saúde (OMS).</p> <p>Em outros contextos, incluindo algumas áreas das ciências sociais, gênero inclui sexo ou o substitui. Por exemplo, em pesquisas com animais, gênero é geralmente utilizado para se referir ao sexo biológico dos animais. Essa mudança no significado de gênero pode ser atribuída na década de 1980. Em 1997, a Food and Drug Administration (FDA) começou a usar gênero em vez de sexo. Depois, em 2011, a FDA modificou sua posição e começou a usar sexo como classificação biológica e gênero como "auto representação de uma pessoa como homem ou mulher, ou como essa pessoa é respondida por instituições sociais com base na apresentação de gênero do indivíduo."</p> <p>As ciências sociais têm um ramo dedicado aos estudos de gênero. Outras ciências, como sexologia e neurociência, também são interessadas no assunto. Embora as ciências sociais às vezes abordem o gênero como uma construção social, e os estudos de gênero geralmente abordam dessa forma, a pesquisa nas ciências naturais investigam se diferenças biológicas em homens e mulheres</p>
--	--	--	---

		<p>dizia eu, impediu-me de inaugurar um gênero dramático” (NR).</p> <p>10 Estilo característico de um artista ou escritor, que distingue suas obras daquelas de outros artistas e escritores: Seu texto tem um gênero semelhante ao de Rubem Fonseca.</p> <p>11 RET Divisão e classificação dos discursos, de acordo com os fins que se têm em vista e os meios empregados.</p> <p>12 FILOS Na lógica aristotélica, qualquer classe de indivíduos constituída por atributos em comum, possível de subdivisão em classes mais restritas, que, em relação à primeira, são chamadas de espécies.</p> <p>13 MÚS Na teoria grega, modo de distribuição dos intervalos dentro de um tetracorde.</p>	<p>influenciam o desenvolvimento do gênero em humanos.</p>
--	--	---	--

Fontes: Dicionário Online de Português, Michaels online e Wikipédia<sup>1</sup>.

No entanto, se considerar a abrangência do significado de gênero na *Wikipédia*, isso não permite compreender toda a complexidade de significados e conceitos que essa palavra pode adotar nos seus diferentes contextos de uso, especialmente de um ponto de vista conceitual e terminológico conforme apresentado em estudos da área de Organização do Conhecimento. Inicialmente, se entende à palavra “gênero” e o que é entendido pelo conceito de gênero.

De acordo com Lara (2002, p. 136),

A palavra é uma unidade do léxico de uma língua; a representação do léxico constitui o dicionário da língua. O empreendimento de organizar sistematicamente o léxico de uma língua é muito difícil, senão inviável, pelo seu tamanho e pela dificuldade em dar conta das várias possibilidades de sentido. Já o termo é uma unidade da terminologia. Seu significado é fixado no interior de um domínio dado, ou seja, corresponde à palavra contextualizada no uso (no discurso) de determinado campo do saber (LE GUERN, 1989). O significado de um termo é delimitado pelas relações que estabelece com os outros termos do mesmo domínio (fixado no processo definicional, para facilitar a comunicação).

Tendo como objetivo compreender como a temática gênero e seus estudos podem contribuir para OIC, a diferenciação apresentada por Lara (2002) sobre

<sup>1</sup> A definição de gênero no Dicionário Online de Português está disponível em: <https://www.dicio.com.br/genero/>. A definição retirada do Dicionário Michaelis online pode ser acessada em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/g%C3%A9nero/>. E o significado de gênero retirado da Wikipédia pode ser consultado em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%A9nero>.

palavra e termo pode indicar uma possibilidade de abordagem terminológica inicial, que contribui para elaboração de instrumentos de representação e recuperação de informação nas suas formas diversas, tais como terminologias, ontologias, vocabulários controlados, linguagens documentárias.

Nesse sentido, identifica-se que a característica polissêmica da palavra “gênero” apresenta dificuldades de definição semelhantes àquelas que foram encontradas para definição de informação enquanto objeto da CI e, que recorrentemente volta aos tópicos de discussão da área diante da necessidade de aprimoramento da mesma.

Mas antes de enveredar por uma ou outra abordagem, que são específicas da CI e da Organização do Conhecimento, faz-se necessário compreender o caminho percorrido pela temática de gênero nas Ciências Sociais e Humanas.

O uso da definição dicionarizada para iniciar o tópico, além de um recurso metodológico de introdução e problematização do tema, também permite uma aproximação em forma e abordagem do clássico estudo de Joan Scott, “Gênero como categoria de análise sobre gênero”, que foi publicado em 1995. Nele a autora usa a definição de gênero do *Fowler’s Dictionary of Modern English Usage*, edição de 1940, como epígrafe. Na referida obra a palavra “gênero” é apresentada apenas com um termo gramatical, e que o seu uso para se referir às “criaturas” do sexo masculino ou feminino não passaria de uma brincadeira ou um equívoco.

Gênero (gender), s., apenas um termo gramatical. Seu uso para falar de pessoas ou criaturas do gênero masculino ou feminino, com o significado de sexo masculino ou feminino, constitui uma brincadeira (permissível ou não, dependendo do contexto) ou um equívoco (FOWLER, 1940 *apud* SCOTT, 1995, p.71)

Vale destacar ainda a partir da referida definição do dicionário que à época de sua escrita, e em certa medida até os dias de atuais (Quadro 1), o uso do termo gênero como termo gramatical ocorre com regras gramaticais consensuais que acabaram por aproximar da distinção feita pela categoria sexo, onde se encontra a divisão masculino e feminino.

Só mais tarde o uso do termo gênero se distanciou do entendimento binário do sexo biológico. Isso aconteceu dentro do contexto das lutas feministas da década de 1960, onde o gênero foi entendido a partir de uma concepção abrangente.



Na sua utilização mais recente, o termo 'gênero' parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como 'sexo' ou 'diferença sexual'. O termo 'gênero' enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade (SCOTT.1995, p. 72).

Foi a partir do movimento feminista da década de 1960 que as percepções e o entendimento sobre gênero começaram a ser ampliadas.

A análise se deslocou do estudo do sexo como variável independente (o sexo biológico como fonte das diferenças observadas entre homens e mulheres) e da comparação entre os papéis masculinos e femininos, para se ocupar do gênero como construto social e da aquisição da masculinidade e da feminilidade (JUTEAU, 2009, p. 92).

As implicações do entendimento da construção social do gênero acabaram levando ao entendimento de que a ideia de sexo também seria uma construção ou resultado da própria ideia de gênero. Nas palavras de Juteau (2009, p.93) “é o gênero que cria o sexo, e não o inverso”.

Os questionamentos e debates levantados pelo movimento feminista, sobretudo em sua vertente americana, fez com que o tema gênero ganhasse força nas discussões acadêmicas a partir da década de 1970<sup>2</sup>.

É nesse período que os estudos sobre gênero ganharam força em algumas áreas das Ciências Humanas, como por exemplo na História, com pesquisas nas quais as mulheres passam a ser objeto de estudo e sujeitos históricos. Esse movimento ocorre a partir da História Nova, que na década de 1970 surge como corrente histórica que, além de abrir espaço para novas temáticas, abordagens e métodos, cria novos domínios como "dos marginalizados" e "das mentalidades" (LE GOFF, 1994). Como exemplo dos trabalhos que surgem nesse contexto, pode-se citar “Os excluídos da História - Operários, Mulheres e Prisioneiros”, de Michelle Perrot (2017), que teve sua primeira versão publicada em 1988.

A partir dos estudos referenciais sobre o tema mulher e gênero é possível perceber que até a década de 60 do século XX, o termo “mulher” é quase que

---

<sup>2</sup> As décadas de 60 e 70 do século XX foram períodos de grandes movimentações sociais. Nesse trabalho nos interessa aquelas que acabaram por promover implicações mais diretas no mundo acadêmico e científico, especificamente no que diz respeito à Ciência da Informação e à Organização do Conhecimento, que surgia como área de conhecimento nesse período. Essa situação é problematizada mais adiante na pesquisa.

exclusivo na representação desses estudos, e na década de 1970 o termo “gênero” surge já com volume significativo nessa representação.

Scott (1995) destaca em seu texto que as pesquisadoras que trabalhavam com as temáticas de mulher e gênero tinham consciência do impacto dessas temáticas nas metodologias e paradigmas das suas respectivas áreas de conhecimento.

[...] 'gênero' era um termo proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares. As pesquisadoras feministas assinalaram desde o início que o estudo das mulheres não acrescentaria somente novos temas, mas que iria igualmente impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente (SCOTT,1995. p.73).

Neste ponto, pode-se destacar dois aspectos aos quais deve-se estar atento para pensar a relação entre a trajetória dos estudos de gênero e a OIC. O primeiro é o surgimento do termo “gênero” para identificar os estudos, e o segundo, a escolha consciente das pesquisadoras pelo emprego do termo como forma de ligar o conteúdo das suas pesquisas à mudança de método e paradigma.

A década de 1970 foi a época de incorporação da identificação de trabalhos antes referenciados apenas como estudo sobre mulheres para o acréscimo ou até substituição pelo termo gênero. Esse movimento atingiu a linguagem de especialidade de diferentes áreas das Ciências Humanas.

Nesse processo pode-se identificar o que Sager (1980) afirmava sobre as mudanças ocorridas nas linguagens de especialidade ao salientar que as linguagens de especialidade eram o resultado de consensos conceituais existentes dentro do campo científico ou tecnológico e que sofriam alterações tanto por criação de novas teorias quanto pela identificação de novos fenômenos. Especificamente em relação ao surgimento de novos termos em uma área, Sager (1980) afirmava que quando maior o conhecimento produzido por uma área, maior era a tendência em se criar novos termos.

Tal situação é especialmente importante, uma vez que a OIC faz uso (ainda que não exclusivamente) das linguagens de especialidade na construção dos instrumentos de representação e recuperação de informação de diferentes domínios. E ainda que esse fenômeno seja previsto, existe um tempo de consolidação do uso dos novos termos dentro uma área para que eles apareçam nos instrumentos de representação e recuperação. Todo esse processo leva muito tempo, e essas

mudanças acabam por chegar atrasadas nos instrumentos de representação e recuperação, o que acaba por interferir diretamente na precisão das informações recuperadas<sup>3</sup>.

O outro aspecto da mudança do uso do termo “mulher” para gênero é o indício da demonstração da consciência das pesquisadoras em estar levando a curso mudanças metodológicas e paradigmáticas que iriam mudar as áreas de conhecimento nas quais estavam inseridas. Essa consciência da dimensão das implicações dessa escolha “terminológica” na produção do conhecimento é indicativo tanto da força do movimento como da impossibilidade do mesmo ser ignorado pela comunidade científica mais ampla da época. De forma que o mesmo que tal fenômeno só pudesse ser ignorado por meio de uma atitude deliberada e consciente.

Também essa consciência das pesquisadoras sobre o uso dos termos “mulher” e “gênero”, não apenas como consequência da abordagem que davam aos seus estudos, é a ideia de que com essas escolhas estavam marcando posição com quem e com qual perspectiva de análise queriam ser associadas.

Refletir sobre os textos e escritores (cientistas, jornalistas e pesquisadores), é refletir sobre a relação entre um grupo e a comunidade mais ampla. É colocar em questão o processo, para obter o conhecimento. É refletir sobre as estratégias linguísticas dos autores e suas motivações/objetivos (por exemplo: nomear, utilizando termos novos ou empregando termos já existentes; escolhas efetuadas para a comunicação com não-especialistas, etc) (GALVÃO, 2004, p. 248-249).

Essa situação pode ser considerada como um exemplo da importância dos estudos sobre linguagens de especialidade que considerassem em suas análises as estratégias adotadas pelos pesquisadores nas suas escolhas linguísticas, como o que prevê a abordagem dos estudos na Socioterminologia (FAULSTICH, 1995; GAUDIN, 2003, 2014).

Com o avanço dos estudos de gênero na década de 1980, nota-se um movimento de substituição do uso do termo “mulher” pelo termo “gênero” nos trabalhos com a intenção de buscar de legitimidade. Àquela altura, o uso do termo gênero aparentava ser “mais” neutro e científico do que o termo “mulher”.

---

<sup>3</sup> Essa dificuldade de recuperação de trabalhos a partir das linguagens de representação e recuperação foi enfrentada durante a pesquisa e será discutida no tópico sobre metodologia.

Nessas circunstâncias, o uso do termo 'gênero' visa sugerir a erudição e a seriedade de um trabalho, pois 'gênero' tem uma conotação mais objetiva e neutra do que 'mulheres'. 'Gênero' parece se ajustar à terminologia científica das ciências sociais, dissociando-se, assim, da política (supostamente ruidosa) do feminismo. Nessa utilização, o termo 'gênero' não implica necessariamente uma tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem tampouco designa a parte lesada (e até hoje invisível). Enquanto o termo 'história das mulheres' proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo 'gênero' inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. Esse uso do termo 'gênero' constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80 (SCOTT,1995, p.75).

A essa busca de neutralidade e cientificidade por meio das palavras e/ou termos empregados nas discussões sobre gênero na ciência, Schienbinger (2001, p. 32) diz que as discussões sobre gênero e ciência foram despolitizadas na década de 1990 e lembra que a revista *Science*, em 1993, publicou um editorial com o título "Existe um 'estilo' feminino na ciência?". Para a autora, a escolha do termo feminino era na verdade uma não escolha pelo termo feminista, e acabaram implicitamente vinculando o estilo científico ao sexo biológico, ao invés de uma relação com a perspectiva política. Pode-se considerar esse episódio da revista como uma situação que evidencia como os avanços nas discussões sobre gênero evoluem em espiral e em tempos diferentes entre às áreas de conhecimento.

Nesse sentido vale lembrar, que nas ciências biológicas a discussões sobre gênero, sexo biológico e determinismo biológico também eram acaloradas e passavam por debates de conceitos e nomenclatura na produção e construção do conhecimento.

A bióloga e pesquisadora feminista Evelyn Fox Keller, em seus estudos sobre gênero, destacou a importância do "nomear" a natureza. Keller (1985, p.193) afirma que "*naming nature is the special business of science. Theories, models, and descriptions are elaborated names. In these acts of naming, the scientist simultaneously constructs and contains nature*".

Essa afirmação é mais um indício de que as cientistas feministas tinham consciência da importância dos termos usados e refletiam sobre a construção e uso dos termos em biologia, sobretudo, nos estudos sobre sexo e gênero.

Voltando então para a trajetória dos estudos de gênero, pode-se afirmar, a partir da bibliografia analisada, que entre as mudanças nos estudos de gênero que ocorrem na década de 1970, a de maior impacto é a compreensão e

operacionalização do gênero como uma categoria de análise. Scott (1995) afirma que “[...] a preocupação teórica com gênero como categoria analítica só emergiu no fim do século XX”, ressaltando que esta esteve ausente das principais abordagens de teoria social formuladas desde o século XVIII até o início do século XX.

A partir dessa compreensão de gênero como categoria de análise, “gênero” passou a ser associado com outras categorias analíticas, como classe e raça. O livro, *Mulheres, Raça e Classe*, de Angela Davis (2016), publicado pela primeira vez em 1981, é um marco na abordagem interseccional dos temas mulher, raça e classe, no qual a autora analisa, entre outros fenômenos, o movimento pelo sufrágio feminino no contexto americano e discute questões sobre racismo, natalidade e direito reprodutivo.

Como ficou evidenciado até aqui, o caminho percorrido pelos estudos de gênero foi longo, conturbado e não linear. As discussões sobre a temática de gênero tiveram sua gênese no movimento feminista. A sua inserção no mundo acadêmico e científico contribuiu para sua maior elaboração conceitual, e também afetou, em alguma medida, o fazer científico de diversas áreas.

A trajetória do gênero enquanto categoria analítica da sociedade ainda está em curso, e mais do que definir um conceito para esse termo, é necessário conhecer a trajetória de construção e reformulação dos entendimentos e usos desse conceito, tendo em vista que qualquer conceituação que se adote, ainda que para uso didático ou analítico, poderá incorrer em desdobramento sociais reais que afetam a vida dos sujeitos.

Ainda que a análise proposta até aqui não permita categorizar os estudos de gênero dentro de etapas clássicas das mudanças paradigmáticas e científicas, como as propostas por Kuhn (2005)<sup>4</sup>, é possível sustentar que mudanças significativas ocorrem no fazer científico a partir das discussões sobre gênero.

Como buscou-se apresentar ao longo dessa exposição a possibilidade de estabelecer pontos de interesse da CI e da OIC com a trajetória dos estudos de gênero, problematizando aspectos do surgimento da temática, tais como: A qual domínio pertence? Onde se encaixa nas formas de organização e representação já existentes? Será que constitui um novo domínio?” Aspectos da linguagem: Quais

---

<sup>4</sup> Para Kuhn (2005), as revoluções científicas seguiriam uma cadeia evolutiva com as seguintes fases/etapas: fase pré-paradigmática, ciência normal, crise, revolução, nova ciência normal. Sendo que a nova ciência quando em tivessem seus paradigmas questionados, entrariam em crise e daria início a um novo ciclo revolucionário.

são os termos usados? Quais conceitos esses termos carregam? Quando incorporar esses termos nos instrumentos de representação? Aspectos sociais: Quais as implicações sociais da organização e representação das informações ligadas a essa temática? Como os pesquisadores se relacionam na com a produção de conhecimento nessa temática?

E se for pensar em aspectos mais amplos, direcionando, assim, a análise da trajetória dos estudos de gênero e suas implicações na CI enquanto área de conhecimento, pode-se fazer a seguinte pergunta: Como as discussões sobre gênero, que tomam forma e envergadura no mundo acadêmico e científico na década de 1970 afetam a CI, por sua vez se constitui como área de conhecimento no mesmo período?

Outros elementos da pesquisa precisam ser apresentados e debatidos, para que se possa subsidiar as reflexões que iriam sustentar uma possível resposta à essa pergunta.

## *2.2 O gênero antes do gênero: Orlando e o segundo sexo*

A temática de gênero ganha espaço nos debates sociais a partir da década de 1960 com o movimento feminista, e adentra o mundo acadêmico-científico de maneira mais incisiva na década de 1970. No entanto, é sabido que muito antes desse período algumas questões sobre o escopo do que vem a ser gênero hoje já eram abordadas e problematizadas em diferentes escritos, mas sem o uso da palavra gênero.

Na perspectiva da OIC, a ausência da palavra ou termo, é algo que deve ser considerado para aspectos de representação da informação, ainda que não de maneira exclusiva, pois é preciso considerar instrumentos de representação que as palavras irão subsidiar a escolha dos termos e suas definições para que só então os termos sejam estruturados em uma linguagem de representação (LARA, 2007).

Como dito anteriormente, o entendimento de gênero como algo que se constrói e se manifesta nas relações é anterior ao emprego do termo gênero. Se fizer uma leitura dos escritos que tratam da temática de gênero sem mesmo usarem esse termo, teria-se um recuo temporal grande e uma diversidade de escritos.

Destacam-se duas obras que são importantes para as discussões sobre gênero e que são de um período anterior ao emprego da palavra no sentido aqui adotado. São elas “Orlando”, de Virgínia Wolf, publicado em 1928, e “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir. Primeiro, irá focar nas contribuições dessas obras para as discussões sobre gênero e depois verificar como são representadas e recuperadas pelos instrumentos de recuperação.

A obra de Virginia Wolf, “Orlando”: uma biografia, publicada originalmente em 1928, é um texto literário do gênero romance-histórico e semibiográfico, no qual traz em parte a vida de Vita Sackville-West, com quem a autora se relacionou amorosamente.

Ao descrever a história de Orlando, um jovem inglês, que em um determinado momento acorda mulher, e vivência com naturalidade essa mudança, Virgínia Woolf pronuncia alguns pontos que seriam pontos de afirmação e que mais tarde se tornariam alvo de debates no que diz respeito a construção social do gênero.

Por exemplo, podemos observar que Orlando escondia seus manuscritos quando era interrompida[...]. A modéstia quanto aos seus escritos, a vaidade quanto à sua pessoa, o medo quanto à sua segurança, tudo parece indicar que o que foi dito há pouco a respeito de não haver diferença entre Orlando homem e Orlando Mulher estava deixando de ser totalmente verdade. Ela estava se tornando um pouco mais modesta, como são as mulheres, em relação à sua pessoa. Certas suscetibilidades estavam se impondo e outras estavam regredindo (WOOLF, 2019, p.179-80).

Nesse trecho, ao descrever as mudanças que ocorriam em Orlando, quando passa a ser "mulher", Virgínia aponta as características que a sociedade da época descrita, século XIX, esperava de uma mulher. Mais adiante, vai dizer que a mudança de Orlando homem para Orlando mulher se deu por escolha, e que essa escolha vai muito além da escolha por um vestido de mulher, mas que se trata da escolha pelo sexo de mulher.

A diferença entre os sexos, por sorte, tem grande profundidade. As roupas são apenas um símbolo de algo oculto bem lá no fundo. Foi uma mudança na própria Orlando que ditou sua escolha por um vestido de mulher e pelo sexo de mulher. E, talvez, nisso, ela estivesse apenas exprimindo mais abertamente do que o normal - abertura era de fato o âmago de sua natureza - algo que ocorre com a maioria das pessoas sem ser expresso com essa clareza. Isso porque, aqui chegamos a um dilema. Apesar de serem diferentes, os sexos se misturam. Em todo ser humano ocorre uma vacilação entre um sexo e o outro e, muitas vezes, apenas as roupas é que conservam a semelhança masculina ou feminina, ao passo que, por baixo, o sexo é o exato oposto do que está por cima (WOOLF, 2019, p.180-181).

Pelos trechos citados da obra Virgínia Woolf (2019), nota-se o uso da expressão “sexo de mulher”, que em um olhar superficial pode levar a uma associação entre o sexo biológico e o que é ser mulher. Mas uma leitura atenta dos mesmos trechos, revelam questões como o que se espera do ser mulher, suas características, que as mudanças de sexo são possíveis, que as roupas são apenas símbolos, e que o sexo muitas vezes não corresponde à imagem externa da pessoa.

No que diz respeito à discussão do uso de palavras que estariam relacionadas as questões de gênero, Virginia Woolf faz uso das palavras homem, mulher, feminino, masculino e sexo, de maneira a construir seus significados conforme o contexto no qual aparecem, ora os aproximando de aspectos biológicos, ora de aspectos sociais e muitas vezes os associando a aspectos subjetivos.

Orlando a partir das suas possíveis contribuições para discussões sobre gênero é preciso considerar que se trata de um texto literário, e que apesar de trazer questões pujantes da sociedade, transcritas a partir da vida do casal, Virgínia e Vita, à medida que a obra tem um caráter semibiográfico. Esta não é uma obra escrita deliberadamente para debater ou delimitar gênero, mas está repleta de passagens que promovem reflexões acerca do entendimento atual, ainda que sua permeabilidade social e acadêmica no debate seja menor do que a próxima obra que irá abordar.

Ainda que o autor não traga no seu texto o uso da palavra “gênero”, a obra de Simone de Beauvoir, publicada originalmente em 1949, “O Segundo Sexo” é um marco nos escritos sobre gênero.

**Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.** Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro* (BEAUVOIR, 2016, p.11, grifo nosso).

A frase emblemática da obra, que por muito tempo foi bandeira do movimento feminista, já traz em si a gênese da compreensão do gênero como construção relacional. O "torna-se" indica que o "ser mulher" não é um dado prévio,



mas um processo, um caminho, que por fim culminará em tornar um ser em mulher<sup>5</sup>. Mas ainda para Simone de Beauvoir, o ser se apresenta em um corpo, e o corpo por sua vez é "uma situação", já carregada de significados culturais.

Simone de Beauvoir, ao tratar da questão da mulher, já apresenta a gênese do que hoje entende-se como a construção relacional do gênero. No trecho citado o conjunto da civilização contribui para construção do "feminino", mas no restante da obra "O Segundo Sexo", são diversos os exemplos de situações que o contexto social no qual está inserida age na configuração do que vem a ser "mulher". O leque de contextos descritos por Beauvoir (2016) vai do universo dos contos de fadas na infância, passa pelas visões sobre a sexualidade lésbica vista na dualidade das categorias masculina-feminina, e chega até o papel da mãe e da prostituta.

Retomando a citação inicial de Simone de Beauvoir, um dado importante da construção relacional do gênero é a presença concomitante dos jogos das relações de poder<sup>6</sup>. Em sua argumentação, a mulher foi historicamente construída como o outro do homem e o sexo feminino é o segundo em ordem e hierarquia em relação ao sexo masculino. Por toda sua obra, Simone de Beauvoir tenta mostrar como essa construção se deu na história da mulher.

Uma leitura mais atenta de Simone de Beauvoir, em "O Segundo Sexo", faz com que se levante ressalvas sobre o quanto esse "torna-se" é de fato pautado por elementos externos, aqui entendidos como relações pessoais individuais e coletivas, no âmbito privado e público. Os críticos de Simone de Beauvoir dizem que em sua abordagem interpretativa, de maneira incipiente, aparece a ideia de uma essência feminina.

Beauvoir (2016) faz uma ressalva explícita em relação a isso na introdução do segundo volume da obra "O Segundo Sexo", ao dizer que quando emprega as palavras "mulher" ou "feminino" não se refere evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável e que após a maior parte de suas afirmações cabe subentender que remetem ao "estado atual" da educação e dos costumes.

---

<sup>5</sup> Optou-se por não fazer a distinção do uso dos termos "mulher" e "homem" ou "macho" e "fêmea" para indicação dos sexos masculino e feminino. Como veremos essas são também construções sociais. O entendimento deve-se pela contextualização do texto, respeitando assim a historicidade dos termos empregados nas obras referenciadas e na manutenção a discussão em aberto na escolha dos termos no presente texto.

<sup>6</sup> A ideia de relação de poder estabelecida entre os gêneros é a base da discussão que buscamos apresentar na pesquisa sobre o caminho percorrido pelas discussões de gênero no mundo acadêmico-científico e suas implicações no fazer científico.

Por tratar especificamente da situação da mulher e por se tratar de um trabalho mais recuado temporalmente, *O Segundo Sexo*, apresenta limites evidentes no que diz respeito a nossa temática.

Apesar de serem obras importantes no histórico das discussões de gênero, “*Orlando: uma biografia*” e “*O Segundo Sexo*” são indexadas nos instrumentos de representação e recuperação da informação de maneira bem diferente, aparentemente respeitando as características e usos correntes dessas obras.

No caso de “*Orlando: uma biografia*”, a obra é indexada no campo Assunto da base de dados Dedalus, apenas como Literatura Inglesa e Romance e “*O Segundo Sexo*”, Ensaio Literário, Feminismo, Mulheres e Sociologia (DEDALUS, 2023). O que pode inferir dessa forma de representação a partir do exemplo da base Dedalus, é que a representação, ao menos dessas obras, acaba por privilegiar as características da produção inicial das obras, deixando de lado aspectos dos usos históricos e correntes. Supõem-se que essa situação tenha ocorrido com “*Orlando*”, por ser essa uma obra literária, e que talvez pelas categorias literárias sofrerem mudanças (acréscimos e inserções), as revisões de indexação dessas obras ocorram com menor frequência. A não representação de “*Orlando: uma biografia*”, acaba por dificultar a sua circulação por aqueles que buscam informação sobre as discussões de gênero, de forma que a obra chega apenas naquelas pessoas que acabaram tendo conhecimento desse aspecto de sua temática por outros caminhos.

Pensando nos estudos históricos de representação e recuperação de informação seria interessante saber as datas de atribuição dos termos de recuperação das obras e documentos, assim poderíamos ter uma ideia melhor de quando uma obra ou documento foi atribuído a uma categoria.

### *2.3 O gênero e a construção cultural do conhecimento*

As discussões acadêmicas mais recentes sobre gênero versam sobre performatividade, corpos precarizados, gestão política do gênero, biopoder e “fim” do gênero. No cenário atual das discussões, se destacam a autora Judith Butler e o autor Paul Preciado. Sendo contemporâneos, é sabido que Preciado foi influenciado pelas discussões promovidas por Butler, e desenvolveu suas discussões avançando suas reflexões sobre novos aspectos, como veremos.

Entre as contribuições de Butler para as discussões sobre gênero está o livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, publicado originalmente em 1989. Nesta obra, a autora trata da performatividade do gênero, onde considera que as manifestações de gênero ocorrem nas relações e não advém do sexo.

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levado a seu limite lógico a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de 'homens' se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo 'mulheres' interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos apareçam não problemáticamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois (BUTLER, 2017, p. 26).

Ao continuar o desenvolvimento do argumento, Butler (2017) afirma que a noção de sexo pode ter sido culturalmente construída, sendo ele um meio discursivo cultural da "natureza sexuada", e que, portanto, não se justificaria a distinção entre sexo e gênero.

A partir do argumento de Butler (2017), que defende a ideia da interferência cultural na construção de um conceito ou conhecimento, quando elabora suas reflexões sobre sexo e gênero, pode-se retomar as discussões da CI sobre as interferências culturais e sociais no fluxo de produção do conhecimento, com especial atenção aos aspectos de organização e representação da informação e do conhecimento. Cabe ainda buscar verificar "se" e/ou "como" ela própria, CI, se reconhece inserida com uma das engrenagens culturais e sociais da construção do conhecimento.

As discussões que foram desenvolvidas a partir dos paradigmas da CI, sobretudo, aqueles apresentados por Rafael Capurro (paradigma físico, cognitivo e social), apresentam elementos que permite a retomada dessa questão, sobretudo as discussões relacionadas ao paradigma social.

Foram as discussões elaboradas sobre e no escopo do paradigma social da CI que evidenciou e teorizou as formas com as quais os aspectos sociais e culturais interferem na produção, organização, recuperação e circulação de informações,

assim como os lugares que ocupam nesse processo os profissionais e usuários da informação.

Os estudos sobre o paradigma social em diferentes âmbitos da Ciência da informação (ANNA, 2017; SILVA; FARIA, 2013; ARAÚJO, 2010; MOREIRA; DUARTE, 2016), abordam tanto aspectos teóricos e epistemológicos da área, tais como a definição de informação e como essa se constitui, até aspectos relacionados aos sujeitos, como comportamento dos usuários e profissionais da informação, além de aspectos sociais que interferem na elaboração e no uso dos instrumentos e interfaces utilizados na organização e recuperação da informação.

Nas últimas quatro décadas a CI apresentou contribuições que influenciaram o modo como a informação é manipulada na sociedade e pela tecnologia e também permitiu melhor compreensão para um rol de problemas, processos e estruturas associados ao conhecimento, à informação e ao comportamento humano frente à informação (SARACEVIC, 1996, p. 60).

A afirmação de Saracevic (1996) aponta na direção de que a CI, por meio de suas contribuições, interfere no processo de circulação e uso da informação e conseqüentemente, na produção do conhecimento. Apesar desse reconhecimento ainda há a necessidade de aprofundamento das investigações e reflexões sobre como a produção do conhecimento científico-acadêmico é afetada pelas práticas da CI, assim como essas práticas afetam a sociedade em diferentes aspectos.

Nesse sentido, a produção científica da CI e também da Organização do Conhecimento, além de contar com produtos/instrumentos para organização da informação do domínio “gênero”, já apresenta trabalhos que investigam ou consideram na sua proposta aspectos do impacto de algumas operações especializadas na construção do conhecimento sobre gênero (OLSON, 2001; PINHO, 2021; MOURA, 2018).

Pode voltar ao ponto de partida dessa discussão, iniciada aqui a partir das reflexões de Butler (2017) sobre como o conhecimento e os conceitos são culturalmente construídos, e dizer que, ao menos sobre a temática de gênero a CI e Organização do Conhecimento já iniciaram essa reflexão. No entanto busca-se com essa pesquisa uma investigação na qual possa entender o alcance e profundidade dessas reflexões na área.

Voltando para as discussões sobre a construção do gênero e a importância das relações socioculturais envolvidas nesse processo, surge entre os teóricos de gênero a preocupação limitar o gênero em aspectos do determinismo cultural.

A controvérsia sobre o significado de *construção* parece basear-se na polaridade filosófica convencional entre livre-arbítrio e determinismo [...] Nos limites desses termos, 'o corpo' aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado. Mas o 'corpo' é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de 'corpos' que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gêneros (BUTLER, 2017, p.29).

O problema apontado por Butler se caracteriza pela possibilidade de passar do determinismo biológico para um determinismo cultural nas análises da construção do gênero, criando assim sujeitos pré-determinados, que se encaixem em categorias previamente definidas. Neste sentido é possível associar a preocupação com o determinismo cultural com a análise discursiva da construção do gênero.

Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero (BUTLER, 2016, p.30).

Ao deparar com essa reflexão é inevitável que não se pense nos instrumentos de representação e organização da informação que vem sendo construído no âmbito da temática de gênero como elementos que compõem o discurso de construção de gênero. A partir dessa interpretação tais instrumentos podem ser entendidos como produtos e produtores da construção de gênero na sociedade; o que levou Butler analisar a construção do gênero também pelo viés dos jogos de relações de poder na sociedade.

A partir dessa perspectiva de análise, suas reflexões passaram da performatividade de gênero para a discussão sobre as vidas precarizadas, combinando a análise das minorias sexuais e de gênero às comunidades de pessoas marginalizadas de modo geral.

Essa perspectiva de análise do gênero a partir das relações de poder, manifestada socialmente pelo lugar imposto às minorias na sociedade, também pode ser observada na CI e na Organização do Conhecimento.

A produção científica na CI e na Organização do Conhecimento no Brasil, tem dispensado, nas últimas décadas, atenção às questões informacionais de grupos minoritários e invisibilizados, considerando, sobretudo, a importância da competência informacional das minorias sociais, dentro de uma perspectiva de promoção da cidadania (RIGHETTO; VITORINO, 2019; SANTOS; AQUINO, 2016; VIEIRA; KARPINSKI, 2019; MAIMONE; MATOS, 2019).

#### *2.4 Da gestão política do gênero à ruptura do Transfeminismo*

É necessário considerar a todo momento, que as discussões sobre gênero, sua construção relacional e de poder, são na verdade discussões sobre sujeitos corporificados dentro de um contexto social. Ainda que já se tenha falado da importância da compreensão das questões de gênero e sua relação com o lugar imposto às minorias na sociedade e preciso reforçar o lugar dos sujeitos nessa discussão.

O autor Paul Preciado, homem transgênero, pesquisador das questões de gênero na sociedade, traz em seu relato sobre a transição de gênero alguns aspectos que se deve considerar na discussão que se encaminhou até aqui.

Estou injetando testosterona em mim mesmo a cada dez dias. Também mudei meu nome para Paul. Crescem pelos nas minhas pernas. Enquanto isso, meu rosto está se transformando no rosto de Paul. Entre linguagem e moléculas bioquímicas, fabrica-se uma subjetividade política. Mas apenas quando os outros começam a me chamar de Paul que eu me torno Paul: eu devo a eles o meu nome. Eu devo a eles a possibilidade de tirar o gênero dos trilhos (PRECIADO, 2018, p.4).

Nesta reflexão de Preciado (2018), sobre como o seu gênero se constrói tanto por elementos químicos como pelo reconhecimento social do seu gênero ao ser chamado de Paul, é um exemplo de como o gênero, mas também a subjetividade política de um sujeito se constrói nas relações.

Na fala do autor supracitado fica claro que todo o seu movimento de transformação, com ingestão de substâncias bioquímicas, não é suficiente para dar

lugar ao seu gênero, sendo que o mesmo só se concretiza no reconhecimento social ao ser chamado pelo novo nome. Porém, continua sua reflexão e aponta que esse reconhecimento não passa apenas pelas relações pessoais estabelecidas entre os indivíduos, aponta que existe uma gestão política do gênero na sociedade que faz parte de todo esse processo. O autor denomina como gestão política do gênero que seria o reconhecimento das instituições sobre o gênero com o qual o sujeito se reconhece; esse reconhecimento se daria, por exemplo, pela emissão de documentos oficiais com o novo nome.

A gestão política do gênero, trazida por Preciado, não é um elemento novo nas discussões sobre gênero. Pode-se dizer que há muito tempo vem sendo alvo das discussões dos movimentos feministas através da luta por conquista de direitos civis e políticos, já que os textos legais são aparatos incontestáveis da gestão de gênero e política do gênero na sociedade. Mas qual o lugar da CI e da OIC na gestão política do gênero?

Um caminho possível para essa reflexão passa pela compreensão de que a gestão política do gênero passa pela gestão política da informação e do conhecimento sobre gênero. Em outras palavras, todo o fluxo de conhecimento e informação relacionado ao gênero, de uma maneira ou de outra, integra a gestão política do gênero e, conseqüentemente, tem-se tanto a CI quanto a Organização do Conhecimento, relacionadas à essa gestão política de gênero.

Dessa forma, é preciso pensar sobre onde, como, quando, e sob quais interesses se produz (ou não) informação sobre gênero; conhece a linguagem utilizada sobre e pelos sujeitos que performam os diferentes gêneros; quais as áreas de conhecimento que produzem informação sobre gênero; quais os espaços de circulação dessas informações; quais as necessidades de informação da sociedade sobre a temática; e quais as especificidades informacionais dos sujeitos que performam diferentes gêneros.

Preciado (2018) traz para suas discussões sobre gênero a ideia de que na atualidade estas questões estão inseridas em um contexto maior da extensão global do biopoder, por meio das técnicas farmacopornográficas de produção de subjetividade e das plataformas digitais de relacionamento das mais diversas ordens (*Facebook*, *Google* e representações em vídeo). Para o autor todos esses elementos compõem a negociação de gênero na sociedade atual. Para Preciado (2018), "[...] o sexo e a sexualidade não são propriedade essencial do sujeito, mas

sim produto de diversas tecnologias sociais e discursivas, de práticas políticas de gestão da verdade e da vida”.

Por essa afirmação pode perceber que Preciado (2018) nega a ideia de essência e afirma a ideia de que o gênero é uma construção de tecnologias sociais e discursivas, se aproximando do já foi apresentado e discutido em Butler.

Em aspectos conceituais, uma significativa contribuição de Preciado (2018) para as discussões sobre gênero é a ideia de que o gênero se constitui em um contexto de negociação constante, diferente da ideia de construção que pode ter alguma associação com algo estanque e definido. Para Preciado (2018), a negociação em torno do gênero é um processo contínuo e que mais importante que definir as características do gênero é entender como ele funciona, e, portanto, como se dá na relação com o outro e com todo o sistema.

A questão não é: o que eu sou? Qual sexo ou qual sexualidade? Mas: como isto funciona? Como podemos interferir no seu funcionamento? E, mais importante ainda: como isso pode funcionar de outro modo? Vamos entrar na caixa-preta e abrir as pílulas (PRECIADO, 2018, p. 2).

Mas a maior contribuição de Preciado para compreensão do atual momento das discussões sobre gênero se dá na proposta de ruptura das concepções e categorias analíticas e epistemológicas que limitam a compreensão do gênero até os dias de hoje. Visando acabar com os possíveis limites interpretativos do gênero, Preciado (2018) propõe um novo olhar sobre as questões de gênero, que prevê a implosão das bases epistemológicas de reflexão sobre sexo, sexualidade e gênero.

Para falar de sexo, de gênero e de sexualidade, é necessário começar por um ato de ruptura epistemológica, uma negação categórica, a quebra de um pilar conceitual, dando lugar às premissas de uma emancipação cognitiva: é necessário abandonar totalmente a linguagem da diferença sexual e da identidade sexual (até mesmo a linguagem da identidade estratégica, proposta por Spivak, ou a identidade nômade, proposta por Rossi Braidotti) (PRECIADO, 2018, p. 19).

A ruptura proposta por Paul Preciado, ganha contorno de uma proposta de interpretação do momento histórico das questões de gênero que estariam além dos limites das teorias feministas, e caracterizaria o momento da revolução que está sendo vivido, o Transfeminismo.



'Transfeminismo' é o nome dessa revolução, Se você está cheio do seu gênero, cansado de binários (menino-menina, hetero-homo, branco-não branco, animal-humano, norte sul), além do modelo 'casal-romântico', perdendo as esperanças no capitalismo e vive verdadeiramente a utopia de se tornar outra pessoa, você é transfeminista. Transfeminismo não é pós-feminismo. Transfeminismo é o feminismo do século XXI reloaded (PRECIADO, 2018, p.6).

Como proposta de compreensão das questões de gênero na sociedade, o transfeminismo apresentado em manifesto traz limites de alcance sobre os teóricos do tema. Podendo ser entendido por alguns como ruptura ou continuidade contemporânea das discussões já presentes nos discursos feministas desde Beauvoir. Vale destacar que a própria apresentação do Transfeminismo, que se dá em formato de manifesto rompe com alguns modelos de discussões, sobretudo, das irradiadas a partir da academia.

Para as reflexões sobre CI, Organização do Conhecimento e gênero, a proposta do transfeminismo elaborada por Preciado (2018) direciona para investigação sobre como as questões feministas atingiram as bases epistêmicas da ciência e se /como elas chegaram no campo.

## 3 A PERSPECTIVA FEMINISTA DA CIÊNCIA E DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Para melhor compreender as possibilidades de contribuição dos estudos de gênero para Organização da Informação e do Conhecimento, é necessário ampliar a análise na direção de buscar do contexto de discussão sobre produção do conhecimento que essas questões adentraram e tomaram forma no universo acadêmico-científico.

A bibliografia que discute a relação entre gênero, ciência e produção do conhecimento aponta para dois movimentos significativos da década de 1960 do século XX que acabam por ter desdobramentos que criaram o ambiente para as discussões de gênero adentrarem mundo acadêmico-científico, a saber: o movimento feminista e a crítica da razão científica.

Nesse sentido, busca-se apresentar como esses dois movimentos afetam o mundo acadêmico-científico e culminaram, no âmbito das discussões sobre gênero e ciência, no desenvolvimento de uma perspectiva feminista de ciência, que acabou na elaboração de uma Epistemologia Feminista.

### 3.1 *Epistemologia e conhecimento*

Ao longo da história humana muitos pensadores, como Platão, Sócrates e Descartes, Hume, entre tantos outros, discorreram sobre e buscaram esclarecer a natureza do conhecimento. Mas foi no contexto da ciência moderna, com a compartimentação dos saberes que se criou uma área específica sobre a teorização ou natureza do conhecimento, a Epistemologia<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> O estudo do conhecimento ao longo da história se fez sob diferentes denominações, abordagens e contextos e recortes geográficos, tendo sido discutido e elaborado por diversos filósofos, teóricos e epistemológicos. Destacamos algumas obras:

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

BARCHELARD, G. **A filosofia do não**: filosofia do novo espírito científico. Lisboa. Editorial Presença, 1991.

A epistemologia ou teoria do conhecimento, é conduzida por duas questões principais: 'O que é conhecimento?' e 'O que podemos conhecer?'. Se pensarmos que podemos conhecer algo, como quase todo mundo, então surge uma terceira questão essencial: 'Como conhecemos o que conhecemos?' (GRECO, 2008, p.16).

A partir das buscas por respostas às suas questões norteadoras, a epistemologia cria conhecimentos e se caracteriza como uma área de conhecimento. Área de conhecimento de caráter interdisciplinar e que, segundo Japiassu (1979), tem como objeto a ciência e se caracteriza pelo estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das diversas ciências.

Sendo que a própria epistemologia se torna a base para a produção do conhecimento das demais áreas de conhecimento<sup>8</sup>, é possível dizer que a epistemologia tem seu conhecimento produzido a partir do conhecimento produzido pela prática da ciência (manifestada em diferentes áreas de conhecimento) e se torna insumo para a produção do conhecimento científico (novamente, de diferentes áreas de conhecimento).

Ainda sobre a delimitação de epistemologia, no mesmo texto, Greco aponta as caracterizações de epistemologias que as fazem alvo de críticas e objeções. Essas caracterizações são aquelas que veem a epistemologia "como (a) a busca da certeza, (b) a tentativa de encontrar fundamentos absolutos, (c) a tentativa de legitimar outras disciplinas, como a ciência...". Greco aponta que essas ideias ou foram defendidas por poucos filósofos, ou já foram abandonadas ou estão obsoletas.

Volta-se a pensar no conhecimento, se ele é possível e como acontece. Para Zagzebski (2008), o conhecimento é a relação que acontece entre o sujeito consciente e uma porção de realidade objetiva. Segundo a autora,

---

Burke, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Burke, P. **Uma história social do conhecimento II**: da enciclopédia à Wikipédia. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 2002.

<sup>8</sup> E é nesse sentido que a discussão sobre epistemologias nos interessa no contexto dessa pesquisa. Pois nos dará um aporte para entendermos o lugar da Epistemologia feminista na discussão sobre produção do conhecimento e depois discutimos a constituição epistêmica da Ciência da Informação a partir da sua presença/ausência.

O conhecimento é um estado altamente valorizado no qual se encontra uma pessoa em contato cognitivo com a realidade. Trata-se, portanto, de uma relação. De um lado da relação está um sujeito consciente, do outro lado está uma porção da realidade com a qual o conhecedor está direta ou indiretamente relacionado (ZAGZEBSKI, 2008, p.153).

Ainda segundo a descrição de Zagzebski (2008), o conhecimento pode se dar de forma direta, conhecimento das coisas e, de forma ou indireta, conhecimento sobre as coisas. O conhecimento das coisas seria o conhecimento habitual, também chamado de conhecimento de familiaridade, que se daria por meio do contato e da experiência com a porção de realidade. Já o conhecimento sobre as coisas, seria um conhecimento proposicional, no qual o sujeito conhece por meio de uma proposição verdadeira sobre o mundo.

Segundo a autora, os estudos sobre o conhecimento se atêm sobretudo ao conhecimento proposicional, e isso ocorreria por duas razões. A primeira delas é que o conhecimento proposicional é passível de ser transferido pela comunicação, sendo que a própria linguagem o coloca em uma situação de proposição. A segunda razão seria a de que a realidade só se torna possível para a mente humana por meio de uma proposição.

Sendo assim, os estudos sobre o conhecimento direto são mais difíceis de serem desenvolvidos, predominando na filosofia os estudos sobre o conhecimento proposicional. Os estudos epistemológicos sobre o conhecimento proposicional focam no objeto do conhecimento, pois esse já parte de uma proposição. O estado do conhecimento, por suas propriedades é direcionado para a relação de conhecimento, mais pelo lado do sujeito.

Quando se fala de conhecimento e crença há uma tendência em colocá-los em lados opostos das argumentações. Mas há uma proximidade entre ambos, sobretudo em relação a crença e o conhecimento proposicional, pois o sujeito consciente se relaciona com uma porção de realidade por meio de uma proposição verdadeira, e ao adotar essa como verdadeira estabelece um estado de crença. Se tomar uma proposição como verdadeira, tem-se um estado de crença.

No estado de conhecimento, o sujeito que conhece está relacionado com uma proposição verdadeira. O modo mais geral de caracterizar a relação entre aquele que conhece e a proposição conhecida é que ele a toma como verdadeira, e essa relação é chamada, de maneira padrão, de estado de crença. A ideia de que o estado de conhecimento é um estado de crença reforça a prática quase universal da epistemologia de se definir o

conhecimento como crença verdadeira mais alguma outra visão (ZAGZEBSKI, 2008, p.155).

Porém, existem filósofos que refutam essa proximidade entre crença e conhecimento. Dentre os quais destaca-se Platão com a sua tão famosa alegoria da caverna, na qual apresenta a ideia de crença a partir das sombras que os homens viam projetadas nas paredes da caverna e acreditavam "ser verdade"; e a verdade que se tornou acessível para quem saiu da caverna e conseguiu ver as coisas na sua "real" dimensão.

Mas é preciso, devido à complexidade da pergunta "o que é conhecimento?", pensar na sua intencionalidade, pois isso irá interferir diretamente na busca da resposta. Se a pergunta tiver caráter teórico, se aproximando da busca dos filósofos, a resposta caminhará para a definição de um conceito afim de ocupar um lugar no mapa conceitual de quem o busca. Já se a pergunta tiver caráter prático e operacional, terá uma resposta contingente, para, por exemplo, servir de base para busca de outros tipos de conhecimento.

Assim, de acordo com Zagzebski

A tentativa de se dar uma definição real de conhecimento pode ser desafiada pelo fato de que conceito de conhecimento foi tratado de diversas formas nos diferentes períodos da história filosófica. Existirá realmente um só alvo de análise sobre o qual todos esses relatos diferem, ou será que alguns deles apenas falam sobre coisas diferentes? Essa questão se torna particularmente notável a partir do momento em que olhamos as diferenças no rigor das exigências por conhecimento através da história filosófica. Conforme algumas teorias, as condições para o conhecimento são limitadas e estritas, enquanto para outras são amplas e flexíveis. A tradição filosófica tende ao lado rigoroso, enquanto a corrente contemporânea está na direção oposta. Atualmente, é muito aceita a ideia de que casos comuns de percepção e memória sejam produtores de conhecimento, e de que crianças pequenas e talvez até animais tenham conhecimento nesses moldes. Vale notar como essa ideia difere de uma longa linha de relatos, iniciada como de Platão no Fédon e na República. Platão tornou o conhecimento um estado muito mais elevado que o comum, e a diferença entre sua concepção rigorosa e a concepção contemporânea mais branda pode-nos fazer duvidar de que uma real definição de conhecimento seja possível (ZAGZEBSKI.2008, p. 163).

Com isso o conhecimento não é algo definido enquanto objeto e nem tampouco quanto processo ou produto. Ao longo da história houve mudanças no entendimento de conhecimento, postas em curso por diferentes correntes e enfoques. E nessa dinâmica de entender cada vez mais como o conhecimento se

constrói que tem lugar as discussões a respeito da perspectiva feminista de ciência e sobre Epistemologia Feminista.

### *3.2 O feminismo mudou a Ciência?*

Na história dos costumes e no direito civil e político é praticamente consensual que o movimento feminista foi responsável por muitas e profundas mudanças na sociedade ocidental. No entanto, no que diz respeito ao fazer científico não há consenso, e por vezes existem até dúvidas sobre alguma contribuição efetiva desse movimento para a ciência.

Sendo assim, se justifica a necessidade de se repetir a pergunta: “O feminismo mudou a ciência?”. Repetir, porque essa pergunta é título do livro de Londa Scheibinger, publicado pela primeira vez em 1999, no qual a autora expõe as mudanças que o feminismo causou na ciência e aponta que esse é um movimento em curso (SCHIENBINGER, 2001).

Na obra de Scheibinger (2001), a pergunta é usada como artifício retórico a fim de permitir a compilação e a exposição didática das inúmeras contribuições dos feminismos para ciência, pois àquela altura, passados quase 30 anos das primeiras discussões acadêmicas sobre o tema, já era possível afirmar haver discussões aprofundadas, resultados consolidados e obras de referência sobre o tema. Assim como o apontado por Londa, é difícil promover um estudo sistematizado sobre a questão pois a bibliografia encontra-se dispersa em várias áreas e distribuída ao longo de décadas.

No entanto, conta-se com o distanciamento temporal que permite saber quais foram os principais autores, obras, pontos de discussões e desdobramentos dos movimentos feministas na ciência, para que possa avançar nessa discussão. Dessa forma, destaca nessa trajetória de reflexão sobre a temática, além da já referida Londa Schienbinger, as pesquisadoras Evelyn Fox Keller, Donna Haraway, Sandra Harding e Helen Longino.

O primeiro ponto que surge advindo dos movimentos feministas para a ciência diz respeito sobre a participação das mulheres nos espaços destinados à produção do conhecimento científico, ou seja, nas universidades.

A tentativa de Londa em condensar em uma obra as contribuições do feminismo para ciência evidencia o problema da dispersão da produção científica sobre feminismo e ciência que se espalha por diferentes áreas de conhecimento, assim como a efetivação das contribuições feministas para a produção do conhecimento, que se dispersam em estudos de diversas temáticas, mas que partem de uma abordagem de perspectiva feminista.

Ainda que contemos com obras como a de Schienbinger, que buscam de alguma forma agrupar e ordenar e sistematizar as contribuições do feminismo para a ciência, é muito difícil traçar de forma linear todos os movimentos, questionamentos, provocações e contribuições que os movimentos feministas em toda a sua diversidade e temporalidade (pois ainda pode ser entendido como um movimento em curso) pode trazer para as discussões sobre o fazer científico e a produção do conhecimento.

No entanto, essas contribuições deram base para um corpo teórico de reflexão acerca de uma forma de fazer ciência e produzir conhecimento sobre uma perspectiva feminista, a Epistemologia Feminista.

### *3.3 As epistemologias feministas*

Ao abordar os desdobramentos das contribuições dos feminismos para ciência, nos deparamos com as Epistemologias Feministas.

Mas antes de abordamos a Epistemologia Feminista, é preciso entender o que é a Epistemologia Social, cuja importância para o debate proposto é latente.

Para Schmit (2008, p. 547) "[...] a epistemologia social pode ser definida como o estudo conceitual e normativo das dimensões sociais do conhecimento". A Epistemologia Social estuda a relevância das relações, interesses, papéis, e instituições sociais nas condições conceituais e normativas do conhecimento, tendo

como questão central entender até que ponto as condições de conhecimento incluem as condições sociais.

É importante destacar, que já na construção da Epistemologia Social, com Margareth Egan e Jesse Shera (ODDONE, 2007), via-se o conhecimento como algo que só se concretizava quando comunicado, tornando essencial as discussões sobre fluxos de informação e a comunicação. Dessa forma, o que se tem é o nascimento da Epistemologia Social com pressupostos que a conectam diretamente com as futuras discussões da Ciência da Informação, sobretudo no tocante a informação e a comunicação científica e essa seria mais uma forma de entender o que é o conhecimento, porém, vinculada a um campo de especialidade em seu tratamento.

Com o exposto sobre Epistemologia Social por meio de algumas de suas características é possível perceber que se aproxima ou cria a uma base de discussão do que vem a ser a Epistemologia Feminista. A aproximação entre Epistemologia Social e Epistemologia Feminista se dá principalmente pelo fato de os primeiros estudos de epistemologia feminista terem sido realizados no escopo dos estudos de Epistemologia Social.

Da mesma maneira que ocorre muitas vezes com a Epistemologia Social, a Epistemologia Feminista ainda é apresentada como integrante das "novas direções" dos estudos epistemológicos, não configurando uma nova tese, mas sim, como uma determinada forma de se fazer epistemologia (GRECO, 2008). Longino (2008) apresenta a Epistemologia Feminista como sendo tanto um paradoxo como uma necessidade, uma vez que por ser o feminismo um conjunto a fim de acabar com a desigualdade de gênero, se distanciaria da epistemologia geral, que busca a natureza da verdade e da justificação.

A autora argumenta que vários autores já provaram que em outras disciplinas acadêmicas, tais como História da Filosofia, a Psicologia Educacional, as ciências da vida e as ciências físicas estavam infiltradas de preconceito de gênero, tornando-se imperativo que a Filosofia (muitas dessas abordagens filosóficas ainda são adotadas na Ciência da Informação e na Organização do Conhecimento) também faça um exame detalhado de suas concepções, a fim de rastrear costumes sexistas e androcêntricos.

Um ponto a ser destacado nessa discussão é que as Epistemologias Feministas são plurais. Ainda que a sua presença figure nas publicações



acadêmicas e tenha produzido obras de referência sobre o tema é possível afirmar que elas não possuem um referente único.

Na Introdução de *Feminist Epistemologies*, de Alcoff e Potter (1993) as autoras justificam a escolha do título afirmando que não havia aquela época um referente único para epistemologia feminista, tornando o uso no plural a forma mais adequada para se referir a essa vertente epistemológica.

Nosso título, *Epistemologias Feministas*, pretende indicar que o termo não tem um referente único e, por razões que exploraremos mais tarde, talvez nunca tenha. As teóricas feministas têm usado o termo de diversas maneiras para se referir à situação das “formas de conhecer” das mulheres, “experiência das mulheres” ou simplesmente “conhecimento das mulheres”, todos os quais são estranhos aos filósofos profissionais e da “própria” epistemologia... (ALCOFF; POTTER.1993. p.1, tradução nossa).

Dessa forma sendo elas ligadas de alguma forma a Epistemologia Social e sem um referencial único, o que daria unidade as epistemologias feministas?

Para a autora Blazquez Graf, as *Epistemologias Feministas* têm questões centrais que as unem. São elas, “como o gênero influencia os métodos, conceitos, teorias e estruturas organizacionais da ciência? E como é que a ciência reproduz esquemas e preconceitos sociais de gênero?” (BLAZQUE GRAF, 2012, p.21).

Por sua vez Longino (2008), as epistemologias feministas estão imbuídas das discussões em torno do sujeito, sobretudo no tocante a corporificação e suas implicações epistêmicas. Neste ponto, retoma-se a ideia presente em Haraway (1995), de uma ciência corporificada e de uma versão feminista de objetividade, em contraponto à Filosofia tradicional que busca o sujeito puro da razão ou do conhecimento, que foi defendido por filósofos homens, brancos e europeus.

Considerando os diferentes, porém complementares, entendimento a cerca das epistemologias feministas, a trajetória dos estudos aponta para temas centrais nas discussões encaminhadas pelas pesquisadoras que adotam uma perspectiva feminista de fazer ciência.

[...]pode-se dizer que entre os temas centrais da epistemologia feminista estão: a crítica aos enquadramentos interpretação da observação; a descrição e influência dos papéis e valores sociais e políticos na investigação; crítica aos ideais de objetividade, racionalidade, neutralidade e universalidade, bem como propostas de reformulação de estruturas epistêmicas de autoridade (BLAZQUE GRAF, 2012, p.22-23, tradução nossa).

No entanto, há críticas em relação a esse tipo de generalizações a cerca dos referentes das epistemologias feministas. Sendo que as críticas do feminismo negro ao chamado feminismo clássico chegam também ao debate epistêmico.

Uma primeira questão levantada pelo pensamento desenvolvido pelas feministas decoloniais e antirracistas é radicalizar a crítica ao universalismo na produção da teoria. Feministas decoloniais antirracistas, continuando o legado iniciado pelas feministas negras, pelo feminismo de cor e pelas feministas afrodescendentes da América Latina, mostram com suas críticas à teoria clássica a forma como essas teorias não servem para interpretar a realidade e a opressão das mulheres racializadas e cujas origens são provenientes de territórios colonizados (ESPINOSA-MIÑOSO, 2014, p. 8)

Como pode-se notar os movimentos internos dos debates encaminhados a cerca das epistemologias feministas revelam a variedade de pontos que são alvo dos questionamentos trazidos por essa abordagem epistêmica.

Porém é possível buscar compreender as diferentes propostas das epistemologias feministas a partir de uma visão mais ampla dos questionamentos a cerca do fazer científico. Para Boaventura Santos, a crítica feminista contribui para desdogmatização da ciência, e está inserida no contexto de crise epistemológica da ciência moderna que dá lugar a uma ciência pós-moderna. Seguindo a interpretação do autor é possível então dizer que subjetividades ressaltadas pelas epistemologias feministas compõem o cenário de transição epistemológica que contribuiu para construção da ciência pós-moderna (SANTOS, 2009).

Conforme o visto até aqui, as epistemologias feministas se mostram com um desdobramento das discussões inicialmente encaminhadas pelos movimentos feministas, mas que ganham robustez teórica ao longo da sua trajetória, enfrentando críticas externas e internas. O não consenso em torno de muitos pontos a cerca da epistemologia feminista, que a faz ser nomeada no plural, pode ser entendido como um resultado da própria postura epistêmica proposta por essa vertente, que não busca modelos totalizantes e generalistas.

A partir desse contexto terminológico e conceitual geral da questão de gênero e das epistemologias feministas, passa-se para a análise específica na área com a descrição dos percursos metodológicos, levantamentos, apresentação dos resultados, discussão e síntese crítica dos aspectos mais relevantes de encontrados na literatura especializada das áreas de CI e Organização do Conhecimento.

## 4 A CONSTRUÇÃO DO CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Uma das primeiras questões metodológicas impostas a este trabalho foi a delimitação temática da pesquisa. Partiu-se, então, de quatro temas principais *gênero, ciência, epistemologia e Ciência da Informação*. No entanto, para atender aos objetivos da pesquisa era necessário construir um referencial teórico que abordasse temas de forma articulada.

A produção científica inicialmente levantada pelas temáticas indicou a necessidade de agrupamento dos temas em dois grupos para que o referencial teórico fosse construído de forma a oferecer os subsídios para análise pretendida pela pesquisa no intuito de alcançar os objetivos inicialmente traçados. O referencial teórico foi então dividido em dois grupos:

- Gênero, Ciência e Epistemologia;
- Gênero, Epistemologia e Ciência da Informação.

Sendo assim, a construção do referencial teórico se deu nessas duas grandes frentes temáticas, articulando a produção científica de diferentes áreas de conhecimento. Tal situação se mostra coerente pois busca atender a necessidade teórica da pesquisa e reforça o caráter interdisciplinar da CI, assim como da diversidade de abordagens possíveis de um mesmo objeto.

### 4.1 A construção do referencial teórico sobre *Gênero, Ciência Epistemologia*

A construção de um referencial teórico sobre a temática de gênero e ciência, ainda que com os contornos dados pelas questões da pesquisa, apresenta alguns desafios.

Um deles é ter a própria ciência como objeto de estudo. Entendendo está como a produção do conhecimento científico realizado de maneira sistemática nos espaços institucionalizados destinados a esse fim, configura-se assim um objeto amplo de difícil abrangência em sua totalidade. Diante dessa característica, a pesquisa se pautou na construção de um referencial teórico sobre ciência e gênero

com obras e autores tanto das ciências naturais quanto das ciências humanas, sem a pretensão de esgotamento da temática, porém, com a intensão de criar um panorama consistente dessa relação temática em diferentes áreas do conhecimento. Já os trabalhos de Filosofia da Ciência e Epistemologia, contribuíram para o refinamento da discussão sobre ciência e gênero direcionando essa para compreender as implicações dessa relação nas bases teóricas de fundamentação da construção do conhecimento.

Em relação ao gênero enquanto objeto de estudo circunscrito a sua relação com a ciência, permitiu uma delimitação temática mais restrita, porém, não menos complexa. O gênero em quanto tema de discussão acadêmica está presente nas mais diferentes áreas de conhecimento. Isso evidencia a ampla inserção dessa temática nas discussões científicas e acadêmicas, o que acaba por constituir uma produção científica dispersa e com delimitações conceituais adequadas ao contexto de cada área.

Diante dessas características o referencial teórico sobre gênero e ciência foi delimitado a partir da compreensão nesta pesquisa que as discussões de gênero avançam sobre as discussões de produção de conhecimento a partir do movimento feminista, que lança sobre à academia questões práticas e teóricas sobre gênero e produção do conhecimento. E já como desdobramento das questões trazidas pelo feminismo para ciência, tem-se o desenvolvimento de uma epistemologia feminista que se revelou fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

Sendo assim, o referencial teórico buscou obras e autores que discutiam sobre como as questões feministas adentraram o mundo acadêmico. Destaca-se as obras *The Science Question in Feminism* (1986), de Sandra Harding, o artigo Saberes Localizados: a questão das ciências para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial (1988), de Donna Haraway, e o livro *O Feminismo Mudou a Ciência?* (2001), de Londa Schienbinger, *Epistemologia Feminista* (2008), de Hellen Longino.

Esse primeiro grupo de obras selecionadas, permitiu traçar um panorama da inserção das discussões feministas nas ciências e seus desdobramentos até as bases teóricas do fazer científico.

A partir desse levantamento, que em grande parte usa como exemplo de suas discussões das ciências naturais ou aprofundam as discussões do impacto do feminismo na ciência no âmbito da Filosofia da Ciência e da Epistemologia, tornou-

se necessário uma investigação mais específica sobre a compreensão do uso termo gênero nos estudos acadêmicos e científicos.

Para atender a essa necessidade e delimitar o conceito de gênero adotado na pesquisa buscou-se a compreensão desses termos circunscritos na produção científica em ciências humanas e sociais, a partir de autores reconhecidos e obras de referência na temática que inauguram ou sintetizam elementos fundamentais para das discussões acadêmicas sobre gênero.

Destaca-se as obras *O Segundo Sexo* (1949), de Simone de Beauvoir; *Gênero como categoria de análise* (1995), Joan Scott; *Mulher, Raça e Classe* (1981), Angela Davis (2016); *Problemas de Gênero* (1990), Judith Butler; *Transfeminismo* (2015), Paul Preciado; *O Gênero nas Ciências Sociais* (2014) (Chabaud-Rychter); e *A invenção das mulheres* (2021), de Oyèrónké Oyewùmí.

Cada uma dessas obras traz elementos fundamentais que permite traçar uma trajetória histórica e crítica da temática gênero e ciência. Os diálogos estabelecidos entre esses autores, e desses com seus contemporâneos e com os que os antecederam, permitiu o contato com uma discussão acadêmica ampla e aprofundada que nos serviu de referencial teórico para embasar a compreensão de gênero adota na pesquisa e conhecer o panorama de quais são as questões de gênero presentes no mundo acadêmico e científico, que serviu para investigar como todos estes aspectos contribuem para a CI.

#### ***4.2 A construção do referencial teórico sobre Gênero, Epistemologia e Ciência da Informação***

O avanço da pesquisa sobre o cenário da CI e sua relação com as questões de gênero e feministas adotou dois caminhos. O primeiro deles diz respeito a investigação de como a CI, *como* área de conhecimento, se relacionou com os debates trazidos à ciência pelo feminismo.

Visando demonstrar como essa relação se deu em um cenário real, investigou-se a institucionalização da CI no Brasil. Para traçar esse cenário foram consultadas obras que já haviam traçado o histórico da área e realizou-se uma análise de como as questões de gênero se apresentaram nessa trajetória histórica da área.

O segundo caminho trilhado foi o levantamento da produção científica em CI que abordasse as questões feministas e de gênero.

#### *4.3 A escolha das bases de dados e métodos de levantamento*

Visando mapear a produção nacional e internacional em Ciência da Informação sobre gênero foram selecionados dois repositórios, as bases BRAPCI e LISA.

Os primeiros levantamentos realizados visavam ampliar a cobertura temporal de levantamentos realizados em trabalhos publicados por outras pesquisadoras anteriormente, com Espírito Santo (2008), Bufrem e Nascimento (2012) e Siciliano (2017). No entanto, replicar a metodologia dessas pesquisas se mostrou inviável, uma vez que ao realizar as buscas nas bases com os mesmos termos, filtros e período, não se levou aos mesmos resultados<sup>9</sup>. Somado a isso, notou-se que o acréscimo de outros termos e critérios de busca, poderiam apresentar um cenário mais completo do levantamento pretendido.

Dessa forma foram realizados levantamentos com os termos mulher, gênero, feminismo e machismo<sup>10</sup>. No levantamento feito na BRAPCI as buscas dos termos foram realizadas no campo Palavras-chaves e na LISA, a busca ocorreu no campo Assunto Principal (Mainsubject). Buscando a maior cobertura o temporal o levantamento se estendeu por todo o acervo das bases até março de 2020.

A fim de identificar e analisar as bases epistêmicas da Ciência da Informação através da produção científica nacional optou-se por realizar o levantamento da referida produção na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI).

Definidos o tema e a base para realização do levantamento, foram definidas as estratégias de buscas para localização dos artigos. A primeira busca realizada foi com o termo epistemologia nos campos Título, Palavra-chave e Resumo, o que

---

<sup>9</sup> Levantamos duas hipóteses para não termos chegados aos mesmos resultados das pesquisas anteriores, a primeira é a possibilidade de alteração do acervo e/ou na forma de indexação dos materiais, e a segunda hipótese é que na apresentação da metodologia dos trabalhos tenha algo tenha ficado de fora.

<sup>10</sup> A escolha por recuperar o termo machismo se justifica por ser esse um termo que nomeia uma das formas mais comuns e reconhecidas de manifestação social das relações de gênero.

resultou na recuperação de 353 artigos. Uma análise preliminar dos primeiros trabalhos recuperados indicou a necessidade de refinamento da busca devido a dispersão temática do material levantado. Assim, foi realizada nova busca com o uso do elemento booleano AND entre os termos “epistemologia” e “Ciência da Informação”, resultando na recuperação de 132 artigos (Apêndice A).

#### 4.4 Seleção do corpus

- **Gênero e Ciência da Informação**

Para isso, no entanto, realizou-se a sistematização dos dados e metodologia dos trabalhos de Espírito Santo (2008), Bufrem e Nascimento (2012) e Siciliano (2017), que apresentam a produção científica em CI sobre a temática de gênero.

**Quadro 2** - Levantamento dos trabalhos sobre gênero em CI

	Espírito Santo (2008)	Bufrem e Nascimento (2012)	Siciliano <i>et al.</i> (2017)
Base	Portal Capes*	BRAPCI	LISA
Termos	mulher/woman gênero/gender feminismo/female sexo/sex informação/information	gênero mulher	gender
Campo de busca	-	-	Subject Heading (Assunto Principal)
Tipo de documento			Jouranl Article
Nº de trabalhos	28 **	74	588
Nº de autores	-	102	
Período de cobertura	2000-2007	1972-2011	1980-2016
Software	-	Excel	Excel e Wordart
Período de realização	2007-8?***	Fevereiro/2012	Janeiro/2017

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023).

\*A pesquisa considerou apenas os periódicos nacionais com Qualis A e B, as cinco edições do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) e a base ISIS *Knowlegde Information* para compor o cenário internacional de produção sobre o tema na CI.

\*\* Segundo o levantamento realizados os trabalhos são 10 de autores nacionais e 18 de autores estrangeiros.

\*\*\* Data aproximada calculada a partir do período de cobertura do levantamento e da data de publicação do trabalho

O Quadro 2 - *Levantamento dos trabalhos sobre gênero em CI* permite visualizar os métodos adotados nos levantamentos e, convida a refletir sobre eles.

Assim buscou-se nessa pesquisa adotar metodologias semelhantes para a atualização dos dados, mas com o conhecimento da necessidade de aprimoramento da mesma.

Dessa foram as estratégias de buscas adotadas falam diretamente com o problema abordado pela presente pesquisa, as formas como as questões de gênero aparecem representadas nos instrumentos de representação e organização da informação e como delimitam os documentos que serão consultados e conseqüentemente, as informações que serão utilizadas. Bufrem e Nascimento (2012) dizem que “visando aumentar o número de artigos revocados, utilizou-se não só o descritor “gênero”, mas também “mulher”, pois se entende que ambos estão inseridos na temática de maneira complementar”. É sabido que as estratégias de buscas empregadas durante as pesquisas são fundamentais para o levantamento bibliográfico e composição do *corpus* documental.

Os primeiros levantamentos realizados nas bases BRAPCI e LISA visavam ampliar a cobertura temporal a partir dos levantamentos realizados em outros trabalhos. No entanto, replicar a metodologia dessas pesquisas anteriores, mostrou-se inviável. Uma vez que, ao se aplicar os mesmos termos, filtros e períodos, não se chegou aos mesmos resultados das pesquisas anteriores. Somado a isso, notou-se que o acréscimo de outros termos e critérios de busca, poderiam apresentar um cenário mais completo do objeto observado.

Dessa forma foram feitos levantamentos usando os termos *mulher\**, *gênero*, *femini\** e *machismo*, como termos de busca no campo “palavras-chaves da BRAPCI”, e buscas com os termos *gender*, *woman* e *feminism* no campo Assunto Principal (*Mainsubject*) da LISA.



**Quadro 3** – Trabalhos sobre gênero indexados na BRAPCI e na LISA

<b>Bases/Ano</b>	<b>Termos de busca</b>			
LISA/2020	Gender	Woman	Feminism	
	1951	7914	1668	
BRAPCI/2020	Gênero	Mulher*	Feminismo	Machismo
	119	70	11	1
BRAPCI/2022	Gênero	Mulher*	Femini*	Machis*
	221	128	104	1

Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Em relação ao recorte temporal, não foi determinado uma data de início para a cobertura dos levantamentos, já para as datas de término foi estabelecido a período de março de 2020 no caso da LISA, e para BRAPCI, na qual foram realizados dois levantamentos, os períodos de corte foram respectivamente março de 2020 e dezembro de 2022. Os dados levantados são os apresentados no Quadro 4.

Os dois momentos de levantamentos realizados na BRAPCI, deve ao período de duração da pesquisa, e a necessidade de atualização dos dados. No entanto só foi possível realizar a atualização do levantamento na BRAPCI, já que a não renovação da assinatura das bases *Proquest*, pelo Portal CAPES, impossibilitou a renovação do levantamento na LISA (CRB6, 2021).

A pesquisa prosseguiu apenas com a análise do levantamento realizado na BRAPCI. Tendo sido realizado o tratamento do levantamento, com a exclusão dos itens fora do escopo da pesquisa, aqueles duplicados e materiais que não fossem artigos de análises sistemáticas, tais como: entrevistas, *posters*, editoriais e outros.

A exclusão dos itens fora do escopo da pesquisa ocorreu exclusivamente nos itens recuperados com o termo gênero, pois nessa busca foram recuperados itens indexados sobre gênero textual, televisivo e documental.

Após o tratamento do levantamento realizado na BRAPCI, chegou-se ao total de 269 artigos científicos sobre gênero e Ciência da Informação que compõem o *corpus* de análise da presente pesquisa (APÊNDICE C).

- **Epistemologia da Ciência da Informação**

Após a seleção realizada na BRAPCI dos 132 artigos, foram realizadas a leitura dos resumos e identificação das palavras-chaves a fim de refinar o levantamento, extraíndo do levantamento artigos que não abordavam efetivamente a constituição epistêmica da Ciência a Informação. Foram retirados dos levantamentos os trabalhos que se caracterizavam como ensaios, ou eram a reprodução de uma aula inaugural, assim como foram excluídos também os artigos que tinham como objeto de análise a Biblioteconomia, a informação, Arquivologia, ética da informação, metodologia, fenomenologia, biblioteca escolar, perfil acadêmico dos pesquisadores, inteligência de negócios, bibliografia, entre outros.

A seleção buscou delimitar o *corpus* documental à trabalhos que tivessem como objeto de estudo a Epistemologia da Ciência da Informação ou objetivo de apresentar uma proposta epistemológica para área. Foram mantidos ainda os trabalhos que tratavam da produção científica sobre Epistemologia e Ciência da informação em contexto nacional e internacional, assim como os trabalhos que abordavam o contexto do ensino sobre epistemologia na forma em Ciência da Informação. Após a aplicação dos referidos critérios o *corpus* documental para análise ficou delimitado em 60 artigos (APÊNDICE B).

## 5 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB A PERSPECTIVA FEMINISTA DE CIÊNCIA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo como aporte as discussões e reflexões apresentadas nas seções anteriores sobre gênero e epistemologia, direciona-se a atenção para compreender como essas questões se apresentam especificamente no contexto da CI.

Essa etapa da pesquisa é na verdade uma tentativa de aceite ao convite feito por Longino sobre a necessidade de revisão das ciências a partir das reflexões promovidas pela epistemologia feminista e também uma tentativa de direcionar a pergunta feita por Schiebinger à ciência, agora a área de conhecimento da CI: O feminismo mudou a CI?

Ainda que a pesquisa não investigue especificamente os impactos do feminismo na CI, a análise das questões de gênero nas ciências, como visualizado anteriormente, são em grande medida consequências diretas dos debates feministas que aconteceram no mundo acadêmico no âmbito das ciências sociais. Dessa forma, ao investigar as questões de gênero circunscritas ao âmbito da CI e da OIC, também investiga indiretamente os impactos dos feminismos na área.

A análise aqui encaminhada foi desenvolvida a partir de uma perspectiva feminista de ciência, já incorporando elementos das discussões sobre feminismo e ciência.

Dessa forma, ter como objeto de análise as questões de gênero no âmbito da CI, a partir de uma perspectiva feminista de ciência, interpela a levar essas questões para camada mais profunda do fazer científico, com as suas concepções e bases epistêmicas.

Sabe-se, pois, que a investigação sobre concepções epistêmicas de uma área não é tarefa fácil, já que muitas vezes essas se apresentam difundidas e diluídas pelas teorias, métodos e práticas da área, de forma que possam não estar tão evidentes e fácil de identificá-las, mas que certamente estão lá, e isso também acontece, no caso específico, da CI.

Visando sanar tal característica do objeto, a pesquisa foi encaminhada sobre duas frentes de investigação. A primeira delas buscou levantar a produção científica da CI sobre gênero, e fazer uma análise qualitativa do *corpus* por meio da análise

dos termos de recuperação do volume de produção encontrado. A segunda frente de pesquisa foi a investigação da presença ou não da epistemologia feminista na produção científica da CI sobre epistemologia.

As estratégias de abordagem do objeto visaram dar maior tangibilidade ao mesmo, visto que sua presença se apresenta de forma pulverizada sobre diferentes aspectos práticos e teóricos da área.

### 5.1 Os estudos de gênero na Ciência da Informação

Os 269 artigos sobre gênero e Ciência da Informação indexados na BRAPCI constitui o *corpus* de análise da pesquisa. A distribuição do *corpus* por termo de recuperação é de 84 artigos recuperados com termo mulher\*, 156 artigos com o termo gênero, 106 artigos com o termo femini\*.

**Quadro 4** – Produção Científica da CI sobre gênero por termos de busca (Femini\*, Gênero, Mulher\*)

Termo de busca	Femini*	Gênero	Mulher*	Machis*
Itens recuperados por termo	106	156	84	1
Total geral de itens recuperados	347			
Total de itens recuperados sem duplicidade de recuperação	269			

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Uma primeira avaliação do *corpus* por termo de recuperação apontou a necessidade de conhecer a distribuição dos artigos com recuperação concomitante entre os termos de busca da pesquisa. Dessa forma, chegou-se a resultado de distribuição do *corpus* por termos de indexação apresentado no Quadro 5

**Quadro 5 – Produção Científica da CI sobre gênero – Representação concomitante dos termos Femini\*, Gênero e Mulher\***

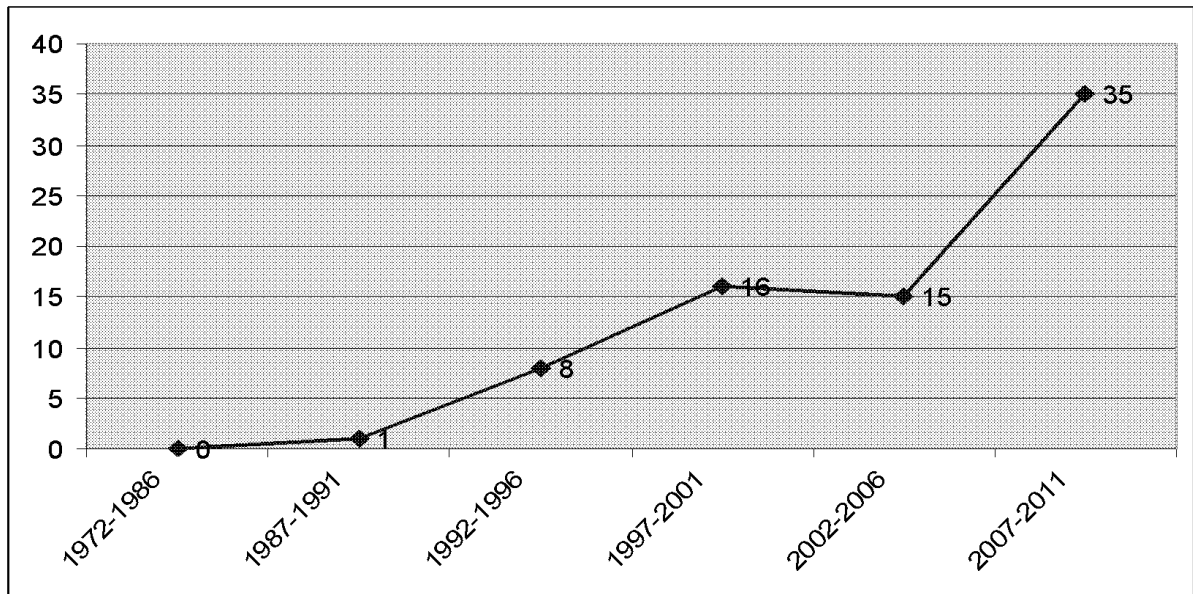
Termos de buscas	Femini*	Gênero	Mulher*	Machis*	Machis*/Gênero/Mulher*	Femini*/Gênero/Mulher*	Total de artigos recuperados
Femini*	43	22	12	0			84
Gênero	22	98	28	0	1	7	156
Mulher*	12	28	58	0			106
Machis*	0	0	0	0		0	1

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A distribuição do *corpus* da pesquisa pôr termo de recuperação, apresenta alguns dados que devem ser analisados de forma mais detalhada conjuntamente com a discussão sobre os termos de representação presentes nos trabalhos de Ciência da Informação sobre gênero que será feita mais adiante.

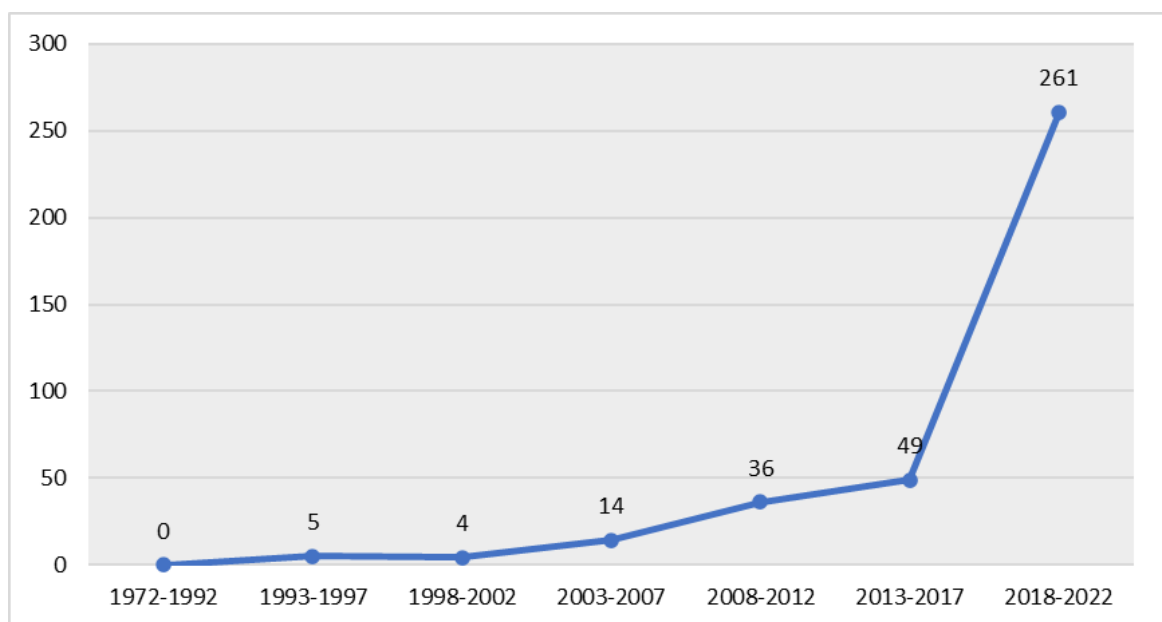
A fim de estabelecer um diálogo com os demais trabalhos da área sobre o tema, inicia-se a análise do *corpus* documental a partir das discussões sobre distribuição temporal do corpus, a fim de compreender como se deu essa produção ao longo do tempo.

Para ajudar a entender a distribuição temporal da produção científica da Ciência da Informação sobre gênero, contava com o levantamento realizado por Bufrem e Nascimento (2012), que apresentavam dados da produção até 2011.

**Gráfico 1** – Número de artigos de CI sobre gênero entre 1972 -2011

Fonte: Bufrem e Nascimento (2012, p. 207).

A partir do levantamento realizado há uma década, Bufrem e Nascimento (2012) apontavam que a temática de gênero ainda era tímida, porém, contava com crescente interesse dos estudiosos da área. O cenário que se tem agora a partir do *corpus* é de 269 artigos recuperados na mesma base, BRAPCI.

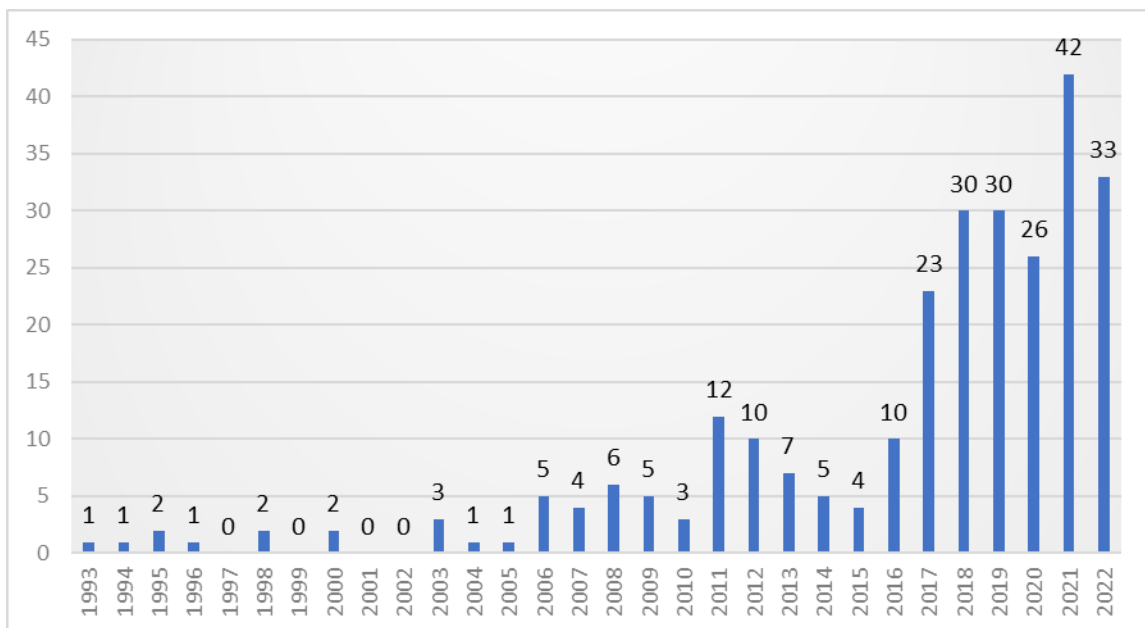
**Gráfico 2** – Número de artigos de CI sobre gênero entre 1972 e 2022

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O Gráfico 2, elaborado a partir do *corpus* da pesquisa, a produção sobre gênero na Ciência da Informação teve seu início na década de 90, sendo que o artigo mais antigo a compor o *corpus* de análise é de 1993, que nos permite afirmar que a temática já está presente na área há mais de 30 anos. É preciso atentar a distribuição temporal dessa produção ao longo desses 30 anos.

Os dados de distribuição temporal da produção científica de Ciência da Informação sobre gênero indicam que essa produção teve início na década de 90. A primeira década dos anos 2000 foi uma produção tímida. Sendo que apenas em 2011 a produção chega a mais de uma dezena de artigos publicados em um único ano. E, só a partir de 2017, a produção se manteve acima das duas dezenas trabalhos, chegando à marca de 42 artigos publicados em 2021.

**Gráfico 3 – Produção científica de CI sobre gênero (Ano de publicação)**



Para qualificar essa análise é possível contar com outros trabalhos da área, sobretudo aqueles que tomaram como todo ou parte do seu *corpus* de análise as produções em eventos científicos da área, já que estes “refletem a tendência das pesquisas baseada nos anseios e discussões da comunidade científica durante” (ARBOIT; BUFREM, 2011, p. 215).

Nesse sentido os trabalhos de Nascimento e Oliveira (2019) e Lopes *et al.* (2021) destacam a produção sobre a Temática no ENANCIB, e ajudam a qualificar a análise temporal da produção de gênero em CI no contexto nacional.

Nascimento e Oliveira (2019) analisam os números da produção sobre mulher e gênero entre 2007 e 2018, nas teses e dissertações dos PPGCI, na BDTD e nos anais do ENANCIB, no qual encontram 31 trabalhos.

**Quadro 6** – Produção sobre mulher e gênero no Enancib – (Comunicação oral e pôster)

<b>Grupo de Trabalho</b>	<b>Trabalhos apresentados</b>
Informação e Memória	9
Mediação, Circulação e Apropriação da Informação	6
Organização e Representação do Conhecimento	5
Informação e Saúde	5
Informação, Educação e Trabalho	2
Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação	2
Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	1
Gestão da Informação e do Conhecimento	1
Política e Economia da Informação,	0
Informação e Tecnologia	0
Museu, Patrimônio e Informação	0
<b>Total de trabalhos apresentados</b>	<b>31</b>

Fonte: Adaptado de Nascimento e Oliveira (2019)

É possível perceber nos dados levantados por Nascimento e Oliveira (2019) uma dispersão da produção entre os GTs, e como o apontado pelas autoras, a



ausência de publicação em dois deles. Em relação a produção total levantada, as autoras concluem que a produção científica sobre mulher e gênero nos PPGCIs e Enancibs é periférica.

Já, Lopes *et al.* (2021) ao analisar a produção sobre gênero no GT1 - Estudos Históricos e Epistemológico da Ciência da Informação, entre os anos 2010 e 2019, encontra uma lacuna de 11 anos, compreendida entre 2008 e 2018, na produção, e que em 2019 a temática volta a estar presente, com 04 trabalhos. Ao analisarem essa distribuição temporal da produção à luz da discussão epistemológica da CI, os autores associam esse resultado à um contexto mais amplo do fazer científico, afirmando que “o machismo na ciência é um projeto político” (LOPES. *et al.* 2021, p. 287).

Em 2022, durante o XXII ENANCIB, foi inaugurado um grupo de trabalho sobre gênero, o GT12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades, sob a coordenação de Izabel França de Lima, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e tendo Maria Aparecida Moura, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como coordenadora adjunta, que contou com a apresentação de 31 trabalhos. A ementa do GT12 define seu escopo de cobertura:

Estudos teóricos e aplicados em informação sobre Raça, Classe, Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades. Teorias Críticas, Culturais, Racial, Feministas e Queer. Correntes teóricas, escolas de pensamento, bases metodológicas-conceituais e aplicações técnico-científicas dos estudos étnico-raciais, de gênero e de diversidade. Teorias, discursos, saberes, atividades científicas e profissionais em ambientes informacionais comunitários, populares e organizacionais. Relações sociais, de poder e resistências. Epistemicídio, violências e insurgências. Estudos Pós-Coloniais, Decoloniais e Anticoloniais. Estudos Críticos da Branquitude. Justiça Social, Informacional, Racial e de Gênero (ANCIB/ENANCIB, 2022, online).

A partir da análise do volume (Quadro 4 e 5) e da distribuição temporal do *corpus* (Gráfico 2 e 3) e dos dados e análises realizados por outros pesquisadores, assim como pela criação do GT12 do ENANCIB, e a figuração de disciplinas temáticas eventuais ofertadas nos cursos de graduação de Biblioteconomia, é possível afirmar que a temática de gênero na Ciência da Informação, no contexto nacional, conta com mais de 30 anos de produção, que se entendeu em uma

produção tímida porém, crescente até a primeira década dos anos 2000, tendo apresentando crescimento acentuado na última década.

Além do volume de produção crescente é possível afirmar que a temática avança na direção da consolidação e reconhecimento de importância nos estudos de Ciência da Informação, situação evidenciada sobretudo pela criação do GT12 e da presença de disciplinas temáticas nos cursos de formação em Biblioteconomia.

No entanto a análise da distribuição temporal da produção científica de Ciência da Informação sobre gênero, pode e deve ser compreendida também em relação a inserção das discussões sobre gênero no debate científico-acadêmico.

Sendo assim, se faz necessário retomar as temporalidades das discussões sobre gênero apresentados na seção 2. É na década de 70 do século XX que as discussões sobre gênero adentram com significativas os debates acadêmicos-científicos, motivadas sobretudo pelos questionamentos e inquietações trazidas pelos movimentos feministas da década anterior. Já na década de 1980 é possível contar com reconhecidos trabalhos sobre a temática, e um movimento de sistematização e proposta de análise criadas para os estudos de gênero. Um marco dessa proposta de sistematização na área das Ciências Sociais é o trabalho de Joan Scott, Gênero como categoria de análise, já abordado anteriormente.

Dessa forma, quando localiza na década de 1970 as primeiras produções sobre gênero e na década de 1990 sobre gênero na Ciência da Informação, tem-se no mínimo um *lapso* de aproximadamente 20 anos. Considerando que como apresentados no Gráfico 3, essa produção figurou de forma tímida e pouco expressiva até a primeira década dos anos 2000, observa 40 anos de uma produção pouco significativa e relevância em número sobre a temática dentro da Ciência da Informação.

Mas para que se possa entender as possíveis causas desse *lapso* temporal entre a inserção da temática de gênero nas discussões acadêmicas-científicas e a produção científica da Ciência da Informação sobre o tema, é preciso olhar para alguns aspectos da história de constituição da Ciência da Informação como área de conhecimento e da sua história no contexto brasileiro.

O primeiro aspecto que chama atenção é que o período de constituição da Ciência da Informação como área de conhecimento. Apesar da dificuldade de estabelecimento de datações precisas e universais quando do surgimento de uma nova área de conhecimento, para Ciência da Informação, ainda que se considere

diferentes marcos e regionalidades, é consenso entre os pesquisadores que seu surgimento tenha ocorrido na década de 1960, e que ainda na década de 1970, os profissionais da informação de diferentes localidades discutiam seus contornos (FREIRE, 2006; BARRETO, 2008; ORTEGA, 2009).

Considera-se que o registro oficial da denominação ciência da informação data do início da década de 1960, a partir de eventos promovidos pelo Georgia Institute of Technology, nos Estados Unidos, do qual participaram também cientistas, escritores e filósofos estrangeiros e onde foi discutida a criação de novas tecnologias de informação, conseqüência natural do crescimento da produção científica e que redundara na multiplicação dos periódicos científicos. Apesar da ênfase na educação e treinamento profissionalizantes, a realização de debates teóricos permitiu que se chegasse a uma primeira definição do que seria a ciência da informação e mostra a percepção da área pelos americanos (FREIRE, 2006. p. 11).

A essas reuniões de profissionais da informação e suas publicações, soma-se as publicações especificamente da Federação Internacional de Documentação (FID), como FID 435 e a FID 450 (Problemas da Ciência da Informação) que contribuem para o reconhecimento e consolidação a nova área de conhecimento.

Apesar de coincidir temporalmente a inserção das discussões de gênero no cenário acadêmico-científico com o período de constituição da Ciência da Informação, as preocupações trazidas pelo primeiro parecem não adentrarem as discussões de constituição do segundo, que naquele momento estava mais preocupada com a explosão informacional. Destacando assim os aspectos tecnológicos de tratamento da informação.

A partir desse cenário é possível lançar como hipótese para ausência das discussões sobre gênero no período de constituição da Ciência da Informação a tentativa de se buscar bases teóricas-metodológicas mais consolidadas, como da própria Documentação, Biblioteconomia e até mesmo Informática, para a partir dessas, criar sua própria base teórico-metodológica. Ou seja, ainda que se busque diferenciar dessas outras áreas de conhecimento, era mais seguro evidenciar os pontos de contato com elas, do que se arriscar muito mais se aproximando de novas temáticas e abordagem.

Considerando que a análise da produção sobre gênero em Ciência da Informação parte da recuperação de trabalhos por meio dos seus termos de

representação, faz-se necessário aprofundar a análise do *corpus* da pesquisa a partir de uma perspectiva pragmático-discursiva dos termos de representação.

## 5.2 *Machismo*

Como apresentado no Quadro 3, há uma discrepância entre a quantidade de trabalhos recuperados de acordo com o termo de busca utilizado. O dado que mais se destacou foi a recuperação de apenas um trabalho por meio da estratégia de busca *machis\** no campo Palavra-Chave da BRAPCI. Essa situação nos faz questionar sobre a) a escolha das palavras e adequação da estratégia de busca, b) a pertinência dos trabalhos descritos com machismo/machista nas discussões sobre gênero, c) e o que representa a ausência desses descritores na identificação dos trabalhos de Ciência da Informação. Abaixo, mais detalhes sobre o trabalho recuperado.

Intitulado *A mulher e a comunicação científica: uma questão muito além do gênero*, de Neves (2018), é uma comunicação feita na modalidade *Resumo Expandido*, no V Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Gestão e Ciência da Informação das Regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul (EREBD Se/Co/Sul), realizado em 2018. Nele, a autora investiga a configuração por gênero dos comitês/equipes editoriais de periódicos científicos de CI da região Nordeste, e apresenta como análise preliminar dos dados encontrados, que a grande participação das mulheres no cenário analisado não repercute em cargos de chefia, o que estaria ligado a conjuntura machista da sociedade.

As palavras-chaves do trabalho são *Mulher, Questão de Gênero, Periódico Científico e Machismo*. Sendo que além dessas palavras-chaves foi incluído como descritor do trabalho na BRAPCI, a sigla EREBD que identifica o evento de comunicação do trabalho.

Ao analisar os descritores do referido trabalho, o qual conta com a presença simultânea de “*Questões de gênero*” e “*Machismo*”, associa a isso o uso da palavra *mulher* no título e a problematização explicitada no resumo, e o uso do termo machismo/machista do corpo do texto, indica que o trabalho problematiza a temática de gênero em um contexto pertinente aos estudos de CI, e de maneira coerente ao que se propõe faz o uso do termo Machismo para identificar o trabalho.

Mas se o uso do descritor Machismo se revela adequado a esse trabalho, o que pode explicar a ausência do descritor nas produções da Ciência da Informação e em especial, sobre aquelas ligadas a temática de gênero?

Um caminho possível é buscar entender qual o conceito de machismo utilizado nos discursos feministas, e como se comportam em relação ao uso da palavra e suas variáveis e decorrências.

Uma rápida consulta ao Dicionário Crítico do Feminismo (HIRATA *et al.*, 2009) revelou que Machismo não era um dos verbetes do dicionário. Já a consulta ao Índice Remissivo da obra indica *Machismo* ver *Patriarcado*, com a indicação de 12 páginas de ocorrência, acrescido da indicação de todo verbete Patriarcado.

“Patriarcado” é uma palavra muito antiga, que mudou de sentido por volta do fim do século XIX, com as primeiras teorias dos “estágios” da evolução das sociedades humanas, depois novamente no anos 70 no Ocidente. Nessa nova acepção feminista, o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres. Essas expressões, contemporâneas do anos 70, referem-se ao mesmo objeto, designado na época precedente pelas expressões “subordinação” ou “sujeição” das mulheres, ou ainda “condição feminina” (DELPHY, 2009, p. 173).

Nos dois primeiros parágrafos do verbete Patriarcado é apresentado a importância da historicidade do conceito atribuído a palavra e que há uma definição construída a partir das discussões feminista. Delphy (2009) elabora o verbete apresentando a história semântica da palavra, na qual o sentido feminista contemporâneo seria o terceiro, cuja elaboração foi atribuída à Kate Millet, em *Sexual Politic*, publicado em 1971. O sentido feminista contemporâneo para patriarcado é a dominação dos homens, quer seja eles pais biológicos ou não.

No que diz respeito as teorias feministas, Delphy (2009) afirma que o termo patriarcado foi adotado pelos movimentos feministas da década de 70 e designava o conjunto do sistema a ser combatido, de forma que essa concepção afastava seu emprego para designar relações individuais ou um estado de espírito.

Neste ponto é que se encontra a relação entre machismo e patriarcado que se busca. Segundo conceituação apresentada no verbete, no léxico feminista, tanto militante quanto científico, os termos patriarcado, gênero e sistema de gênero, “se completam e se opõem a termos como “sexismo” ou “machismo”, que denotam mais o nível das atitudes e/ou das relações interindividuais”.

Ainda assim tornou-se relevante saber mais sobre o emprego da palavra patriarcado nos estudos feminista. Delphy (2009) afirma que nos estudos feministas a palavra foi associada a militância e indica que seu uso reduzido nos estudos franceses, devido a busca por legitimação nas esferas do conhecimento por parte das pesquisadoras, no intuito de se afastarem dos movimentos feministas, chegando eufemizar o vocabulário utilizado para se distinguirem do militantismo. Tal situação, segundo a autora, não ocorreu nos estudos desenvolvidos nos Estados Unidos e Grã-Bretanha, onde a palavra patriarcado é encontrada tanto em panfletos militantes quanto em estudos teóricos.

O uso do termo patriarcado é alvo de outras objeções para além da associação à militância feminista. De acordo com Delphy (2009) as objeções versão sobre a adesão de teorias que privilegiam o capitalismo e as possíveis implicações da sua generalidade, que poderia universalizar um contexto que é histórico e geograficamente determinado, ou o inverso, torná-lo trans-histórico ou transgeográfico.

A relação entre patriarcado e machismo portanto se dá pelo elemento comum “dominação do homem”, sendo um o sistema e o outro as atitudes de dominação nas relações interpessoais. Sendo assim, o uso dessas palavras como descritores indicariam ora uma representação de um sistema, contextual e histórico, enquanto a outra indicaria manifestação no nível das atitudes.

É preciso ainda considerar que o emprego do termo patriarcado indica associações teóricas de compreensão da organização da sociedade como um todo e marca um posicionamento político de aproximação com as causas feministas. Assim como o não uso dessa palavra pode estar associado a tentativa de afastamento da militância feminista e busca de neutralidade na tentativa de maior cientificidade nos estudos sobre gênero.

### 5.3 Mulher\*

Seguindo a análise proposta sobre os termos de recuperação e representação do *corpus* passa-se para a análise do que foi recuperado pela busca mulher\*. Como apresentado no Quadro 6, essa busca recuperou 106 artigos, sendo 12 com ocorrência concomitante apenas feminis\*, 28 apenas com gênero, 1 com gênero e machis\*, e 7 com gênero, feminis\*.

A análise dessa parte do *corpus* precisa ser iniciada pela escolha do termo de busca *mulher*. Como na seção 2, o histórico da produção científica-acadêmica sobre gênero tem seu início com os estudos sobre “mulher”, que apesar de ter a mulher como temática ainda havia nessas propostas um certo caráter de dominação ao colocar a mulher na posição passiva de objeto de estudo, se pensar em um modelo tradicional de ciência. Mas esse cenário sofreu mudanças com os movimentos feministas a partir da década de 1960.

Os movimentos feministas que agitaram o cenário social das décadas de 1960 e 1970, mostram para a sociedade e para a academia que não se podia falar em “mulher” e sim, em “mulheres”. Nesse caso, o plural não significaria apenas uma questão quantitativa, mas sim uma diversidade de forma diferentes de ser mulher. Como foi apontado por diferentes correntes feministas, tais como: o feminismo negro, lésbico, latino e mais recentemente o indígena, evidenciaram-se os diferentes elementos que atingem e contribuem para constituição das mulheres, ou seja, as *mulheres* são atravessadas por elementos como classe, raça, orientação sexual, região, entre tantos outros, que precisam ser entendidos por meio de suas interseccionalidades, para um entendimento mais amplo das mulheres, que por muito foi encoberto pela totalizante palavra mulher.

Essa discussão sobre o entendimento social do que ser “mulher”, ou melhor, do que são “as mulheres”, e que passa também pela escolha das palavras mais adequadas para representar os novos entendimentos, é de interesse dos profissionais da Ciência da Informação, e sobretudo da Organização da Informação e Conhecimento, ao trabalharem com a organização do conhecimento registrado.

Dessa forma a palavra *mulher* tem uma historicidade que precisa ser considerada quanto adotada como termo de representação nos diferentes domínios, dentre eles também na Ciência da Informação.

A estratégia de busca *mulher\** visou recuperar termos decorrentes do radical *mulher*, *mulheres* e termos pré-coordenados. Os termos recuperados sobre a busca *mulher\** apresentaram uma variedade relativa, o que provocou a uma categorização que permite analisar esses termos a partir do referencial dos estudos de gênero.

**Quadro 7** – Categorização dos termos recuperados a partir da busca mulher\*

<b>Categorização dos termos</b>	<b>Termos recuperados</b>
Identificação genérica	Mulher (Mulhere/Mulheres) <sup>11</sup>
Diversidade de mulheres	Mulher Negra Mulhere Transexual Menina e Mulhere
Arquétipo	Mulher-fatal
Mulheres como sujeito	Cinema de Mulhere Movimento de Mulhere Mulher Negra Intelectual Mulhere Militante
Mulheres com objeto de estudo	Mulhere na Literatura
Tipificação de violência	Violência Doméstica Contra a Mulhere Violência Contra a Mulher Violência Contra a Mulher Negra
Serviços ou ações direcionados para as mulheres	Saúde da Mulher Informação para Mulhere. Inclusão da Mulher Direitos das Mulheres Direito da Mulhere

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A categorização proposta no **Quadro 7 - Categorização dos termos recuperados a partir da busca mulher\*** é uma proposta instrumental de análise a partir do resultado encontrado no corpus da pesquisa. Vale destacar que os termos recuperados presentes no quadro são aqueles usados como descritor no campo Palavra-chave da BRAPCI. Essa ressalva é importante pois há casos em que de diferenças entre as palavras-chaves presente no texto original do artigo daquelas apresentadas como descritores utilizados para indexação na base. A BRAPCI apresenta em sua página o Índice das Palavras-Chaves utilizadas na indexação dos seus itens e que são utilizados com descritores (BRAPCI, 2023).

<sup>11</sup> A partir dessa parte do texto, a fim de respeitar a grafia encontrada na fonte documental, a grafia Mulhere irá aparecer sempre que a mesma tiver sido usada no registro de representação e recuperação da fonte documental analisada. É importante que isso não seja entendido como um erro de grafia, mas sim como uma das variáveis de representação do termo mulher presente nas listas de termos de representação das bases de dados consultadas.



A partir disso observa-se a presença dos itens recuperados e agrupados na categoria, Identificação Genérica, com pelos descritores *Mulher*, *Mulhere* e *Mulheres*.

Ao propor analisar a partir de uma perspectiva feminista o uso desses termos na representação dos trabalhos sobre gênero desenvolvidos no âmbito da Ciência da Informação, o uso do plural deixa de ser entendido apenas como elemento linguístico de número ou padronização da linguagem de representação, e passa a ser alvo de reflexões sobre as concepções que seu uso carrega.

O uso da palavra mulher no singular indica a ideia, já superada, de que é possível falar em uma categoria uniforme/totalizante que possa representar todas as mulheres, e expressa pela palavra “mulher”. Já o uso da palavra ou termo “mulheres”, indica a compreensão que as mulheres não se constituem em uma única maneira e sim a partir de uma pluralidade de formas, que suas formas de existência são diversas, e que a linguagem as identifica ou representa pode ser mais inclusiva. A palavra “mulheres” apesar de ser também uma generalização, e as generalizações muitas vezes são úteis para reflexão e construção do conhecimento, é uma generalização mais inclusiva.

Como vimos por meio dos termos recuperados pela busca mulher\*, apesar da coexistência do uso de termo no singular e no plural para o termo mulher, parece haver uma compreensão conceitual sobre a conceituação de mulher e uma preocupação com uma representação mais inclusiva, uma vez que mais de 90% do *corpus* recuperado pela busca mulher\* recupera trabalhos cujos indicam uma compreensão mais plural do conceito mulher pelo uso do descritor mulhere e descritores pré-ordenados com termo mulher ou mulhere.

Uma análise qualitativa dos trabalhos recuperados com os termos mulher indica que as concepções presentes nesses trabalhos operam com uma conceituação de mulher que considera suas diferentes formas, que se apresentam como produtos de uma construção social que combina elementos de interseccionalidades. Essas concepções plurais sobre as mulheres algumas vezes não são representadas pelos descritores atribuídos ao trabalho.

Pode apontar o artigo *A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino* (PACÍFICO; ROMÃO. 2006) como um exemplo dessa situação. Os descritores atribuídos ao artigo na base foram “Arquivo. Memória. Discurso. Ideologia. Sentido. Mulher.” Já o título do artigo traz em si a ideia de que se constrói

sentidos sobre o feminino, o que nos indica que as autoras partem de uma concepção de que o feminino é algo construído e que, sendo o feminino algo atribuído as mulheres, infere-se que ambos possam ter diferentes sentidos em diferentes contextos.

O que se pode inferir a partir do título é confirmado ao longo do texto, como no trecho *“de acordo com o conceito de arquivo proposto por Pêcheux (1997), pode interpretar os sentidos que as fotos constroem, considerando a história e a memória, ou seja, interpretar como os sentidos sobre a mulher foram construídos historicamente”* (PACÍFICO; ROMÃO. 2006, p. 81). As autoras ao trabalharem a partir da ideia de sentidos sobre as mulheres e sobre o feminino também apontam para os desdobramentos desses sentidos na sociedade, *“buscamos interpretar as figuras do feminino e as posições que fazem circular os efeitos do que é ser mulher; efeitos que, para nós, não são únicos, mas um dentre vários, plurais e polissêmicos”* (2006, p. 81).

O que se tem a partir da exemplificação da análise do trabalho de Pacífico e Romão (2006) é que apesar do uso do descritor Mulher no singular, as concepções que pautam a análise das autoras estão alinhadas com as concepções mais atuais sobre mulher e gênero que consideram essas categorias como construções sociais afetadas por diferentes interseccionalidades.

Já os termos recuperados agrupados sobre a categoria Diversidade de Mulheres, foram Menina e Mulher, Mulher Negra, Mulher Negra Intelectual e Mulhere Transexual. Os termos dessa categoria são termos pré-coordenados entre mulhere e um segundo termo que busca identificar uma especificidade de parte desse grupo. Nos termos recuperados tem a indicação da diversidade de raça, Mulher Negra e Mulher Negra Intelectual, a diversidade de identidade de gênero Mulher transexual e da diferença de idade com a associação entre Menina e Mulher.

A relação etária presente no termo Menina e Mulhere, indica uma especificidade do ser mulher através da idade, no qual a infância é identificada pela palavra Menina, uma etapa específica do ser mulher.

Sobre o descritor Mulher Negra é possível afirmar que sua existência é resultado das reflexões impulsionadas pelo feminismo negro, que traz para a pauta feminista as especificidades do ser mulher negra, trazendo para discussão sobre as especificidades e diversidade do ser mulher outros elementos, propondo, assim,

uma compreensão de diferentes interseccionalidades que compõem diferentes mulheres, tais como origem, crença, classe, identidade sexual entre outros.

Ainda na categoria Diversidade de Mulheres, tem-se o termo Mulher Transexual, que é também uma forma de especificação das mulheres por sua identidade de gênero. A especificação das mulheres por sua identidade de gênero se alinha as discussões as diferentes interseccionalidade que compõem as diferentes mulheres.

A especificidade dos termos Mulher Negra quanto Mulher Transexual indica grupos que foram historicamente discriminados pela sociedade e que sua identificação nominal, como descritores reconhecer sua importância para compreensão de diferentes assuntos e aspectos da sociedade investigados em âmbito acadêmico.

Visto em projeção, o uso desses termos que identificam a diversidade das mulheres acaba por contribuir para uma maior visibilidade desses grupos e conseqüentemente ajuda a promover debates em busca de uma sociedade mais inclusiva.

Na categoria que denomina-se Mulher como sujeitos, agrupa-se os termos Cinema de Mulhere, Movimento de Mulhere, Mulher Negra Intelectual e Mulher Militante. O termo Cinema de Mulhere indica a participação das mulheres na produção de cinema, o que se associa com a luta feminista por participação feminina em diferentes espaços de atuação profissional. Sendo assim, é possível pensar que a partir da identificação profissional seria possível analisar a participação das mulheres em diferentes áreas profissionais e que os estudos podem explorar essa possibilidade.

O termo Mulher Negra Intelectual acrescenta aos indicadores de gênero e raça, uma palavra que identifica o trabalho reflexivo e crítico sobre a realidade, expresso pelo termo "Intelectual". Dessa forma, o termo Mulher Negra Intelectual indica ser uma forma de especificar que a mulher negra não é apenas uma categoria ou um objeto, a ela é reconhecida pela coletividade a posição de produtora de reflexões sobre a realidade.

Ainda sobre o termo Mulher Negra Intelectual é possível em uma análise considerando os dados históricos de participação das mulheres e das mulheres negras na ciência e nos diferentes espaços de conhecimento, a necessidade de se marcar como descritor o reconhecimento da mulher negra como intelectual para ser

uma necessidade de reconhecer e publicizar a participação das mulheres negras como produtoras de conhecimento.

Já o termo Movimento de Mulheres e Mulher Militante traz as mulheres para posição de sujeito, ao se organizarem e militarem por uma causa. O termo Mulher Militante tem apenas uma ocorrência, sendo descritor do artigo *Análise discursiva da posição sujeito das mulheres negras militantes reverberada pelo discurso de sojourner truth* (SANTOS; AZEVEDO. 2020). Os outros descritores do artigo na BRAPI são Análise do Discurso, Posição-sujeito e Negra.

Como pode ver pelo título do artigo e pelos outros descritores os sujeitos da ação militante indicada pelo descritor são mulheres negras.

Na categoria Mulher com objeto de estudo, com ocorrência única do Mulher na Literatura, tem-se um descritor que identifica um tema no qual a mulher é objeto de estudo, como personagens dos textos literários. Por sua vez, ao olhar o item recuperado, é possível perceber que essa abordagem da mulher como objeto de estudo por meio da sua presença nos textos literários é feita a partir de uma abordagem mais ampla que busca identificar os textos literários que tratem do tema violência contra as mulheres a fim de dar visibilidade ao tema e impedir silenciamentos (SILVA; TOALER; 2020)

A categoria Arquétipo, com ocorrência do termo Mulher-fatal, ainda que sendo de ocorrência única nos faz questionarmos a presença de arquétipos femininos sexualizados na sociedade. Ainda que o trabalho recuperado problematize o uso do referido arquétipo no cinema, e que seu uso como descritor se dê pela tentativa de identificação mais precisa do conteúdo do trabalho, seu uso pode ser alvo de questionamento.

Ao mesmo tempo que o uso de termos como descritores podem permitir maior inclusão de sujeitos e visibilidade a determinadas causas, a presença de outros pode reforçar a perpetuação de estereótipos e preconceitos. Dessa forma é sempre válido que repensar os termos usados para representação dos trabalhos e seus usos correntes na área de domínio, mas também na sociedade de forma geral.

Outra que categoria que vale destacaré a Tipificação de Violência, com os termos Violência Contra a Mulher, Violência Contra a Mulher Negra e Violência Doméstica Contra a Mulher. A existência de descritores e, conseqüentemente de trabalhos, que tipificam a violência sofrida pelas mulheres é um indicador das dificuldades que as mulheres enfrentam na sociedade, ao ponto de se tornarem

vítimas de violência. As pesquisas sobre violência contra mulher são fundamentais para contribuir para uma sociedade menos violenta na qual as mulheres possam ser respeitadas e terem o seu direito a vida garantido.

Já a categoria Serviços ou ações direcionados para as mulheres, agrupa os termos recuperados Saúde da Mulher, Informação para Mulhere, Inclusão da Mulher, Direitos das Mulheres, Direito da Mulhere. Esses termos buscam identificar serviços ou ações direcionados para as mulheres, pode perceber que prevalece entre eles a relação de serviços ligados a saúde e aos direitos das mulheres. Novamente, pode apontar essas temáticas como resultado das lutas feministas por busca de igualdade entre a mulheres na sociedade. Ainda que a temática de saúde da mulher possa carregar em si elementos de uma conceitualização biologizante do que é ser mulher, por ser uma temática ligada a área médica e o uso do termo mulher ser grafado no singular, a luta pela saúde das mulheres é também uma pauta dos feminismos e se integra da pauta de direitos das mulheres.

Não se pode deixar destacar o termo Informação para Mulhere, que recupera apenas um artigo, que aborda a disseminação de informação sobre HIV/AIDS para as mulheres. Acredita-se que a baixa ocorrência desse descritor ou de semelhantes que busquem identificar por gênero o sujeito para qual a informação se destina ocorra por muitos trabalhos na área sobre recepção de informação serem identificados a partir de termos associados a palavra usuário. Assim é preciso considerar se os estudos de usuário realizados no âmbito da CI estão considerando especificidade de demanda de gênero caso essas existam.

O que temos então até aqui, com a análise de alguns termos recuperados pela busca mulhere\* é que os descritores indicam uma relação direta com a evolução dos estudos sobre gênero em outras áreas. No entanto a sua presença ainda é tímida se comparado outros assuntos da área e que sua presença na Ciência da Informação é tardia de comparada ao uso em outras áreas das Ciências Sociais.

O uso de termos como Mulhere, Mulhere Negra, Mulhere Negra Intelectual e Mulhere Transexual, indicam que a maior parte dos trabalhos sobre gênero na Ciência da Informação, ainda que de maneira tímida e tardia (uma vez que são trabalhos escritos a partir da década de 2010), estão abordando diferentes aspectos das discussões sobre gênero, e que o uso desses termos de representação indica

um acompanhamento conceitual as palavras e termos mais pertinentes a essa temática.

Apesar desse alinhamento conceitual, há situações que ainda indicam um distanciamento conceitual entre o descritor utilizado das concepções operadas nos trabalhos, como exemplificamos ao analisarmos os trabalhos representados exclusivamente pelo descritor Mulher no que diz respeito a temática de gênero. O distanciamento entre o descritor e as concepções operadas nas análises desenvolvidas pelos trabalhos, convida a uma reflexão profunda sobre a representação dos trabalhos, especialmente, no âmbito dos estudos sobre gênero, uma vez que a representação imprecisa pode implicar em problemas de recuperação, e, portanto, de recepção, sobre uma temática tão sensível à sociedade.

#### 5.4 *Feminis\**

O tratamento do levantamento recuperado pela busca *Femini\**, resultou na seleção de 84 artigos, nos quais foram encontrados 52 descritores grafados em parte com *femini*, sendo 6 descritores simples e 46 pré-ordenados. Os descritores simples Feminino e Feminismo indicavam uma possibilidade de agrupamento dos descritores, como o apresentado no Quadro 8.

**Quadro 8** – Descritores recuperados a partir da busca *Femini\** no campo Palavra-chave da BRAPCI

<b>Agrupamento dos descritores</b>	<b>Descritores recuperados</b>	
<b>Feminina (o)</b>	Autoria Feminina Biblioteca Prisional Feminina Cadeia Feminina Conto de Autoria Feminina Corpo Feminino Documentação do Feminino Educação Feminina Empoderamento Feminino Empreendedorismo Feminino Empreendedorismo Rural Feminino Femicídio Feminino Futebol Feminino Gênero Feminino Gestão Feminina	Leitura Feminina Liderança Feminina Moda Feminina no Oitocentos Movimento Feminino Museu de Arte Popular do Instituto Feminino da Bahia. Museu do Feminino. O Papel da Publicidade na Construção e Consolidação da Representação do Gênero Feminino Participação Feminina Personagem Feminina Produção Científica Feminina Profissão Feminina Protagonismo Feminino

	Identidade Feminina Imprensa Feminina Instituto Penal Feminino Auri Moura Costa	Representação do Feminino Revista Feminina Significado do Feminino
<b>Feminismo</b>  <b>e</b>  <b>Feminista</b>	Antifeminismo Ativista Feminista Coletivo Feminista Crítica Feminista Ecofeminismo. Ecologia Feminista Economia Digital Feminista Empirismo Feminista Epistemologia Feminista Epistemologias Feministas	Estudo Feminista Ética Feminista Feminismo Feminismo Ecológico Feminismo Negro Movimento Feminista Oficina de Autoconscientização Feminista Ponto de Vista Feminista Teoria Feminista

Fonte: Elaborada pela autora.

Como se pode ver no Quadro 8, é possível agrupar esses descritores em dois grandes grupos. Sendo o primeiro deles aqueles que se pré-ordenam a partir dos termos Feminino e Feminina, e o segundo, que decorrem ou se pré-ordenam a partir dos termos Feminismo e Feminista.

A alocação do descritor Femicídio no agrupamento Feminino e Feminina, não se dá pelo critério gramatical adotado, mas sim por aproximação conceitual à categoria, uma vez que femicídio é o homicídio cometido “contra a mulher por razões da condição de sexo feminino”, conforme a Lei 13.104 (BRASIL, 2015).

Dito isso, destacasse nos termos do agrupamento Feminina (o), a identificação de três segmentos de instituições associadas as mulheres, instituições prisionais, instituições sociais e religiosas e museus.

**Quadro 9** – Artigos científicos identificados com descritores que associam nominalmente espaços e instituições ao feminino

<b>Artigos</b>		<b>Descritores</b>
<b>Instituições prisionais</b>	Desafios e aceitação do exame Papa Nicolau da mulher reclusa (TEIXEIRA; BORGES; BRITO. 2021)	Ensino em Saúde. <b>Cadeia Feminina.</b> Cariri. Colo de Útero. Prevenção. Saúde.
	Projetos de mediação de leitura e bibliotecas em presídios femininos. (CARVALHO; CARVALHO; CARVALHO 2017).	<b>Biblioteca Prisional</b> Feminina. Mediação de Leitura. Formação e Desenvolvimento de Coleção.

	Biblioteca prisional e reinserção social: o olhar das internas do Instituto Penal Feminino Auri Moura Costa. (SOUSA; PINTO. 2018)	Ciência Social Aplicada. Biblioteconomia. Biblioteca Prisional. Reinserção Social. <b>Instituto Penal Feminino Auri Moura Costa.</b> Sociopoética.
<b>Museus</b>	SILVA, Stephanie Cerqueira; JORENTE, Maria José Vicentini; SILVA, Stephanie Cerqueira; JORENTE, Maria José Vicentini. A semantização das representações imagéticas em ambientes digitais de museus do feminino.	<b>Museu do Feminino.</b> Linguagem Multimodal. Narrativas Visuais. Design da Informação.
<b>Instituto social religioso</b>	CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da; CERÁVOLO, Suely Moraes. Reflexões sobre o Museu de Arte Popular do Instituto Feminino da Bahia. <b>Em Questão</b> , v. 26, p. 206-234, 2020	Ciência Social Aplicada. Museu de Arte Popular. Coleção. Espaço Expositivo. <b>Museu de Arte Popular do Instituto Feminino da Bahia.</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

A presença de artigos científicos no âmbito da Ciência da Informação que contextualizam suas pesquisas em instituições prisionais para mulheres, podem indicar uma contribuição na promoção da visibilidade dessas mulheres historicamente silenciadas.

No que diz respeito a Ciência da Informação, a mulheres duplamente invisibilizadas (Borges, 2019), ou se adotar uma perspectiva do feminismo interseccional, triplamente invisibilizadas, pelo aprisionamento, gênero e raça, são também sujeitos dos processos de informação e portanto, alvo de interesse das discussões informacionais, nas condições contextuais que as circunscrevem nos presídios.

Direcionar o olhar para essas mulheres e espaços além de contribuir com as necessidades informacionais delas, e também é uma forma promover meios de ampliar suas vozes.

Já o outro espaço associado nominalmente ao feminino é o museu. O descritor Museu do Feminino, recupera o artigo A semantização das representações imagéticas em ambientes digitais de museus do feminino (SILVA; JORENTE, 2021), que tem como objeto de estudo o *National Museum of Women in the Arts*, e tem como objetivo “relacionar as percepções de Walter Benjamin às contribuições para a organização e a apresentação da informação em acervos digitais de museus do feminino...”.



Por sua vez, a palavra-chave Museu de Arte Popular do Instituto Feminino da Bahia, recupera o artigo Reflexões sobre o Museu de Arte Popular do Instituto Feminino da Bahia (CUNHA, CERÁVOLO; 2021), que tem por objeto a coleção de arte popular mantida por uma fundação católica que busca entre outras coisas valorizar a mulher.

Tem-se então como resultado das análises as palavras-chaves que identificam lugares destinados ao feminino, três instituições, presídios, museus e instituto de assistência social de origem religiosa.

Os presídios e museus ainda que nas suas concepções mais modernas, sejam instituições busquem integrar-se à sociedade, ainda guardam significativos traços de apartamento da sociedade, quer seja por afastamento do que condena ou do enaltecimento do que admira-se. Por sua vez, um instituto que presta absoluta adesão a Santa Sé, ainda que tenha sido reconhecido de utilidade pública, também pode ser visto com ressalvas no que diz respeito aos espaços destinados as mulheres.

A lista de palavras-chaves compostas com os termos Feminina ou Feminino evidenciam a participação das mulheres em algumas atividades, como o exposto por Futebol Feminino, Imprensa Feminina e Participação Feminina.

Essas palavras-chaves buscam atribuir a essas atividades a participação da mulher ou características do feminino. Porém, o uso da palavra “feminina(o)” não é suficiente para identificar as concepções presentes nos artigos, no que diz respeito ao entendimento de que os “atributos femininos” sejam inerente as mulheres ou socialmente construídos e a elas direcionados. E, como se viu no referencial teórico sobre estudos de gênero e epistemologia feminista, a concepção adotada é extremamente importância.

Já os descritores associados ao Feminismo e Feminista, é possível perceber três grandes categorias, Feminismo e seu segmentos, Sujeitos dos Feminismos, Feminismos e Conhecimento.

**Quadro 10** – Categorização dos termos pré-ordenados com Feminismo e Feminista

<b>Feminismos (Segmentos)</b>	<b>Sujeitos dos Feminismos</b>	<b>Feminismos e Conhecimento</b>
Antifeminismo* Ecofeminismo. Feminismo Feminismo Ecológico Feminismo Negro Movimento Feminista	Ativista Feminista Coletivo Feminista Oficina de Autoconscientização Feminista	Crítica Feminista Ecologia Feminista Economia Digital Feminista Empirismo Feminista Epistemologia Feminista Epistemologias Feministas Estudo Feminista Ética Feminista Ponto de Vista Feminista Teoria Feminista

Fonte: Elaborada pela autora.

Na categoria Segmento do Feminismo nota-se descritores gerais para como Feminismo e Movimento Feminista.

Em relação aos diferentes segmentos de feminismos, apenas dois são nomeados pelos descritores, o Feminismo Ecológico, com a variação Ecofeminismo, e o Feminismo Negro. Portanto, a partir da análise dos descritores nota-se a ausência de estudos que versem sobre outras vertentes como o Feminismo Lésbico, Liberal, Marxista, Interseccional, Radical, entre outros. Essa ausência pode indicar mais que um desinteresse por esses segmentos feministas, e podem indicar o desconhecimento da diversidade dos movimentos feministas. Assim como o uso predominante do descritor Feminismo no singular, nos estudos de gênero da Ciência da Informação, parece corroborar essa hipótese.

Já na categoria Sujeitos do Feminismo, temos descritores que destacam a participação, individual ou coletivas, dos sujeitos nos movimentos feministas.

Porém a maior quantidade de descritores ligados a feminismo e feminista se relacionam de alguma maneira aos desdobramentos dos feminismos em relação a produção do conhecimento, são eles: Crítica Feminista; Ecologia Feminista; Economia Digital Feminista; Empirismo Feminista; Epistemologia Feminista; Epistemologias Feministas; Estudo Feminista; Ética Feminista; Ponto de Vista Feminista; e Teoria Feminista.

**Quadro 11** – Produção Científica em Ciência da Informação que relaciona Feminismo e conhecimento através do uso de descritores pré-ordenados na BRAPCI

<p>ÁLVARES, Cláudia; MARTINS, Inês Rôlo; CARDOSO, Daniel dos Santos. Argumentação numa esfera pública reticular: as vozes femininas online. <b>Comunicação &amp; Informação</b>, n. 2, v. 14, p. 47-65, 2011.</p>	<p>Comunicação. Esfera Pública. Contra esfera. Deliberação. Mulheres. Rede. <b>Crítica Feminista.</b></p>
<p>CÂNDIDO, Gilberto Gomes; REDIGOLO, Franciele Marques; CONDURÚ, Marise Teles; BRITO, Camila do Nascimento; SILVA, Carla Patricia Lima. O ecofeminismo como perspectiva em pesquisas científicas. <b>Liinc em revista</b>, v. 18, 2022. Disponível em: &lt;<a href="https://brapci.inf.br/index.php/res/v/194812">https://brapci.inf.br/index.php/res/v/194812</a>&gt;. Acesso em: 28-fev.-2023.</p>	<p>Ecofeminismo. Pesquisa Científica. Feminismo Ecológico. Ecologia Feminista.</p>
<p>PELLEGRINI, C. M. C.; COSTA, A. P. M. Trabalho, emprego e renda na era da plataformização digital: o caso dos trabalhos de cuidado. <b>Liinc em revista</b>, v. 18, 2022. DOI: <a href="https://doi.org/10.18617/liinc.v18i2.6011">10.18617/liinc.v18i2.6011</a> Acesso em: 27 maio 2023.</p>	<p>Plataformização Digital. Economia Digital Feminista. Relação de Gênero. Trabalho de Cuidado.</p>
<p>ALMEIDA, C. C. Epistemologias feministas e ciência da informação: notas introdutórias. <b>Informação &amp; Informação</b>, v. 26, n. 4, p. 48-75, 2021. DOI: <a href="https://doi.org/10.5433/1981-8920.2021v26n4p48">10.5433/1981-8920.2021v26n4p48</a> Acesso em: 07 mar. 2023.</p>	<p>Ciência da Informação. Epistemologia Feminista. Empirismo Feminista. Ponto de Vista Feminista. Objetivismo. Epistemologias Feministas. Ciencia de la Información. Ciência da Informação.</p>
<p>ALMEIDA, Carlos Cândido de; MANUEL, Rosa San Segundo; ALMEIDA, Carlos Cândido de. Epistemologias feministas e Ciência da Informação: estudos e implicações. <b>Informação &amp; Informação</b>, n. 4, v. 26, p. 76-108, 2021. Disponível em: &lt;<a href="https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169659">https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169659</a>&gt;. Acesso em: 28-fev.-2023.</p>	<p>Ciência da Informação. Epistemologia Feminista. Estudo Crítico. Epistemologias Feministas. Ciencia de la Información. Ciência da Informação.</p>

<p>HARDING, Sandra. Gênero, democracia e filosofia da ciência. <b>Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde</b>, n. 1, v. 1, 2007. Disponível em: &lt;<a href="https://brapci.inf.br/index.php/res/v/133441">https://brapci.inf.br/index.php/res/v/133441</a>&gt;. Acesso em: 28-fev.-2023.</p>	<p>Gênero. Democracia. Filosofia da Ciência. Epistemologia Feminista. Ciência Não-ocidental.</p>
<p>MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; MELLO, Mariana Rodrigues Gomes. Epistemologias, gênero e dogmatismo científico: desdobramentos na Organização do Conhecimento. <b>Logeion: filosofia da informação</b>, v. 9, p. 182-194, 2022. Disponível em: &lt;<a href="https://brapci.inf.br/index.php/res/v/202341">https://brapci.inf.br/index.php/res/v/202341</a>&gt;. Acesso em: 28-fev.-2023.</p>	<p>Epistemologia. Epistemologia Feminista. Gênero. Dogmatismo Científico. Organização do Conhecimento.</p>
<p>BERRÍO-ZAPATA, C.; SILVA, E. F.; GUARALDO, T. S. B.; CARVALHO, N. M. G. Exclusão digital de gênero: quebrando o silêncio na ciência da informação. <b>Revista Interamericana de Bibliotecología (Colombia)</b>, v. 43, n. 1, 2020. DOI: <a href="https://doi.org/10.17533/udea.rib.v43n1eRv1">10.17533/udea.rib.v43n1eRv1</a> Acesso em: 28 fev. 2023.</p>	<p>Ciencia de la Información. Brecha Digital. Ciência da Informação. Exclusão Digital. Tecnologia da Informação e Comunicação. Exclusão Digital de Gênero. Estudo Feminista.</p>
<p>MONTIEL, Aimée Vega. Ética feminista e comunicação. <b>Comunicação &amp; Informação</b>, n. 2, v. 14, p. 3-18, 2011.</p>	<p>Comunicação. Ética Feminista.</p>
<p>TEBALDI, Raquel. Contribuições das teorias feministas e dos estudos de gênero para os debates sobre alfabetização midiática e informacional. <b>Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação</b>, n. Especial, v. 13, p. 196-212, 2017.</p>	<p>Media and Information Literacy. Alfabetização Midiática e Informacional. Gênero. Teoria Feminista. Educação. Tecnologia da Informação e Comunicação.</p>

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

O **Quadro 11** apresenta os 10 artigos recuperados pelos descritores que relacionam feminismo à alguma forma de produção ou abordagem do conhecimento.

O artigo mais antigo recuperado é 2007, e foi escrito pela pesquisadora Sandra Harding, uma das pioneiras na discussão sobre feminismo e produção do conhecimento científico.

A publicação do artigo da pesquisadora estadunidense Sandra Harding em 2007, em um periódico brasileiro de informação, pode ser compreendida com o início documental/material do interesse da área nas discussões sobre feminismo e conhecimento no âmbito da Ciência da Informação no Brasil.

Os outros dois artigos mais recuados no tempo, publicados em 2011, são também de autores estrangeiros, vinculados a instituições estrangeiras quando da publicação dos artigos. A autora mexicana Montiel, ao escrever *Ética Feminista e Comunicação* (2011) era vinculada ao Programa de Investigación Feminista da Universidad do México. E os autores portugueses do artigo *Argumentação numa esfera pública reticular: as vozes femininas online* (ÁLVARES; MARTINS; CARDOSO. 2011) estavam vinculados à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, de Portugal, e produziram o artigo com parte do projeto “Participação feminina online: a redefinição de esfera pública”, financiado pela Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT), de Portugal.

O primeiro artigo recuperado com descritores que associam feminismo e conhecimento, de produção nacional é de 2017, *Contribuições das teorias feministas e dos estudos de gênero para os debates sobre alfabetização midiática e informacional* (TELBALDI, 2017).

Dessa forma, segundo o *corpus* analisado nesta pesquisa, tem-se um intervalo de 10 anos entre a publicação do artigo de Harding (2007) até uma publicação do trabalho de Telbaldi (2017), que configura como primeiro artigo nacional recuperado com um descritor que associa feminismo a produção do conhecimento. Se considerarmos a primeira publicação do livro *The science question in feminism*, em 1986, no qual Harding já apresenta de maneira sistematizada parte do debate sobre os desdobramentos possível do feminismo na ciência, temos um intervalo, ou porque não dizermos um atraso, de três décadas. E para não deixar como exemplo único, também temos o já referenciado artigo de Joan Scott, *Gênero como Categoria de Análise*, de 1985.

Já a data de publicação dos demais artigos é ainda mais recente, somando 5 publicações entre 2020 e 2022.

Dessa forma, a existência de descritores que associam feminismo e conhecimento em produções nacionais da Ciência da Informação, não revela um cenário tão positivo, pois encontra-se pouca produção em relação ao volume de artigos, apenas 7 e tardia no que diz respeito a abordagem do tema, iniciada apenas em 2017.

Por sua vez, pode-se apontar como indicativo favorável a concentração dessa produção nos três últimos anos. O indicar que a produção a partir dessas temáticas e abordagem estejam ganhando espaço nos debates da área e que iriam se desdobram em estudos futuros.

A atribuição desses descritores nos artigos de Ciência da Informação indica que de alguma maneira a área vem incorporando as discussões dos impactos que os feminismos causaram e continuam causando nas discussões sobre produção do conhecimento.

A análise da destruição temporal dos artigos recuperados por esses descritores indica que as abordagens feministas ligadas a produção do conhecimento são muito recentes na produção científica da Ciência da Informação, tendo seu início documentado em 2017. Se pensar na lacuna temporal entre o período de circulação abordagens feministas sobre conhecimento nas Ciências Sociais comum um todo, até elas passarem a figurar timidamente nos estudos da Ciência da Informação, temos um lapso temporal de três décadas.

### ***5.5 Gênero***

Do total de 269 artigos que compõem o corpus da pesquisa, 158 artigos foram recuperados pela busca Gênero, realizada no campo Palavra-chave da BRAPCI. Os descritores recuperados a partir da palavra gênero, recuperou apenas a variação gênero, gêneros e trangênero como descritores simples e 36 variações de descritores pré-ordenados, como apresentamos no quadro a seguir:

**Quadro 12** – Descritores recuperados a partir da busca Gênero no campo Palavra-chave da BRAPCI

<b>Categorização</b>	<b>Descritores</b>	
<b>Associações e intersecções</b>	Comunicação e Gênero Gênero e Classe Gênero e Saúde Sexo e Gênero	
<b>Biblioteconomia/ Informação/ Terminologia</b>	Terminologia de Gênero Tesauro para Estudo de Gênero e Sobre Mulher (TEG) Informação Gênero-Sexualidade	Gênero na Biblioteconomia Gênero e Cursos de Biblioteconomia
<b>Diversidade</b>	Dissidência de Gênero Gênero Gênero Feminino Gênero Mulher	Gêneros Gênero e Identidade Identidade de Gênero Transgênero
<b>Estudos</b>	Estudo de Gênero Estudos de Gênero Gender Perspective Ciência e Gênero	Gênero da Ciência Gênero e Ciência Gênero na Ciência Gênero na Produção Científica.
<b>Implicações/Relações sociais</b>	Desigualdade de Gênero Estereótipo de Gênero Estereótipos de Gênero Exclusão Digital de Gênero Igualdade de Gênero Minoria Sexual e de Gênero	O Papel da Publicidade na Construção e Consolidação da Representação do Gênero Feminino Questão de Gênero Relação de Classe e Gênero Relação de Gênero
<b>Linguagem</b>	Gender Fair Language. Gender Neutral Language.	
<b>Violência</b>	Violência Baseada no Gênero Violência de Gênero	

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

O **Quadro 12** apresenta uma categorização para análise dos descritores recuperados pela busca Gênero. A categorização proposta no quadro visa uma instrumentalização da análise dos descritores a partir de agrupamentos

A categoria Diversidade traz os descritores que nomeia as diferentes manifestações de gênero que identificam a produção científica da Ciência da Informação, são eles Dissidência de Gênero, Gênero, Gênero Feminino, Gênero

Mulher, Gêneros, Gênero e Identidade, Identidade de Gênero e Transgênero. Pode-se perceber pelos descritores dessa categoria que a produção da Ciência da Informação contempla a ideia de diversidade de gêneros.

Na categoria Linguagem, tem-se dois descritores *Gender Fair Language* e *Gender Neutral Language*, que ao relacionar gênero e linguagem nomeia mais uma forma da diversidade de gênero, o gênero neutro. Pelos dados recuperados no *corpus* da pesquisa é possível afirmar que a discussão sobre gênero neutro e linguagem ainda não figura na produção científica da CI brasileira. Os descritores recuperados que associam gênero e linguagem são grafados na BRAPCI em língua inglesa, não apresentando correspondente em português e, recuperaram apenas o artigo, “*Política lingüística de uso del lenguaje inclusivo de género y las revistas científicas de la Universidad de Costa Rica (UCR) (ROCHA; ALVAFARO. 2019)*”, escrito pelas autoras costa-riquenhas vinculadas ao Centro de Investigación en Estudios de la Mujer, Universidad de Costa Rica (UCR).

Nota-se que a diversidade de gênero nomeada é restrita as associações ao feminino, a mulher e a transexualidade, e que o gênero neutro é associado apenas a linguagem.

Foi possível ainda notar por uma análise preliminar do demais descritores associados aos termos principais de busca da presente pesquisa, que a sigla LGBT e as suas variações estendidas também são usadas para identificar os trabalhos de Ciência da Informação sobre gênero e recuperaram apenas 22 artigos.

Já na categoria Associações e Intersecções foram agrupados os descritores Comunicação e Gênero, Gênero e Classe, Gênero e Saúde e, por último, Sexo e Gênero. Nessa categoria destaca-se o descritor Gênero e Classe, já que como foi visualizado no referencial teórico a abordagem interseccional das questões de gênero, sobretudo com a categoria classe, foi resultado dos desdobramentos das discussões dos movimentos feministas em suas vertentes marxista e negra.

Assim, como os descritores recuperados na busca Mulher e Femini\*, também tem-se descritores que associam gênero à violência, Violência Baseada no Gênero e Violência de Gênero. Além da evidente verificação por meio dos descritores que figuram na sociedade formas de violência que vitimizam pessoas por seu gênero, a existência de artigos identificados e recuperados por esses descritores são também uma forma de mostrar que os pesquisadores da área estão atento as situações sensíveis da sociedade e ao estudarem os contextos de



violência de gênero a partir da perspectiva da Ciência da Informação possam de alguma forma contribuir para a diminuição desse problema que vítima de morte pessoas, como o nomeado pelo descritor Femicídio.

Na categoria Implicações/Relações sociais foram agrupados os descritores que evidenciam diferentes forma de implicações do gênero na sociedade. No entanto, tem-se nela um maior número de associações que indicam elementos reconhecidamente negativos ao termo gênero, como Desigualdade de Gênero, Estereótipo de Gênero, Estereótipos de Gênero, Exclusão Digital de Gênero e Minoria Sexual e de Gênero. Por sua vez, na mesma categoria está agrupado o descritor Igualdade de Gênero, que figura entre os demais como o contraponto de luta frente a todas as associações negativa feita ao termo gênero.

Ainda nesta categoria tem-se os descritores Questão de Gênero, Relação de Classe e Gênero e Relação de Gênero, que poderiam também ser agrupados na categoria Estudos, já que figuram como abordagens das discussões sobre gênero no âmbito acadêmico, porém a alocação nesta categoria buscou reforçar que essas implicações e relações ocorrem na sociedade de maneira mais ampla, não se restringem aos debates acadêmicos.

Na categoria Estudos, por meio dos descritores associam gênero à estudo, ciência, perspectiva e produção científica. O descritor Estudo de Gênero, como foi visualizado, está alinhado as uma história dos estudos sobre gênero, já que para alguns autores os Estudos de Gênero chegam a configuram um domínio nos moldes do definido por Hjørland (1995).

Também estão agrupados os descritores que se relacionam nominalmente gênero à ciência, recuperam 3 artigos, que abordam a questão através dos números da participação das mulheres com pesquisadoras e autoras de artigos científicos. Tal abordagem, para a associação gênero e ciência, é importante, porém restrita.

Uma vez que a participação da mulher no chamado mundo acadêmico e científico é resultado da luta feminista por ocupação de lugares antes destinados aos homens, esse é um aspecto relevante da discussão sobre gênero e ciência. Porém essa abordagem não contempla as implicações sobre a produção do conhecimento em relação as concepções, métodos e abordagens que as questões de gênero já demonstram ter impactado a ciência, sobretudo por meio dos desdobramentos do feminismo na ciência.

Por último, tem-se a categoria Biblioteconomia/Informação/Terminologia que agrupo os descritores Terminologia de Gênero, Tesouro para Estudo de Gênero e Sobre Mulhere (TEG), Informação Gênero-Sexualidade, Gênero na Biblioteconomia e Gênero e Cursos de Biblioteconomia. Com os descritores relacionados à Biblioteconomia são recuperados artigos que discutem participação por gênero, masculino e feminino, nos cursos e cargos de trabalho da área.

Tem-se nessa categoria o descritor Informação Gênero-Sexualidade, que recupera o artigo A rede epistêmica da informação gênero-sexualidade na Ciência da Informação (SANTANA *et al.*, 2021) que “sistematiza a rede epistêmica da informação gênero-sexualidade, no escopo da Ciência da Informação, tomando como referência as relações entre temáticas, coautorias e instituições”.

Já os descritores Terminologia de Gênero e Tesouro para Estudo de Gênero e Sobre Mulhere (TEG) recuperam um único artigo, a representação do domínio ?gênero? no âmbito das linguagens documentárias: um mapeamento conceitual em instrumentos terminológicos (RIBEIRO *et al.*, 2017), que tem como foco principal os estudos do domínio “gênero” e é direcionada à análise de instrumentos de organização e representação da informação.

Nessa categoria nota-se que se tem uma variação das abordagens sobre gênero, que vai da participação dos gêneros feminino e masculino na área de Biblioteconomia, passa pela discussão terminológica utilizada no domínio dos estudos de gênero e, por fim busca mapear a rede epistêmica sobre gênero criada no escopo da Ciência da Informação.

Dessa forma nota-se um crescente nas discussões sobre gênero presente nessa categoria. E ao atentar para as datas de publicação desses artigos, percebe-se que houve uma escalada significativamente rápida da abordagem.

### ***5.6 Configuração epistêmica da Ciência da Informação a partir da bibliografia***

O corpus selecionado de 30 artigos sobre epistemologia e Ciência da Informação nos apresenta dados importantes que nos ajudam a refletir sobre os desdobramentos dos estudos de gênero das discussões epistêmicas da área.

O primeiro elemento a ser destacado é que os dois artigos mais antigos, que remontam década de 70 do século passado, são de autoria Shera, *Toward a theory of Librarianship and information science* (1973) e *Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia* (1977). Jesse H. Shera é reconhecido como o principal percussor de uma abordagem que destaca aspectos humanísticos da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Ele é reconhecido com um dos principais nomes da elaboração da chamada Epistemologia Social.

Acrescido a esse dado, temos o primeiro artigo do corpus identificado como o descritor Epistemologia Feminista sendo publicado apenas em 2007, *Gênero, democracia e filosofia da ciência* (HARDING, 2007).

Como vimos na seção sobre Epistemologia Feminista, algumas abordagens a colocam com uma subárea da Epistemologia Social, sendo assim o cenário que se apresenta até aqui é que a Epistemologia Social tem espaço de destaque, quase que com caráter fundado da Ciência da Informação, mas as suas vertentes, se assim considerarmos a Epistemologia Feminista, não teve o espaço que se pudesse esperar de uma teoria decorrente da teoria balizadora da área.

Ao considerar a publicação mais na qual Shera aborda a Epistemologia Social na sua relação com a Biblioteconomia, até a publicação de Harding, se passam 30 anos.

Sendo assim a pergunta que se coloca a partir disso, é a de por que a Epistemologia Feminista demora figurar no debate epistêmico da CI uma vez que está pode ter entendida com “decorrente” da Epistemologia Social?

Para elaborar uma possível resposta para essa pergunta, é preciso ainda olharmos as demais publicações em sua distribuição temporal.

Dos 30 artigos selecionados 2 são da década de 70, apenas 1 da década de 90, e todos os demais são de publicação posterior aos anos 2000.

Aqui vale retomarmos um elemento importante da seleção do corpus já descritor anteriormente, foram considerados apenas os artigos publicados presentes na BRAPCI e que foram recuperados relacionassem pelos descritores Epistemologia

e Ciência da Informação, ficando de fora os artigos que abordagem a temática em subárea da CI.

Dito isso, o que temos é uma lacuna de mais de duas décadas entre as publicações de Shera o interesse em se discutir aspectos epistêmicos da área de CI.

Sendo assim arriscasse dizer que esse intervalo de décadas, possa ocorrer devido a necessidade inicial de construção de bases epistêmicas gerais e consolidadoras, afim de sustentar a nova área de conhecimento que se desenha, ou seja a Ciência da Informação na década de 70. E que após esse reconhecimento, talvez na intenção de não enfraquecer a área recém estrutura, não se abra espaço significativo as novas discussões epistêmicas.

Essa hipótese para ser adequada ao que possa ter acontecido com a Epistemologia Feminista na Ciência da Informação. Uma vez que os debates de gênero adentram a academia na década de 1970 e ganham robustez e teorização na década de 1980, a Ciência da Informação não se abre essa discussão pois preocupada em fortalecer as bases epistêmicas que adotou na sua constituição inicial.

E até mesmo a presença do artigo de Harding em 2007, não decorre em publicações logo em seguida. Os outros 3 artigos do corpus que são identificados com o descritor Epistemologia Feminista são publicados em 2021 e 2022 (ALMEIDA; MANUEL, 2021; ALMEIDA, 2021; MARTÍNEZ-ÁVILA; MELLO, 2022). Nos artigos recuperados, é possível notar o alinhamento com os debates sobre gênero apresentados na trajetória dos estudos de gênero ao longo da seção 2.

Se deixarmos de lado o artigo de Harding (2007), uma vez que ela é uma das teóricas da epistemologia feminista, para análise da produção representada pelo descritor Epistemologia Feminista, o que temos é uma produção científica que utiliza com bases as principais autora, já citadas, sobre os debates de gênero na atualidade. Esses artigos referenciam autoras com Evelyn Fox Keller, Hellen Longino, Hope A. Olson, Judith Butler, Joan Scott, Londa Schiebinger, Sandra Harding, entre outras autoras e autores.

Esses três artigos defendem a necessidade de se observar a Ciência da Informação e a Organização da Informação e do Conhecimento, a partir da

perspectiva proposta pela Epistemologia Feminista, sendo presente no texto desses autores proposta de enfrentamento ao dogmatismo, a necessidade de uma reforma da Ciência da Informação ou incorporação das discussões da epistemologia feminista.

Apesar do pouco volume de artigos identificados com o descritor Epistemologia Feminista, as questões por eles abordadas revelam a importância e complexidade da discussão acerca da epistemologia feminista no contexto da CI e dos outros desdobramentos epistêmicos que os debates sobre gênero infligiram à ciência.

Sendo assim, apesar de o corpus levantado indicar uma presença ainda inicial no que diz respeito ao volume de produção, essa mesma produção se mostra com potencial de desdobramentos significativos para área. E é nessa direção que a presente tese se propôs caminhar.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender as questões de gênero no contexto da Ciência da Informação essa tese apresentou, a partir de uma perspectiva feminista de ciência, uma análise da produção científica sobre gênero na CI por meio da discussão de termos de representação centrais da referida temática e dos desdobramentos epistêmicos dessas questões na área.

Ao partir da problematização de como as questões de gênero permeiam as concepções e o fazer da Ciência da Informação, tornou-se imprescindível relacionar a trajetória dos estudos de gênero em diferentes áreas e, até mesmo a compreensão, destes como um domínio, com a trajetória específica desses estudos no contexto da Ciência a Informação. Tal situação, retoma aspectos do caráter interdisciplinar da Ciência da Informação e nos convida a pensar a área enquanto elemento constituinte de um saber científico determinado, mas que compõem o amplo e diverso cenário da ciência.

Sobre a hipótese de pesquisa, que considerava ser possível propor mudanças de concepções epistêmicas e práticas no contexto da CI, que pudessem contribuir para equidade nas relações de gênero, raça e classe, é possível dizer que a mesma foi verificada. Uma vez que os resultados de análise do corpus, mostram uma evolução da temática de gênero, sobretudo no que diz respeito ao uso dos termos de representação, mas também da presença de elementos epistêmicos decorrentes das questões de gênero no contexto da CI, que indicam a contribuição da área para a construção de uma sociedade mais plural e diversa, uma vez que a abordagem dessas questões está alinhada com os debates de gênero que prevê uma sociedade mais plural e equitativa.

Ainda que tenha sido evidenciado por meio dos resultados da pesquisa um atraso temporal considerável na discussão sobre a temática no contexto específico da Ciência da Informação e uma abordagem restrita a linguagem e participação da mulher como profissional e cientista, uma vez que se avançou em tempo e volume nos estudos dessas questões a abordagem da área buscou se aproximar dos debates mais recentes.

Dessa forma é possível dizer que com a produção crescente sobre gênero e o início da presença dos desdobramentos das questões de gênero nas discussões sobre epistemologia na Ciência da Informação, pode contribuir para construção de uma sociedade mais justa no que diz respeito as questões de gênero e cumprindo assim com seu compromisso social e ético.

A indicação da evolução da terminologia utilizada na representação dos artigos científico sobre gênero e a presença, ainda que discreta, das discussões sobre gênero e epistemologia são evidências da contribuição social da CI para os debates sobre gênero, ainda que a sua mensuração em impacto seja difícil, a sua existência é comprovada pela produção científica da área.

No entanto, temos que destacar que esse processo pode e precisa ser consciente, incentivado, acelerado. Além de alargado para outros grupos e situações que possam contar com essa postura da área, enquanto ciência, e dos profissionais, enquanto sujeitos, para a efetivação desse compromisso científico, social e ético de busca por uma sociedade mais justa. Não é aceitável que alguns debates demorem tanto a chegar e produzir desdobramentos em uma área que tem por objeto a informação, uma vez que esse objeto é de circulação rápida e de desdobramento quase que imediatos. É preciso ainda que não perder de vista que ao trabalharmos com informação, estamos em última análise interferindo da vida de sujeitos, pois assim como a fala dá o direito a existir, a informação alimenta e instrumentaliza um existir mais justo.

Nesse ponto, tem-se um possível desdobramento da presente tese para futuros estudos, a necessidade de se mensurar os impactos sociais de elementos de organização da informação sobre gênero, como por exemplo os impactos dos usos de alguns termos de representação, o reconhecimento de alguns grupos e teorias e como essas informações circulam na sociedade.

O objetivo geral da pesquisa foi alcançado, uma vez que foi possível através da análise do corpus selecionado, compreender a forma como a Ciência da Informação, em especial a Organização da Informação e do Conhecimento, por meio dos termos de representação vem abordando as questões de gênero.

Os objetivos específicos foram alcançados e demonstram que ainda há a necessidade de discussão sobre as linguagens de representação quando o assunto é gênero, e não só no que diz respeito a produção específica da Ciência da Informação, mas com a interlocução com outras áreas de conhecimentos e segmentos sociais que possam estar fora do debate científico, mas presentes na sociedade.

As discussões sobre linguagem e gênero, no âmbito da Organização da Informação e do Conhecimento, se vista e encaminhada a partir de uma perspectiva feminista de ciência, vai além de uma discussão terminológica restrita a linguagem de um determinado domínio, elas nos permitem uma análise que contribua reconhecimento dos sujeitos e suas contribuições sociais e também científicas, muitas vezes não reconhecidas ou omitidas.

O desenvolvimento da tese revelou a necessidade de reflexões acerca da metodologia adotada nos estudos da Ciência da Informação sobre gênero, uma vez que a significativa produção da área sobre o tema revela o interesse pela discussão, a produção de resultados de pesquisas enriquecedores, mas metodologias aparentemente dispersas. Esse apontamento se apresenta com uma possibilidade de desdobramento do resultado da tese, e se alinha a perspectiva feminista de ciência, na qual vê nos métodos adotados no fazer científico mais tradicional, o reforço de valores como separação, hierarquização e dominação, que culminam em resultados científicos direcionados ao reforço de estereótipos e elementos de dominação de alguns grupos sobre os demais.

No que diz respeito aos desdobramentos epistêmicos das questões de gênero na Ciência da Informação, foi possível notar o surgimento de uma discussão, mas ainda carente de permeabilidade e estabelecimento de interlocutores internos. A ampliação dos debates sobre gênero e epistemologia é urgente e fundamental para que se possa caminhar também para uma fazer científico mais plural. De maneira que não se pode contribuir para uma sociedade diversa e plural, se não começar a refletir sobre nossa própria forma de fazer ciência e, discutirmos as bases epistêmicas que nos sustentam.

A investigação de aspectos epistêmicos e científicos que busca evidenciar características de uma ciência eurocentrista, colonial, machista e excludente, e de



difícil execução pois essas características se apresentam de forma tão diluída e naturalizada, que a sua comprovação se torna muito difícil. De outro lado, ao propor o encaminhamento de uma prática científica mais plural, inclusiva, decolonial, polifônica e feminista, acaba-se sendo alvo de acusações de reducionismo e parcialidade, em oposição a uma ciência “de visão ampla, imparcial e neutra”, que sabemos ser inexistente.

Chega-se ao final desta tese com resultados significativos da análise da produção de gênero no âmbito da Ciência da Informação e dos desdobramentos que essa temática vem causando no que diz respeito a aspectos epistêmicos da área. No entanto é sabido que essa temática não se esgota com a presente pesquisa, havendo diferentes possibilidades de pesquisa decorrentes dos elementos levantados na presente tese e tantos outros elementos que podem ser abordados a partir da temática central.

Isto posto, espera-se que os resultados e reflexões apresentados possam contribuir para o avanço das discussões de gênero, tanto internamente à Ciência da Informação, como possa causar impacto transformador na sociedade a fim de contribuir para uma sociedade mais justa e respeitosa, onde os sujeitos tenham direito de ter sua existência reconhecida.

## REFERÊNCIAS

- ALCOFF, L.; POTTER, E. *Feminist epistemologies*. New York: Routledge, 1993.
- ALVES, R. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- ARBOIT, A. E.; BUFREM, L. S.; FREITAS, J. L. Configuração epistemológica da Ciência da Informação na literatura periódica brasileira por meio de análise de citações (1972-2008). **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. 1, v. 15, p. 18-43, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/35425>. Acesso em: 26 fev. 2023.
- ANNA, J. S. A ciência da informação na sociedade multicultural: o paradigma social como paradigma emergente. **Biblionline**, v. 13, n. 1, p. 3-14, 2017.
- ARAÚJO, C. A. V. Estudos de usuários conforme o paradigma social da ciência da informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Informação & Informação**, v. 15, n. 2, p. 23-39, 2010. Acesso em: 17 fev. 2023.
- BARCHELARD, G. **A filosofia do não**: filosofia do novo espírito científico. Lisboa. Editorial Presença, 1991.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016.
- BLAZQUEZ GRAF, N. **Epistemología feminista**: temas centrales. Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, UNAM, 2012.
- BUFREM, L. S.; NASCIMENTO, B. S. A Questão do Gênero na Literatura em Ciência da Informação. **Em Questão**, n. 3, v. 18, p. 199-214, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/11473>. Acesso em: 15-abr.-2023.
- BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BURKE, P. **Uma história social do conhecimento II**: da enciclopédia à Wikipédia. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.
- CHABAUD-RYCHTER, D. et al. (org). *O gênero nas Ciências Sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2014.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FAULSTICH, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.24, n.3, p.281-298, 1995.

ESPINOSA-MIÑOSO, Y. **Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica**. El cotidiano, n. 184, p. 7-12, 2014.

ESPÍRITO SANTO, P. Os estudos de gênero da Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008.

GALVÃO, M. C. B. A linguagem de especialidade e o texto técnico-científico: notas conceituais. **Transinformação**, v. 16, p. 241-251, 2004.

GAUDIN, F. **Socioterminologie**: une approche sociolinguistique de la terminologie. Bruxelles: De Boeck & Larcier, 2003.

GAUDIN, F. Socioterminologia: um itinerário bem-sucedido. **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, v. 7, p. 293-309, 2014.

GÓMEZ, M. N. G. Para uma reflexão epistemológica acerca da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 6, n. 1, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/37093>. Acesso em: 12 set. 2023.

GRECO, J. O que é epistemologia. In: GRECO, John; SOSA, Ernest. (org.). **Compêndio de Epistemologia**. Tradução de Alessandra S. Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2008. p.15-61.

GUIMARÃES, J. A. Chaves. Análise de domínio como perspectiva metodológica em organização da informação. **Ciência da informação**, v. 43, n. 1, 2014.

HJØRLAND, B. Domain analysis: A socio-cognitive orientation for information science research. **Bulletin of the American Society for Information Science and Technology**, v. 30, n. 3, p. 17-21, 2004.

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**. v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.

JUTEAU, D. **Etnicidade e Nação**. In: HIRATA, Helena *et al* (orgs). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Unesp, 2009. p.90-96.

JAPIASSU, H. F. A epistemologia “racionalista-crítica” de K. Popper. *In*: JAPIASSU, H. F. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

KELLER, E.F. **Reflections on gender and science**. New Heaven, Yale University Press, 1985.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectivas, 2005. 260p. (Debates, 115).

LARA, M. L. G. de. O processo de construção da informação documentária e o processo de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 7, n.

2, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23427>. Acesso em: 23 jan. 2023.

LARA, M. L. L. G. O processo de construção da informação documentária e o processo de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/36477>. Acesso em: 19 jan. 2023.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

LONGINO, H. Epistemologia feminista. In: GRECO, John; SOSA, Ernest. (org.). **Compêndio de Epistemologia**. Tradução de Alessandra S. Farnandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2008. p. 505-546.

MAIMONE, G. D.; MATOS, A. P. Culturas indígenas sob a perspectiva da ciência da informação. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 13 No 3, n. 3, p. 46-55, 2019.

MIRANDA, A. B.; BARRETO, A. A. Pesquisa em ciência da informação no Brasil: síntese e perspectiva. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 23-24, n. 3, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/75925>. Acesso em: 16 jan. 2023.

MOREIRA, F. M.; DUARTE, A. B. S. O paradigma social da informação e as teorias sociais: relações e contribuições. **Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib., João Pessoa**, v. 11, n. 1, p. 169-178, 2016.

MOURA, M. A. *et al.* Organização social do conhecimento e performatividade de gênero: dispositivos, regimes de saber e relações de poder. **Liinc em Revista**, v. 14, n. 2, 2018.

ODDONE, N. E. Revisitando a "epistemologia social": esboço de uma ecologia sociotécnica do trabalho intelectual. **Ciência da Informação**, n. 1, v. 36, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/21615>. Acesso em: 26 fev. 2023.

OLSON, H. A. "The Power to Name: Representation in Library Catalogs." **Signs**, v. 26, n. 3, 2001, p. 639-68.

OYĚWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2021.

PACÍFICO, S. M. R.; ROMÃO, L. M. de S. A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino. **Em Questão**, n. 1, v. 12, p. 73-90, 2006. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/9326>. Acesso em: 27 fev. 2023.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Editora Paz e Terra, 2017.

PINHO, F. A. **Estudo terminológico para análise de domínio de gênero e sexualidade: o caso de termos «fronteiriços» para sistemas de organização do conhecimento.** Estudos LGBTQ+, Comunicación y Cultura, v. 1, n. 1, p. 67-80, 2021.

PRECIADO, P. **Manifesto contrassexual.** São Paulo: n-1 edições, 2017.

PRECIADO, P. **Testo Junkie. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala.** Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RIGHETTO, G. G.; DA CUNHA, M. F. V.; VITORINO, E. V.. O papel social do bibliotecário voltado às pessoas trans: aproximações teóricas. **Em Questão**, p. 212-238, 2019.

SAGER, J.C. **English special languages: principles and practice in science and technology.** Wiesbaden: Brandstetter, 1980.

SANTOS, B. S. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Afrontamento, 2002.

SANTOS, C. M.; AZEVEDO, N. P. S. G. Análise discursiva da posição sujeito das mulheres negras militantes reverberada pelo discurso de sojourner truth. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, n. 2, v. 5, p. 11-35, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/147873>. Acesso em: 27 fev. 2023.

SANTOS, T. H. N.; AQUINO, M. A. Entre os estudos culturais e a ciência da informação: fontes de informação étnico-raciais. **Informação & Informação**, v. 21, n. 1, p. 29-55, 2016.

SARACEVIC, T. A natureza interdisciplinar da ciência da informação. **Ciência Da Informação**, Brasília, DF, v. 24, n. 1, p. 36-41, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v24i1.608> . Acesso em: 20 jan. 2023.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Trad. Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001.

SCHMIT, F. Epistemologia Social. GRECO, John; SOSA, Ernest. (org.). **Compêndio de Epistemologia.** Tradução de Alessandra S. Fernades e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2008. p. 547-591.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995. Disponível em : <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 12 jan. 2020.

SICILIANO, M.; SOUZA, C. M. S.; METH, C. M. S. Sobre o que falamos quando falamos em gênero na ciência da informação?. **Informação & Informação**, n. 2, v.

22, p. 144-165, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33868>. Acesso em: 15-abr. 2023.

SILVA, J. L. C.; FARIAS, M. G. G. Reflexões teóricas sobre a construção paradigmática da ciência da informação: considerações acerca do(s) paradigma(s) cognitivo(s) e social. **Biblios (Peru)**, n. 51, p. 42-56, 2013.

SOUZA, E. D. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar**. 2011. 346 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECID8P2JNH/1/epistemologia\\_interdisciplinar\\_edivanio.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECID8P2JNH/1/epistemologia_interdisciplinar_edivanio.pdf). Acesso em: 16 jan. 2023.

TARGINO, M. G. A interdisciplinaridade da ciência da Informação como área de pesquisa. **Inf. Soc.**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 12-17, 1995.

WOOLF, V. **Orlando: uma biografia**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019

VIEIRA, K. R.; KARPINSKI, C. Os estudos de usuários para as minorias sociais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 1, p. 60-76, 2019.

ZAGZEBSKI, Linda. O que é conhecimento. In: GRECO, John e SOSA, Ernest (1999). **Compêndio de Epistemologia**. Trad. Alessandra S. Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, p. 153-189, 2008.

## APÊNDICE A - Levantamento resultado da busca Epistemologia and “Ciência da Informação” realizado na BRAPCI

1. ALMEIDA, C. C.; Epistemologias feministas e Ciência da Informação: notas introdutórias. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 48-75, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169677>. Acesso em: 26 fev. 2023.
2. ALMEIDA, C. C.; MANUEL, R. S. S. Epistemologias feministas e Ciência da Informação: estudos e implicações. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 76-108, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169659>. Acesso em: 26 fev. 2023.
3. ALMEIDA, J. L. S.; FREIRE, G. H. A.; OLIVEIRA, H. P. C.; Blaise Cronin e a Ciência da Informação na perspectiva social. **Informação & Informação**, n. 3, v. 24, p. 230-259, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/134224>. Acesso em: 26 fev. 2023.
4. ALMEIDA, M. A.; CRIPPA, G. DE BACON À INTERNET: considerações sobre a organização do conhecimento e a constituição da ciência da informação. **Ponto de Acesso**, n. 2, v. 3, p. 109-131, 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/66399>. Acesso em: 26 fev. 2023.
5. ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais 10.5007/1518-2924.2003v8n15p18. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 15, v. 8, p. 18-40, 2003. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/36962>. Acesso em: 26 fev. 2023.
6. ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 8, p. 18-40, 2003. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/206973>. Acesso em: 26 fev. 2023.
7. ALVARES, L. M. A. R.; ARAÚJO JÚNIOR, R. H.. Marcos históricos da ciência da informação: breve cronologia dos pioneiros, das obras clássicas e dos eventos fundamentais. **Transinformação**, n. 3, v. 22, p. 195-205, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/116232>. Acesso em: 26 fev. 2023.
8. AMORIM, B. R. P.; SALDANHA, G. S. A ciência da informação entre os feitiços dos centros de ciência e os antídotos dos ?laboratórios da vida?. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, n. 2, v. 9, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119637>. Acesso em: 26 fev. 2023.
9. AMORIM, I. S. O problema da informação: considerações sobre a designação da área. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 2, v. 13, p. 5-28, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/211543>. Acesso em: 26 fev. 2023.

10. AMORIM, I. S.; ALVES, U. S. Biblioteconomia e Ciência da Informação: uma perspectiva decolonial. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, n. esp., 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/198772>. Acesso em: 26 fev. 2023.
11. AMORIM, I. S.; VIANNA, W. B.; BRÄSCHER, M. Aspectos epistemológicos em estudos sobre análise de domínio sob as lentes do racionalismo e do empirismo. **Logeion: filosofia da informação**, n. 1, v. 5, p. 35-47, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/31982>. Acesso em: 26 fev. 2023.
12. ANSELMO, A. K. B.; RODRIGUES, R. S.; KARPINSKI, C. Epistemologia em Ciência da Informação: cenário internacional a partir da Web of Science. **Informação & Informação**, n. 2, v. 25, p. 302-327, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/142061>. Acesso em: 26 fev. 2023.
13. ARAÚJO, L. C.; LIMA-MARQUES, M. Configuração da informação?. **Informação & Informação**, n. 3, v. 21, p. 327-360, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/32494>. Acesso em: 26 fev. 2023.
14. ARAÚJO, C. A. A. A missão da Ciência da Informação na Era da Pós-Verdade. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 4, v. 30, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/153256>. Acesso em: 26 fev. 2023.
15. ARAÚJO, C. A. A. Correntes teóricas da Arquivologia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 37, v. 18, p. 61-82, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/31518>. Acesso em: 26 fev. 2023.
16. ARAÚJO, C. A. A. O conceito de informação na Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 3, v. 20, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92189>. Acesso em: 26 fev. 2023.
17. ARAÚJO, C. A. A. O fenômeno da pós-verdade e suas implicações para a agenda de pesquisa na Ciência da Informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 25, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/139702>. Acesso em: 26 fev. 2023.
18. ARAÚJO, C. A. A. Pós-verdade: novo objeto de estudo para a Ciência da Informação. **Informação & Informação**, n. 1, v. 26, p. 94-111, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/158349>. Acesso em: 26 fev. 2023.
19. ARAÚJO, E. A. Por uma ciência formativa e indiciária: proposta epistemológica para a ciência da informação 10.5007/1518-2924.2006v11nesp1p1. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. esp. 1. sem., p. 1-14, 2006. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/91556>. Acesso em: 26 fev. 2023.
20. ARBOIT, A. E.; BUFREM, L. S.; FREITAS, J. L. Configuração epistemológica da Ciência da Informação na literatura periódica brasileira por meio de análise de citações (1972-2008). **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. 1, v.



- 15, p. 18-43, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/35425>. Acesso em: 26 fev. 2023.
21. BAMBERG, C. R. F. P. A. *et al.* Epistemologia Decolonial e Ciência da Informação: uma análise dos anais do ENANCIB. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 2, v. 13, p. 29-46, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/211557>. Acesso em: 26 fev. 2023.
22. BARRETO, A. A. Uma quase história da ciência da informação. **DataGramZero**, n. 2, v. 9, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/6633>. Acesso em: 26 fev. 2023.
23. BEZERRA, M. A. A.; ARAÚJO, E. A. Reflexões epistemológicas no contexto do Orkut: ética da informação, sociabilidade, liberdade e identidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. 2, v. 16, p. 50-66, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/36605>. Acesso em: 26 fev. 2023.
24. BICALHO, L. M.; OLIVEIRA, M. Aspectos conceituais da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 32, v. 16, p. 1-26, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/35397>. Acesso em: 26 fev. 2023.
25. BICALHO, L. M.; OLIVEIRA, M. Aspectos conceituais da transdisciplinaridade e a pesquisa em Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 2, v. 21, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/101878>. Acesso em: 26 fev. 2023.
26. BICALHO, L. Interações disciplinares presentes na pesquisa em ciência da informação. **Transinformação**, n. 2, v. 23, p. 113-126, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/116286>. Acesso em: 26 fev. 2023.
27. BUCKLAND, M. K.; ZAPATA, C. B.. A natureza da Ciência da Informação e a sua importância para a sociedade. Aula inaugural 2018 da Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. **Informação & Informação**, n. 3, v. 23, p. 1-16, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/108353>. Acesso em: 26 fev. 2023.
28. CAPUANO, E. A. Informação sobre Conceitos e Indicadores de Inovação. **DataGramZero**, n. 1, v. 16, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/8130>. Acesso em: 26 fev. 2023.
29. CASTANHA, R. G.; VERONEZ JUNIOR, W. R.; DALESSANDRO, R. C. As relações e influências da epistemologia social no Brasil: uma análise bibliométrica. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, n. 2, v. 10, p. 5-13, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/158712>. Acesso em: 26 fev. 2023.
30. CASTRO, G.; NASCIMENTO, B. S. O círculo de Bakhtin e suas possíveis contribuições aos debates teóricos no campo da Ciência da Informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 25, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/136559>. Acesso em: 26 fev. 2023.

31. CERVO, P. S. F.; SALDANHA, G. S. A construção da atual fundamentação do pensamento biblioteconômico-informacional nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil. **Em Questão**, n. 2, v. 24, p. 127-164, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/10527>. Acesso em: 26 fev. 2023.
32. COADIC, Y. L. Princípios científicos que direcionam a ciência e a tecnologia da informação digital. **Transinformação**, n. 3, v. 16, p. 205-213, 2004. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/115673>. Acesso em: 26 fev. 2023.
33. CORREIA, M. C. S.; ZANDONADE, T. O conceito de informação como conhecimento registrado. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, n. 1, v. 11 No 1, p. 83-102, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/76534>. Acesso em: 26 fev. 2023.
34. CRIPPA, G. Memória, patrimônio e dissonâncias: ferramentas conceituais e epistemológicas para uma mudança de paradigmas. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 24-47, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169665>. Acesso em: 26 fev. 2023.
35. DAL´EVEDOVE, P. R.; FUJITA, M. S. L. O movimento interdisciplinar em Ciência da Informação: uma reflexão epistemológica. **DataGramZero**, n. 3, v. 14, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/7801>. Acesso em: 26 fev. 2023.
36. DERQUI, P. M. O paradigma biológico do conhecer e a questão da informação. **DataGramZero**, n. 6, v. 6, 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5833>. Acesso em: 26 fev. 2023.
37. DUARTE, A. B. S. Ciclo informacional: a informação e o processo de comunicação. **Em Questão**, n. 1, v. 15, p. 57-72, 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/11120>. Acesso em: 26 fev. 2023.
38. FERNANDES, W. R.; CENDÓN, B. V. Desvendando as relações de outras disciplinas com a produção científica da ciência da informação brasileira. **Informação & Informação**, n. 4, v. 25, p. 196-234, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/152210>. Acesso em: 26 fev. 2023.
39. FLORIDI, L. Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) como filosofia da informação aplicada: uma reavaliação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 2, v. 1 n. 2, p. 37-47, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39375>. Acesso em: 26 fev. 2023.
40. FORESTI, F.; VARVAKIS, G.; VIERA, A. F. G. A importância do contexto na Ciência da Informação. **Biblios (Peru)**, n. 72, p. 1-21, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/69208>. Acesso em: 26 fev. 2023.
41. FRANCELIN, M. M. A hipótese do progresso do conceito e a Ciência da Informação. **Transinformação**, n. 2, v. 27, p. 123-132, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/116731>. Acesso em: 26 fev. 2023.
42. FRANCELIN, M. M. A informação ocupada | The occupied information. **Liinc em revista**, n. 2, v. 11, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/93705>. Acesso em: 26 fev. 2023.

44. FREIRE, I. M. UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA NA TEMÁTICA EPISTEMOLOGIA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, n. 1, v. 1, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119330>. Acesso em: 26 fev. 2023.
45. FREIRE, I. M.; SILVA, T. J. Um olhar sobre Historiografia e Epistemologia no campo da Ciência da Informação. **Logeion: filosofia da informação**, v. 7, p. 133-164, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/147581>. Acesso em: 26 fev. 2023.
46. FREITAS, J. L. *et al.* A pesquisa sobre o fazer pesquisa: uma análise de citação da literatura periódica em Ciência da Informação. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, n. 1, v. 3, p. 38-49, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/15302>. Acesso em: 26 fev. 2023.
47. GARCEZ, E. F. A fenomenologia e os sentidos de biblioteca escolar para o ser-aluno: ensaio de proposta de investigação<sup>1</sup>. **Revista Interamericana de Bibliotecología (Colombia)**, n. 3, v. 36, p. 197-205, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/83167>. Acesso em: 26 fev. 2023.
48. GONÇALVES, A. V.; KARPINSKI, C.; ARAUJO, G. M. Perfil Acadêmico Interdisciplinar dos Pesquisadores da Ciência da Informação do Brasil: indicadores da Plataforma Lattes. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 15, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/162025>. Acesso em: 26 fev. 2023.
49. GONÇALVES, R. A.; MUCHERONI, M. L. O que é epistemicídio? Uma introdução ao conceito para a área da Ciência da Informação. **Liinc em revista**, v. 17, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/168586>. Acesso em: 26 fev. 2023.
50. GRIGOLETO, M. C.; MURGUIA, E. I. As bases epistemológicas do patrimônio institucionalizado. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, n. 2, v. 8, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119577>. Acesso em: 26 fev. 2023.
51. GÓMEZ, M. N. G. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**, n. 3, v. 22, 1993. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/20563>. Acesso em: 26 fev. 2023.
52. GÓMEZ, M. N. G. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. 1, v. 6, 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/37093>. Acesso em: 26 fev. 2023.
53. KARPINSKI, C.; VIEIRA, K. R.; GUERNER, A. H. V. Ensino e pesquisa de epistemologia em programas de pós-graduação stricto sensu da área de Ciência da Informação no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, p. 844-865, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/165039>. Acesso em: 26 fev. 2023.

54. KUROKI, I. F. M.; MARQUES, A. A. C. Princípios da ciência da informação: um estudo epistemológico da filosofia e sociologia da ciência. **Ágora**, n. 53, v. 26, p. 259-285, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/13954>. Acesso em: 26 fev. 2023.
55. LIMA, J. L. O.; MANINI, M. P.; LIMA, J. L. O. Metodologia para análise de conteúdo qualitativa integrada à técnica de mapas mentais com o uso dos softwares Nvivo e Freemind. **Informação & Informação**, n. 3, v. 21, p. 63-100, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/35061>. Acesso em: 26 fev. 2023.
56. LOPES, Fernando Cruz. *et al.* Epistemologia e Gênero: um estudo das publicações no grupo de trabalho 1 do ENANCIB. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 269-295, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169663>. Acesso em: 26 fev. 2023.
57. LUCAS, A.; VIERA, A. F. G.; VIANNA, W. B. Inteligência de negócios e sua condição epistemológica na ciência da informação. **Informação & Informação**, n. 1, v. 23, p. 253-270, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/34206>. Acesso em: 26 fev. 2023.
58. MARCONDES, C. H. FUNDAMENTOS DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO. **Ponto de Acesso**, n. 3, v. 15, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169205>. Acesso em: 26 fev. 2023.
59. MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; MELLO, M. R. G. Epistemologias, gênero e dogmatismo científico: desdobramentos na Organização do Conhecimento. **Logeion: filosofia da informação**, v. 9, p. 182-194, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/202341>. Acesso em: 26 fev. 2023.
60. MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; MELLO, M. R. G. Teoria crítica, pedagogia crítica e competência crítica em informação: aproximações teóricas à Ciência da Informação. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169928>. Acesso em: 26 fev. 2023.
61. MATOS, J. C. Informação no "mundo 3" de popper : epistemologia do conhecimento objetivo e ciência da informação. **Logeion: filosofia da informação**, v. 9, p. 463-481, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/210993>. Acesso em: 26 fev. 2023.
62. MEDEIROS, A. L.; VANTI, N. Vannevar Bush e as matrizes discursivas de *As we may think*: por uma possível história da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 3, v. 21, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92984>. Acesso em: 26 fev. 2023.
63. MELLO, M. R. G.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D. Diálogos entre a informatika e a ciência da informação: um olhar a partir da Teoria Matemática da Comunicação e da Epistemologia Social. **Logeion: filosofia da informação**, v. 8, p. 61-76, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/164353>. Acesso em: 26 fev. 2023.
64. MELLO, M. R. G.; VALENTIM, M. L. P. Análise do discurso: diálogos epistemológicos em Foucault e Heidegger. **Logeion: filosofia da informação**, v. 7, p. 24-43, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/158259>. Acesso em: 26 fev. 2023.

65. MORO, E. L. S. *et al.* Projeto Cor@gem: o acesso e o uso das TICs entre pacientes hospitalizados e a interação em ambientes virtuais de aprendizagem. **Inclusão Social**, n. 2, v. 2, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/100491>. Acesso em: 26 fev. 2023.
66. MOSTAFA, S. P.. Epistemologia ou filosofia da Ciência da Informação?. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 3, v. 20, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92970>. Acesso em: 26 fev. 2023.
67. MOSTAFA, S. P.; AMORIM, I. S. A materialidade simondoniana e a questão da informação. **Logeion: filosofia da informação**, v. 8, p. 27-45, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/164344>. Acesso em: 26 fev. 2023.
68. NHACUONGUE, J. A ciência e a ordem social: ensaios para disrupção do antropoceno. **Liinc em revista**, v. 18, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/195046>. Acesso em: 26 fev. 2023.
69. NOGUEIRA, W. A. O livro como uma força na História?: a bibliografia como fonte de informação e método de pesquisa. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, p. 152-164, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/41748>. Acesso em: 26 fev. 2023.
70. ORDONHES, R. Princípios à Filosofia da Informação: entre uma ontologia ou uma epistemologia do objeto. **Logeion: filosofia da informação**, v. 8, p. 46-60, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/164364>. Acesso em: 26 fev. 2023.
71. ORMAY, L. S. Anthony Wilden e a dialética da informação. **Revista Analisando em Ciência da Informação**, n. 2, v. 3, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/81009>. Acesso em: 26 fev. 2023.
72. ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramZero**, n. 5, v. 5, 2004. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5664>. Acesso em: 26 fev. 2023.
73. PANDO, D. A.; ALMEIDA, C. C.; Análise sobre a Epistemologia e sua aplicação à Ciência da Informação. **Informação & Informação**, n. 2, v. 26, p. 680-705, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/161672>. Acesso em: 26 fev. 2023.
74. PAULA, C. P. A. Uma epistemologia genética dos ecossistemas de desinformação? Problema interdisciplinar / resposta transdisciplinar. **Palavra Chave (Argentina)**, n. 2, v. 10, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/159599>. Acesso em: 26 fev. 2023.
75. PEREIRA, R. M. V.; SALDANHA, G. S. Dos direitos sociais ao prazer: itinerários discursivos em Biblioteconomia & Ciência da Informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 52, v. 23, p. 1-17, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39807>. Acesso em: 26 fev. 2023.
76. PINHEIRO, L. V. R. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 1, v. 15 n.1

- 2005, 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/91220>. Acesso em: 26 fev. 2023.
77. PINHEIRO, L. V. R.; CHALHUB, T. Informação & Sociedade: Estudos - Espelho da Ciência da Informação no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 4, v. 30, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/153137>. Acesso em: 26 fev. 2023.
78. RABELLO, R. A contribuição da história dos conceitos à ciência da informação: dimensões categórico-abstratas e analítico-causais. **Ciência da Informação**, n. 3, v. 39, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/17710>. Acesso em: 26 fev. 2023.
79. RABELLO, R. A dimensão categórica do documento na ciência da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 31, v. 16, p. 131-156, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/38146>. Acesso em: 26 fev. 2023.
80. RABELLO, R. Documento e institucionalidades: dimensões epistemológica e política. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 51, v. 23, p. 138-156, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/38915>. Acesso em: 26 fev. 2023.
81. RABELLO, R. História dos conceitos e ciência da informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 26, v. 13, p. 17-46, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39634>. Acesso em: 26 fev. 2023.
82. RABELLO, R. Noções de sujeito em modelos teóricos na Ciência da Informação: do enfoque no sistema à consideração da agência em contexto. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 3, v. 23, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/93111>. Acesso em: 26 fev. 2023.
83. RENAULT, L. V. Paradigmas e modelos: proposta de análise epistemológica para a Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 2, v. 17, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92931>. Acesso em: 26 fev. 2023.
84. RENDÓN-RÓJAS, M. A. La ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas. Ontología, epistemología, metodología e interdisciplina. **DataGramaZero**, n. 4, v. 9, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/6340>. Acesso em: 26 fev. 2023.
85. RENDÓN-RÓJAS, M. A.; GARCÍA-CERVANTES, A. El sujeto informacional en el contexto contemporáneo. Un análisis desde la epistemología de la identidad comunitaria-informacional. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 33, v. 17, p. 30-45, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/32163>. Acesso em: 26 fev. 2023.
86. RENDÓN-ROJAS, M. A.. Epistemologia da Ciência da Informação: objeto de estudo e principais categorias. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 1, v. 3 n. 1, p. 3-14, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39659>. Acesso em: 26 fev. 2023.

87. RIECKEN, R. F. Frame de temas potenciais de pesquisa em Ciência da Informação. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, n. 1, v. 4, p. 43-63, 2006. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/41014>. Acesso em: 26 fev. 2023.
88. RIGHETTO, G. G.; KARPINSKI, C. Por uma epistemologia social decolonial. **Transinformação**, v. 33, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/156757>. Acesso em: 26 fev. 2023.
89. ROJAS, M. A. R.; DELGADO, L. B. H. Bases filosóficas de la organización de la información. **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. 1, v. 15, p. 3-17, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/32900>. Acesso em: 26 fev. 2023.
90. SALDANHA, G. S. A grande bibliologia: notas epistemológico-históricas sobre a ciência da organização dos saberes. **Transinformação**, n. 2, v. 28, p. 195-207, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/116851>. Acesso em: 26 fev. 2023.
91. SALDANHA, G. S. Cross-grammars. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, n. 1, v. 6, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/151584>. Acesso em: 26 fev. 2023.
92. SALDANHA, G. S. Entre a Retórica e a Filologia: do pragmatismo ao humanismo na epistemologia da Ciência da Informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 1, v. 2 n. 1, p. 47-67, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39502>. Acesso em: 26 fev. 2023.
93. SALDANHA, G. S.. Ipásia e a Ciência da Informação no território das Humanidades: a virada lingüística informacional em um diálogo entre Rorty e Habermas. **DataGramZero**, n. 2, v. 12, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/7340>. Acesso em: 26 fev. 2023.
94. SALDANHA, G. S. Linha cumeada: uma arqueologia dos enunciados epistemológicos da Bibliografia na fundamentação da Ciência da Informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 25, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/150026>. Acesso em: 26 fev. 2023.
95. SALDANHA, G. S. O Imperativo mimético: a filosofia da informação e o caminho da quinta imitação. **DataGramZero**, n. 5, v. 13, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/101741>. Acesso em: 26 fev. 2023.
96. SALDANHA, G. S. Tradições epistemológicas nos estudos de organização dos saberes: uma leitura histórico-epistêmica a partir da filosofia da linguagem | Epistemological traditions in studies of knowledge organization: a historical-epistemic reading based on the philosophy. **Liinc em revista**, n. 2, v. 6, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/90753>. Acesso em: 26 fev. 2023.
97. SALDANHA, G. S. Transgramáticas: filosofia da Ciência da Informação, linguagem e realidade simbólica. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, n. 1, v. 6, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119473>. Acesso em: 26 fev. 2023.

98. SALDANHA, G. S.; COUZINET, V. A fundamentação epistemológica da bibliografia entre Robert Estivals e Jean Meyriat: notas de um discurso francófono. **Informação & Informação**, n. 2, v. 23, p. 181-202, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33782>. Acesso em: 26 fev. 2023.
99. SALDANHA, G. S. Paisagens invisíveis da Trilogia Nitecki: de Aristóteles e Platão à Lenin e Trotsky. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 223-244, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169655>. Acesso em: 26-fev.-2023.
100. SAMPAIO, D. A.; OLIVEIRA, B. M. J. F. Memória, museus e ciência da informação: Uma perspectiva interdisciplinar. **Biblios (Peru)**, n. 52, p. 35-42, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/64958>. Acesso em: 26 fev. 2023.
101. SANTANA, S. R.; MELO, M. L. D. Práticas informacionais entre bibliotecários(as) de referência e usuários(as) LGBTQIA+. **Revista Folha de Rostó**, n. 1, v. 8, p. 249-276, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/194725>. Acesso em: 26 fev. 2023.
102. SANTOS JUNIOR, R. L. A abordagem teórica de Lena Vania Ribeiro Pinheiro sobre os conceitos inter e transdisciplinaridade. **Transinformação**, n. 3, v. 23, p. 227-234, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/116317>. Acesso em: 26 fev. 2023.
103. SANTOS JUNIOR, R. L.; PINHEIRO, L. V. R. A abordagem teórica de A. I. Mikhailov sobre o termo informação científica. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, n. 1, v. 8, p. 27-45, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40078>. Acesso em: 26 fev. 2023.
104. SEMIDÃO, R. A. M.. Dados, Informação e Conhecimento: elementos de análise conceitual. **DataGramZero**, n. 6, v. 15, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/8428>. Acesso em: 26 fev. 2023.
105. SHERA, J. H. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, n. 1, v. 6, 1977. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/19859>. Acesso em: 26 fev. 2023.
106. SHERA, J. H. Toward a theory of Librarianship and information science. **Ciência da Informação**, n. 2, v. 2, 1973. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/21699>. Acesso em: 26 fev. 2023.
107. SILVA JÚNIOR, J. F.; SEVERO, R. P.; AQUINO, M. A. Imagens de exclusão de negros /as em produção de conhecimento nas universidades públicas. **Ponto de Acesso**, n. 3, v. 7, p. 78-92, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/69210>. Acesso em: 26 fev. 2023.
108. SILVA, J. L. C.; FARIAS, M. G. G. Reflexões teóricas sobre a construção paradigmática da Ciência da Informação: considerações acerca do(s) paradigma(s) cognitivo(s) e social. **Biblios (Peru)**, n. 51, p. 42-56, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/60913>. Acesso em: 26 fev. 2023.



109. SILVA, L. M.; VIANNA, W. B.; KERN, V. M. O sistemismo de Bunge como base teórico-metodológica para pesquisa em Ciência da Informação. **Em Questão**, n. 2, v. 22, p. 140-164, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/11309>. Acesso em: 26 fev. 2023.
110. SILVA, R. C.; SALDANHA, G. S. Uma impressão histórico-bibliográfica? sobre Comenius: da cultura à cultura impressa na obra comeniana. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 1, v. 8 n. 1, p. 4-23, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/41911>. Acesso em: 26 fev. 2023.
111. SILVA, R. R. G. Informação, ciberespaço e consciência. **Transinformação**, n. 3, v. 18, p. 191-201, 2006. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/115858>. Acesso em: 26 fev. 2023.
112. SILVA, Z. C. G.; SOUZA, E. D. Indicadores da produção colaborativa na arquitetura da informação. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, n. 2, v. 15, p. 368-388, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/43151>. Acesso em: 26 fev. 2023.
113. SILVEIRA, M. A. A.; CAREGNATO, S. Demarcações epistemológicas dos estudos de citação: teorias das citações. **Em Questão**, n. 3, v. 23, p. 250-275, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/11570>. Acesso em: 26 fev. 2023.
114. SILVEIRA, M. A. A.; CAREGNATO, S. Percurso histórico-epistemológico dos estudos de citação no Brasil. **Transinformação**, n. 1, v. 29, p. 39-55, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/116948>. Acesso em: 26 fev. 2023.
115. SILVEIRA, M. M.; KARPINSKI, C.; VARVAKIS, G. Serviços informacionais: aspectos históricos e conceituais. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 3, v. 30, p. 1-27, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/148020>. Acesso em: 26 fev. 2023.
116. SILVEIRA, M. M.; VIANNA, W. B.; CÂNDIDO, A. C. Fundamentos conceituais para abordagens de gestão da inovação em bibliotecas. **Biblios (Peru)**, n. 68, p. 69-81, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/70449>. Acesso em: 26 fev. 2023.
117. SIQUEIRA, J. C. Ciência da informação: personagem da pós-modernidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, n. 1, v. 8, p. 13-34, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/2408>. Acesso em: 26 fev. 2023.
118. SOUZA, E. D. Configurações do campo da Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, n. 1, v. 5, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/151545>. Acesso em: 26 fev. 2023.
119. SOUZA, E. D.; DIAS, E. J. W. A integração disciplinar na ciência da informação: os não-ditos sobre essa familiar desconhecida. **Ciência da Informação**, n. 1, v. 40, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/18835>. Acesso em: 26 fev. 2023.

120. TABOSA, H. R.; TAVARES, D. W. S.; NUNES, J. V. História e epistemologia da Ciência da Informação: Abordagem social em foco. **Revista Interamericana de Bibliotecologia (Colombia)**, n. 3, v. 39, p. 289-300, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/84859>. Acesso em: 26 fev. 2023.
121. TANUS, G. F. S. C.; SILVA, D. C. Biblioteconomia social, crítica e progressista. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, n. 1, v. 3 n. 1, v. 3, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/123997>. Acesso em: 26 fev. 2023.
122. TANUS, G. F. S. C.; SILVA, D. C.; SILVA, A. I. S. A presença de Michel Foucault na produção científica nacional da Biblioteconomia e Ciência da informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 1, v. 11, p. 52-72, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/146857>. Acesso em: 26 fev. 2023.
123. TEIXEIRA, L. M. D.; ALMEIDA, M. B. Aspectos ontológicos e epistemológicos em terminologias clínicas: em busca de interoperabilidade semântica no ambiente clínico. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 55, v. 24, p. 1-21, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/113874>. Acesso em: 26 fev. 2023.
124. TERRA, M. V. S. C.; SABBAG, D. M. A. Ciência da Informação e Organização do Conhecimento no Brasil à luz da reflexão epistemológica francesa de Análise do Discurso. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 2, v. 12, p. 52-69, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/168548>. Acesso em: 26 fev. 2023.
125. VARELA, A. V.; GOMES, H. F. Formação de mestres para docência e pesquisa: relato da experiência da disciplina Epistemologia e Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 3, v. 21, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92621>. Acesso em: 26 fev. 2023.
126. VIEIRA, K. R.; KARPINSKI, C. As relações históricas e epistemológicas entre Biblioteconomia e Ciência da Informação na produção científica brasileira. **Transinformação**, v. 31, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/117239>. Acesso em: 26 fev. 2023.
127. VIEIRA, K. R.; KARPINSKI, C. O conceito de memória nos anais do capítulo da International Society for Knowledge Organization ISKO-Brasil sob uma perspectiva epistemológica. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, n. 2, v. 12 No 2, p. 294-309, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/111986>. Acesso em: 26 fev. 2023.
128. WEISS, L. C. Interoperabilidade semântica: uma análise das perspectivas teóricas dos estudos desenvolvidos na área de Ciência da Informação. **Em Questão**, n. online, n. 3, v. 27, p. 431-457, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/160574>. Acesso em: 26 fev. 2023.
129. WILSON, T. D. A DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SEU IMPACTO SOBRE O ENSINO EM ARQUIVOLOGIA E BIBLIOTECONOMIA. **Brazilian Journal of Information Science**, n. 1, v. 2 No

- 1, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/14225>. Acesso em: 26 fev. 2023.
130. XAVIER, D.; SALDANHA, G. S. O Autor e a Medida: alguns enunciados da classificação métrica de autores. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 25, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/150014>. Acesso em: 26 fev. 2023.
131. XAVIER, R. C. M.; COSTA, R. O. Relações mútuas entre informação e conhecimento: o mesmo conceito?. **Ciência da Informação**, n. 2, v. 39, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/18133>. Acesso em: 26 fev. 2023.
132. ZANDONADE, T. Epistemologia da Ciência da Informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, n. 3, v. 23-24, 2000. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/71684>. Acesso em: 26 fev. 2023.

## APÊNDICE B - Corpus selecionado a partir da busca Epistemologia and “Ciência da Informação” realizado na BRAPCI

1. ALMEIDA, C. C. Epistemologias feministas e Ciência da Informação: notas introdutórias. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 48-75, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169677>. Acesso em: 26 fev. 2023.
2. ALMEIDA, C. C.; MANUEL, R. S. S. Epistemologias feministas e Ciência da Informação: estudos e implicações. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 76-108, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169659>. Acesso em: 26 fev. 2023.
3. ALMEIDA, J. L. S.; FREIRE, G. H. A.; OLIVEIRA, H. P. C.; Blaise Cronin e a Ciência da Informação na perspectiva social. **Informação & Informação**, n. 3, v. 24, p. 230-259, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/134224>. Acesso em: 26 fev. 2023.
4. ALMEIDA, M. A.; CRIPPA, G. DE BACON À INTERNET: considerações sobre a organização do conhecimento e a constituição da ciência da informação. **Ponto de Acesso**, n. 2, v. 3, p. 109-131, 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/66399>. Acesso em: 26 fev. 2023.
5. ALVARES, L. M. A. R.; ARAÚJO JÚNIOR, R. H. Marcos históricos da ciência da informação: breve cronologia dos pioneiros, das obras clássicas e dos eventos fundamentais. **Transinformação**, n. 3, v. 22, p. 195-205, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/116232>. Acesso em: 26 fev. 2023.
6. AMORIM, B. R. P.; SALDANHA, G. S. A ciência da informação entre os feitiços dos centros de ciência e os antídotos dos ?laboratórios da vida?. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, n. 2, v. 9, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119637>. Acesso em: 26 fev. 2023.
7. AMORIM, I. S.; ALVES, U. S. Biblioteconomia e Ciência da Informação: uma perspectiva decolonial. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, n. esp., 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/198772>. Acesso em: 26 fev. 2023.
8. ANSELMO, A. K. B.; RODRIGUES, R. S.; KARPINSKI, C. Epistemologia em Ciência da Informação: cenário internacional a partir da Web of Science. **Informação & Informação**, n. 2, v. 25, p. 302-327, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/142061>. Acesso em: 26 fev. 2023.
9. ARAÚJO, E. A. Por uma ciência formativa e indiciária: proposta epistemológica para a ciência da informação 10.5007/1518-2924.2006v11nesp1p1. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. esp. 1. sem., p. 1-14, 2006. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/91556>. Acesso em: 26 fev. 2023.

10. ARBOIT, A. E.; BUFREM, L. S.; FREITAS, J. L. Configuração epistemológica da Ciência da Informação na literatura periódica brasileira por meio de análise de citações (1972-2008). **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. 1, v. 15, p. 18-43, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/35425>. Acesso em: 26 fev. 2023.
11. BAMBERG, C. R. F. P. A. *et al.* Epistemologia Decolonial e Ciência da Informação: uma análise dos anais do ENANCIB. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 2, v. 13, p. 29-46, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/211557>. Acesso em: 26 fev. 2023.
12. CASTRO, G.; NASCIMENTO, B. S. O círculo de bakhtin e suas possíveis contribuições aos debates teóricos no campo da Ciência da Informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 25, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/136559>. Acesso em: 26 fev. 2023.
13. COADIC, Y. L. Princípios científicos que direcionam a ciência e a tecnologia da informação digital. **Transinformação**, n. 3, v. 16, p. 205-213, 2004. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/115673>. Acesso em: 26 fev. 2023.
14. CRIPPA, G. Memória, patrimônio e dissonâncias: ferramentas conceituais e epistemológicas para uma mudança de paradigmas. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 24-47, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169665>. Acesso em: 26 fev. 2023.
15. DERQUI, P. M. O paradigma biológico do conhecer e a questão da informação. **DataGramZero**, n. 6, v. 6, 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5833>. Acesso em: 26 fev. 2023.
16. FLORIDI, L. Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) como filosofia da informação aplicada: uma reavaliação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 2, v. 1 n. 2, p. 37-47, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39375>. Acesso em: 26 fev. 2023.
17. FREIRE, I. M. Um olhar sobre a produção científica brasileira na temática epistemologia da Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, n. 1, v. 1, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119330>. Acesso em: 26 fev. 2023.
18. FREIRE, I. M.; SILVA, T. J. Um olhar sobre Historiografia e Epistemologia no campo da Ciência da Informação. **Logeion: filosofia da informação**, v. 7, p. 133-164, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/147581>. Acesso em: 26 fev. 2023.
19. GONÇALVES, R. A.; MUCHERONI, M. L. O que é epistemicídio? Uma introdução ao conceito para a área da Ciência da Informação. **Liinc em revista**, v. 17, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/168586>. Acesso em: 26 fev. 2023.
20. GÓMEZ, M. N. G. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**, n. 3, v. 22, 1993. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/20563>. Acesso em: 26 fev. 2023.

21. GÓMEZ, M. N. G. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. 1, v. 6, 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/37093>. Acesso em: 26 fev. 2023.
22. KARPINSKI, C.; VIEIRA, K. R.; GUERNER, A. H. V. Ensino e pesquisa de epistemologia em programas de pós-graduação stricto sensu da área de Ciência da Informação no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, p. 844-865, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/165039>. Acesso em: 26 fev. 2023.
23. KUROKI, I. F. M.; MARQUES, A. A. C. Princípios da ciência da informação: um estudo epistemológico da filosofia e sociologia da ciência. **Ágora**, n. 53, v. 26, p. 259-285, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/13954>. Acesso em: 26 fev. 2023.
24. LOPES, F. C. *et al.* Epistemologia e Gênero: um estudo das publicações no grupo de trabalho 1 do ENANCIB. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 269-295, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169663>. Acesso em: 26 fev. 2023.
25. MARCONDES, C. H. FUNDAMENTOS DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO. **Ponto de Acesso**, n. 3, v. 15, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169205>. Acesso em: 26 fev. 2023.
26. MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; MELLO, M. R. G. Epistemologias, gênero e dogmatismo científico: desdobramentos na Organização do Conhecimento. **Logeion: filosofia da informação**, v. 9, p. 182-194, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/202341>. Acesso em: 26 fev. 2023.
27. MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; MELLO, M. R. G. Teoria crítica, pedagogia crítica e competência crítica em informação: aproximações teóricas à Ciência da Informação. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169928>. Acesso em: 26 fev. 2023.
28. MATOS, J. C. Informação no "mundo 3" de Popper: epistemologia do conhecimento objetivo e ciência da informação. **Logeion: filosofia da informação**, v. 9, p. 463-481, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/210993>. Acesso em: 26 fev. 2023.
29. MEDEIROS, A. L.; VANTI, N. Vannevar Bush e as matrizes discursivas de *As we may think*: por uma possível história da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 3, v. 21, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92984>. Acesso em: 26 fev. 2023.
30. MOSTAFA, S. P. Epistemologia ou filosofia da Ciência da Informação?. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 3, v. 20, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92970>. Acesso em: 26 fev. 2023.
31. PANDO, D. A.; ALMEIDA, C. C. Análise sobre a Epistemologia e sua aplicação à Ciência da Informação. **Informação & Informação**, n. 2, v. 26, p. 680-705, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/161672>. Acesso em: 26 fev. 2023.

32. PINHEIRO, L. V. R. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 1, v. 15 n.1 2005, 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/91220>. Acesso em: 26 fev. 2023.
33. RABELLO, R. História dos conceitos e ciência da informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 26, v. 13, p. 17-46, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39634>. Acesso em: 26 fev. 2023.
34. RENAULT, L. V. Paradigmas e modelos: proposta de análise epistemológica para a Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 2, v. 17, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92931>. Acesso em: 26 fev. 2023.
35. RENDÓN-RÓJAS, M. A. La ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas. Ontología, epistemología, metodología e interdisciplina. **DataGramaZero**, n. 4, v. 9, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/6340>. Acesso em: 26 fev. 2023.
36. RIGHETTO, G. G.; KARPINSKI, C. Por uma epistemologia social decolonial. **Transinformação**, v. 33, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/156757>. Acesso em: 26 fev. 2023.
37. SALDANHA, G. S. A grande bibliologia: notas epistemológico-históricas sobre a ciência da organização dos saberes. **Transinformação**, n. 2, v. 28, p. 195-207, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/116851>. Acesso em: 26 fev. 2023.
38. SALDANHA, G. S. Cross-grammars. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, n. 1, v. 6, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/151584>. Acesso em: 26 fev. 2023.
39. SALDANHA, G. S. Entre a Retórica e a Filologia: do pragmatismo ao humanismo na epistemologia da Ciência da Informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 1, v. 2 n. 1, p. 47-67, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39502>. Acesso em: 26 fev. 2023.
40. SALDANHA, G. S. Ipásia e a Ciência da Informação no território das Humanidades: a virada lingüística informacional em um diálogo entre Rorty e Habermas. **DataGramaZero**, n. 2, v. 12, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/7340>. Acesso em: 26 fev. 2023.
41. SALDANHA, G. S. Linha cumeada: uma arqueologia dos enunciados epistemológicos da Bibliografia na fundamentação da Ciência da Informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 25, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/150026>. Acesso em: 26 fev. 2023.
42. SALDANHA, G. S. O Imperativo mimético: a filosofia da informação e o caminho da quinta imitação. **DataGramaZero**, n. 5, v. 13, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/101741>. Acesso em: 26 fev. 2023.

43. SALDANHA, G. S. Tradições epistemológicas nos estudos de organização dos saberes: uma leitura histórico-epistêmica a partir da filosofia da linguagem | Epistemological traditions in studies of knowledge organization: a historical-epistemic reading based on the philosophy. **Liinc em revista**, n. 2, v. 6, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/90753>. Acesso em: 26 fev. 2023.
44. SALDANHA, G. S. Transgramáticas: filosofia da Ciência da Informação, linguagem e realidade simbólica. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, n. 1, v. 6, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119473>. Acesso em: 26 fev. 2023.
45. SALDANHA, G. S.; COUZINET, V. A fundamentação epistemológica da bibliografia entre Robert Estivals e Jean Meyriat: notas de um discurso francófono. **Informação & Informação**, n. 2, v. 23, p. 181-202, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33782>. Acesso em: 26 fev. 2023.
46. SALDANHA, G. S. Paisagens invisíveis da Trilogia Nitecki: de Aristóteles e Platão à Lenin e Trotsky. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 223-244, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169655>. Acesso em: 26 fev. 2023.
47. SHERA, J. H. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, n. 1, v. 6, 1977. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/19859>. Acesso em: 26 fev. 2023.
48. SHERA, J. H. Toward a theory of Librarianship and information science. **Ciência da Informação**, n. 2, v. 2, 1973. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/21699>. Acesso em: 26 fev. 2023.
49. SILVA, J. L. C.; FARIAS, M. G. G. Reflexões teóricas sobre a construção paradigmática da Ciência da Informação: considerações acerca do(s) paradigma(s) cognitivo(s) e social. **Biblios (Peru)**, n. 51, p. 42-56, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/60913>. Acesso em: 26 fev. 2023.
50. SILVA, L. M.; VIANNA, W. B.; KERN, V. M. O sistemismo de Bunge como base teórico-metodológica para pesquisa em Ciência da Informação. **Em Questão**, n. 2, v. 22, p. 140-164, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/11309>. Acesso em: 26 fev. 2023.
51. SIQUEIRA, J. C. Ciência da informação: personagem da pós-modernidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, n. 1, v. 8, p. 13-34, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/2408>. Acesso em: 26 fev. 2023.
52. SOUZA, E. D. Configurações do campo da Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, n. 1, v. 5, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/151545>. Acesso em: 26 fev. 2023.
53. SOUZA, E. D.; DIAS, E. J. W. A integração disciplinar na ciência da informação: os não-ditos sobre essa familiar desconhecida. **Ciência da**



- Informação**, n. 1, v. 40, 2011. Disponível em:  
<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/18835>. Acesso em: 26 fev. 2023.
54. TABOSA, H. R.; TAVARES, D. W. S.; NUNES, J. V. História e epistemologia da Ciência da Informação: Abordagem social em foco. **Revista Interamericana de Bibliotecología (Colombia)**, n. 3, v. 39, p. 289-300, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/84859>. Acesso em: 26 fev. 2023.
55. TANUS, G. F. S. C.; SILVA, D. C.; SILVA, A. I. S. A presença de Michel Foucault na produção científica nacional da Biblioteconomia e Ciência da informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 1, v. 11, p. 52-72, 2020. Disponível em:  
<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/146857>. Acesso em: 26 fev. 2023.
56. TERRA, M. V. S. C.; SABBAG, D. M. A. Ciência da Informação e Organização do Conhecimento no Brasil à luz da reflexão epistemológica francesa de Análise do Discurso. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 2, v. 12, p. 52-69, 2021. Disponível em:  
<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/168548>. Acesso em: 26 fev. 2023.
57. VIEIRA, K. R.; KARPINSKI, C. As relações históricas e epistemológicas entre Biblioteconomia e Ciência da Informação na produção científica brasileira. **Transinformação**, v. 31, 2019. Disponível em:  
<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/117239>. Acesso em: 26 fev. 2023.
58. WILSON, T. D. A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e seu impacto sobre o ensino em arquivologia e biblioteconomia. **Brazilian Journal of Information Science**, n. 1, v. 2 No 1, 2008. Disponível em:  
<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/14225>. Acesso em: 26 fev. 2023.
59. XAVIER, R. C. M.; COSTA, R. O. Relações mútuas entre informação e conhecimento: o mesmo conceito?. **Ciência da Informação**, n. 2, v. 39, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/18133>. Acesso em: 26 fev. 2023.
60. ZANDONADE, T. Epistemologia da Ciência da Informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, n. 3, v. 23-24, 2000. Disponível em:  
<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/71684>. Acesso em: 26 fev. 2023.

## APÊNDICE C - Corpus de análise sobre gênero e ciência da informação (269 artigos recuperados na base BRAPCI)

1. AGUIAR, Raysa Calegari; ALVES, Gabriela Santos. CINEMA DOCUMENTAL DE MULHERES NO ESPÍRITO SANTO: APONTAMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM CORPUS DE PESQUISA. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, n. 1, v. 6, p. 148-177, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/161217>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
2. ALENCAR, Maria de Cléofas Faggion; ABREU, Lucimar Santiago de. A relação da mulher e a terra na revista *Agriculturas: uma análise de conteúdo*. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, n. 1, v. 9, p. 190-198, 2011. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39956>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
3. ALMEIDA, Carlos Cândido de; ALMEIDA, Carlos Cândido de. Epistemologias feministas e Ciência da Informação: notas introdutórias. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 48-75, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169677>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
4. ALMEIDA, Carlos Cândido de; MANUEL, Rosa San Segundo; ALMEIDA, Carlos Cândido de. Epistemologias feministas e Ciência da Informação: estudos e implicações. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 76-108, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169659>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
5. ALMEIDA, Daniel Cabral de; RITA, Luciana Peixoto Santa; PINTO, Ibsen Mateus Bittencourt Santana; ROSÁRIO, Francisco José Peixoto. Avaliação de políticas públicas: um estudo de caso do Programa Mulheres Mil em Alagoas. **Ciência da Informação em Revista**, n. 2, v. 7, p. 100-115, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/145848>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
6. ALMEIDA, Gracione Batista Carneiro; SOUSA, Ana Karolyne Nogueira de; OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. Arquitetura da informação no contexto de gênero: uma análise do website da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres. **Ciência da Informação em Revista**, n. 3, v. 5, p. 30-42, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/109148>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
7. ÁLVARES, Cláudia; MARTINS, Inês Rôlo; CARDOSO, Daniel dos Santos. Argumentação numa esfera pública reticular: as vozes femininas online. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 14, p. 47-65, 2011. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/62821>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
8. ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. Mulheres & movimentos ? ativismo, empoderamento e espaços de poder. **Inclusão Social**, n. 2, v. 11, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/80530>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
9. ALVES, Daniella; COSTA, Fernanda Silva; SILVA, Laelson Felipe da; CORTES, Gisele Rocha; ALVES, Edvaldo Carvalho. Estudo de caso da disciplina gênero em ciência da informação na universidade federal da paraíba. **Convergência em Ciência da Informação**, n. 2, v. 1 n. 2, p. 218-225, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/135340>>. Acesso em: 15-abr.-2023.

10. ANDRADE, KALIANDRA OLIVEIRA; LIMA, Izabel de França; CORTES, Gisele Rocha. A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: DÓI E NÃO É DIREITO. **Ponto de Acesso**, n. 1, v. 14, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/157137>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
11. ANDRADE, KALIANDRA OLIVEIRA; LIMA, Izabel de França; CORTES, Gisele Rocha. CENTROS DE REFERÊNCIA EDNALVA BEZERRA: UNIDADE INFORMACIONAL DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA AS MULHERES. **Ponto de Acesso**, n. 2/3, v. 14, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/165058>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
12. ANDRADE, Luma Nogueira de. Assujeitamento e disrupção de um corpo que permanece e resiste: possibilidade de existência de uma travesti no ambiente escolar. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 13, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/131684>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
13. AQUINO, Mirian Albuquerque; SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco; SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Gêneros digitais: expandindo a comunicação no Movimento Negro da Paraíba. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, n. 2, v. 12, p. 242-263, 2014. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40170>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
14. ARAÚJO, Alcione Lino de; FAHD, Plínio Gonçalves. Economia solidária e os desafios do empreendedorismo feminino rural: um estudo de caso na Associação das Colônias. **Revista P2P e INOVAÇÃO**, v. 9, p. 29-49, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/203790>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
15. ARAÚJO, Ana Rafaela Sales de; PINTO, Virgínia Bentes. Abordagens sobre mulheres e feminismos na Library of Congress subject headings. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 27, p. 1-23, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/211311>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
16. ARAÚJO, Sara Pereira de; OLIVEIRA, Natália Cristina de; CORRÊA, Cristiane Dias; PONTES, Hellen Tatiane de; CERQUEIRA, Paulo Alves; PORTES, Leslie Andrews. Mulheres na atenção primária à saúde: exercício físico, estilo de vida e fatores de risco cardiovascular. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 11, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/128401>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
17. ASSIS, Francisco de. As histórias de vida e a configuração dos gêneros jornalísticos: o caso da série ?Gente de São José?. **Comunicação & Informação**, n. 1, v. 15, p. 66-85, 2012. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/64592>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
18. ASSIS, Thaís Rocha; CHAGAS, Virginia Oliveira; GOES, Raissa de Melo; SCHAFHAUSER, Nathany Souza; CAITANO, Klara Gomes; MARQUEZ, Renatha Almeida. Implementação da Rede Cegonha em uma Regional de Saúde do estado de Goiás: o que os indicadores de saúde mostram sobre atenção materno-infantil?. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 4, v. 13, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/133133>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
19. ASSUMPÇÃO, San Romanelli. Família, liberdades básicas e direito de saída: questão de justiça, tolerância e direitos humanos. **Acervo - Revista do**

- Arquivo Nacional**, n. 1, v. 30, p. 209-222, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/44251>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
20. BARBOSA, Karina Gomes; VARÃO, Rafiza. A instável verdade nos testemunhos sobre estupros na seção 'Eu, leitora?' da revista Marie Claire. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 15, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/163225>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
21. BARBOZA, Andréa da Silva; GONÇALVES, Renata Braz; RAMOS, Clériston Ribeiro. A participação de mulheres na Revista do Globo: Porto Alegre/RS (1929-1939). **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, n. 2, v. 23, p. 33-41, 2009. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/22997>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
22. BELAM, Denise Cristina; SABBAG, Deise Maria Antonio; TERRA, Marcos Vinícius Santos Carvalho; NASCIMENTO, Francisco Arrais. Ditos e não-ditos na natureza do crime: o silêncio na indexação de boletins de ocorrência nos crimes de feminicídio. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 27, p. 1-22, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/211338>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
23. BERRÍO-ZAPATA, Cristian; SILVA, Ester Ferreira da; GUARALDO, Tamara de Souza Brandão; CARVALHO, Ângela Maria Grossi de. Exclusão Digital de Gênero: quebrando o silêncio na Ciência da Informação. **Revista Interamericana de Bibliotecología (Colombia)**, n. 1, v. 43, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/127569>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
24. BISSOLI, Bruna da Silva; COVELLO, Lucas Gatto; PISSELI, Bianca Iris; SANTOS, Raphael Augusto dos. Identidade de gênero e diversidade sexual: proposta de elaboração de microtesauro \*. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, n. 2, v. 8 No. 2, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/136761>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
25. BITENCOURT, Cláudia Coelho de; ZIMMERMANN, Karina Cardoso Gulbis; MACHADO, Ida Marlene Stoffel; SILVA, Gabriela Acordi da; CERETTA, Luciane Bisognin; SCHWALM, Mágada Tessmann; HOEPERS, Neiva Junkes. Vida da Mulher no Climatério: Um mapeamento das alterações manifestadas. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 5, 2011. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/131048>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
26. BORGES, Ellen Valotta Elias. A mediação que promove a desconstrução de discursos homogêneos e cria novos espaços de apropriação da informação em contos de autoria feminina. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, n. 2, v. 18, p. 1-19, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/202718>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
27. BORTOLOZZI, Remom. Mosaico de Purpurina: Revisitando a História do Movimento LGBT no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 13, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/128332>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
28. BOTIGLIERI, Julia Beatriz; FURNIVAL, Ariadne Chloe Mary. Comportamento informacional de mulheres no Brasil sobre cesarianas: um levantamento bibliográfico. **Informação & Informação**, n. 1, v. 27, p. 511-537, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/195087>>. Acesso em: 27 fev. 2023.

29. BOTTON, Andressa; STREY, Marlene Neves. Educar para o empoderamento de meninas: apostas na infância para promover a igualdade de gênero. **Inclusão Social**, n. 2, v. 11, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/80268>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
30. BRAGA, Adriana. Corporeidade Discursiva na Imprensa Feminina: um estudo de editoriais. **Em Questão**, n. 1, v. 9, p. 109-120, 2003. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/10943>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
31. BRAGA, Adriana. Em busca do peso perdido: a institucionalização de demandas culturais nos Vigilantes do Peso. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 11, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/132931>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
32. BRASILIENSE, Danielle Ramos; ANSEL, Pedro. Representações da masculinidade viril contemporânea no programa popular da Rádio Cidade FM: Hora dos Perdidos. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 10, 2016. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/130749>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
33. BRITO, Jean Fernandes; MATIAS, Márcio; BISSET, Edgar. Diretrizes para websites de turismo LGBTQ com base nos elementos da Arquitetura da Informação. **Informação & Informação**, n. 1, v. 26, p. 660-681, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/158630>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
34. BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna Silva. A Questão do Gênero na Literatura em Ciência da Informação. **Em Questão**, n. 3, v. 18, p. 199-214, 2012. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/11473>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
35. CALDIN, Clarice Fortkamp. Vozes femininas nos contos de fadas: a experiência da fala falante Female voices in fairy tale stories: personages voice autonomy p. 283-296. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, n. 2, v. 11, p. 283-296, 2006. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/76544>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
36. CAMARGO, Francielle Piffero; TANNHAUSER, Cláudia Lehnemann; BIEGELMEYER, Uiliam Hahn; CAMARGO, Maria Emilia; BERNARDI, Flávia Camargo; CRACO, Tânia. Relações de poder entre gêneros no ambiente organizacional: uma análise da representação feminina nas empresas de Tecnologia da Informação (TI) de Porto Alegre - RS. **Ciência da Informação em Revista**, n. 2, v. 6, p. 51-69, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/121242>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
37. CAMARGO, Juliana Ravaschio Franco de; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Coautoria e participação feminina em periódicos brasileiros da área de cirurgia: estudo bibliométrico. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, n. 1, v. 15, p. 148-170, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40216>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
38. CAMPOS, Mariana de Lima; ALMEIDA, Gustavo Henrique Moreira Dias. Violência contra a mulher: uma relação entre dimensões subjetivas e a produção de informação.. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, n. 2, v. 15, p. 349-367, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40104>>. Acesso em: 27 fev. 2023.

39. CÂNDIDO, Gilberto Gomes; REDIGOLO, Franciele Marques; CONDURÚ, Marise Teles; BRITO, Camila do Nascimento; SILVA, Carla Patricia Lima. O ecofeminismo como perspectiva em pesquisas científicas. **Liinc em revista**, v. 18, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/194812>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
40. CAPPARELLI, Sérgio. Comunicação de classe e de gênero: o caso Eva Perón. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, n. 1, v. 7, 1996. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/99728>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
41. CARBALLIDO, Elvira Hernández. A história da imprensa no México a partir de uma perspectiva de gênero. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 14, p. 66-95, 2011. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/65566>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
42. CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale; PINTO, Alejandra Aguilar; DIÓGENES, Fabiene Castelo Branco. Necessidades de informação do Gênero Mulher no Distrito Federal, Brasil: resultado de um survey. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, n. 2, v. 13, p. 418-436, 2015. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/42306>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
43. CARRARA, Sérgio Luis. O movimento LGBTI no Brasil, reflexões prospectivas. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 13, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/130871>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
44. CARVALHO, Cristina; CARVALHO, Marcelo Dias; CARVALHO, Cristina. Projetos de mediação de leitura e bibliotecas em presídios femininos. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, n. 1, v. 4, p. 136-163, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/71092>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
45. CARVALHO, Kátia. A imprensa feminina no Rio de Janeiro, anos 20: um sistema de informação cultural. **Ciência da Informação**, n. 1, v. 24, 1995. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/18947>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
46. CARVALHO, Marília Albernaz Pinheiro de; CORTES, Gisele Rocha; SILVA, Aurekelly Rodrigues. A mediação da informação e o protagonismo social das mulheres em situação de violência doméstica. **Revista Conhecimento em Ação**, n. 2, v. 6, p. 91-120, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169007>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
47. CARVALHO, Tâmara Christina Monteiro de; AZEVEDO, Alexander Willian. Liderança feminina em biblioteca universitária e sua influência na motivação organizacional. **Ciência da Informação em Revista**, n. 3, v. 5, p. 20-29, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/109137>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
48. CASEMIRO, Ítalo de Paula. Todo cuidado do mundo: mulheres e o desafio da microcefalia congênita. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 1, v. 15, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/157992>>. Acesso em: 27 fev. 2023. Resenha Mulher.
49. CAVALCANTE, Luciane de Fatima Beckman. A violência contra a mulher sob o olhar da mediação cultural da informação: análise da exposição "Retratos Relatos". **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, n. 2, v.

- 18, p. 1-19, 2022. Disponível em:  
<<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/202596>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
50. CAVASSANA, Fernanda; MASSUCHIN, Michele Goulart. Comunicação e gênero: uma análise cienciométrica da produção brasileira em periódicos nacionais. **Comunicação & Informação**, v. 25, p. 199-222, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/202427>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
51. CESAR, Larissa de Oliveira; SALDANHA, Patrícia Gonçalves. Pastor Silas Malafaia e o uso estratégico das mídias digitais: o novo púlpito religioso no cotidiano midiático. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 1, v. 13, 2019. Disponível em:  
<<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/130363>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
52. CODINA-CANET, Adelina; SEGUNDO, Rosa San. Bibliografia de Ana M<sup>a</sup> Pérez del Campo baseada em seu arquivo pessoal. **Biblios (Peru)**, n. 80, p. 27-50, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/163556>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
53. COLONO, Barbara Angelica; CAVALCANTE, Luciane de fatima beckman; CAVALCANTE, luciane de fatima beckman. Mediação da informação para mulheres: um estudo de caso sobre a Biblioteca Comunitária Abdias Nascimento em Londrina/PR. , v. 16, p. 1-22, 2020. Disponível em:  
<<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/135662>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
54. CONCEIÇÃO, Evandro Luiz da. Mulheres das águas: comunidade, gênero e raça. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 13, 2019. Disponível em:  
<<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/128590>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
55. CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; SPUDEIT, Daniela Fernanda Assis de Oliveira; SPUDEIT, Daniela F. A. de O.. O legado de Suzanne Briet: vida e obra além da documentação. , v. 14, p. 24-40, 2018. Disponível em:  
<<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/2973>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
56. CORTES, Gisele Rocha; ALVES, Edvaldo Carvalho; SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Mediação da informação e violência contra mulheres: disseminando dados quantitativos no centro estadual de referência da mulher Fátima Lopes. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, n. 2, v. 8, 2015. Disponível em:  
<<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119584>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
57. COSTA, Robson Santos; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. A construção de sentido na informação das histórias em quadrinhos. **DataGramZero**, n. 2, v. 10, 2009. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/6660>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
58. CRUZ, Aline Ribeiro da. FEMINICÍDIO: necessidade ou populismo penal?. **Revista Bibliomar**, n. 2, v. 14, p. 35-50, 2015. Disponível em:  
<<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/126439>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
59. CRUZ, Maria Helena Santana. Empoderamento das mulheres. **Inclusão Social**, n. 2, v. 11, 2018. Disponível em:  
<<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/72360>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
60. CRUZ, Solange Maria de Oliveira; SILVEIRA, Carlos Roberto da; MASCIA, Marcia Aparecida Amador. ANÁLISE DE DISCURSO: POR UMA PRÁXIS DE LIBERTAÇÃO FEMININA A PARTIR DA FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO DE ENRIQUE DUSSEL. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, n. 2, v. 5, p. 72-93, 2020. Disponível em:  
<<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/147839>>. Acesso em: 27 fev. 2023.

61. CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da; CERÁVOLO, Suely Moraes. Reflexões sobre o Museu de Arte Popular do Instituto Feminino da Bahia. **Em Questão**, v. 26, p. 206-234, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/149345>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
62. DALBETO, Lucas do Carmo; SOUZA, Rodrigo dos Anjos. O grito de Zaturannah: subversão e descolonização no komik de Carlo Vergara. **Revista Cajueiro**, n. 2, v. 2, p. 170-202, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/149598>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
63. DIAS, Cristina Maria Ganns Chaves; MOREIRA, Larissa Beatriz do Carmo; SANTOS, Adriana Kelly. ?Cartão da Mulher?: processos comunicativos na construção de um material de saúde impresso. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 4, v. 6, 2012. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/129343>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
64. DIGIAMPIETRI, Luciano Antonio; TUESTA, Esteban Fernandez; KÖHLER, André Fontan; DELGADO, Karina Valdivia; BERNARDES JÚNIOR, João Luiz. Caracterizando o processo de doutoramento no Brasil ao longo dos anos: período de formação, sexo e produção acadêmica. **Em Questão**, n. online, n. 1, v. 27, p. 361-387, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/150136>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
65. DOYLE, Andréa; BRISOLA, Anna Cristina. Dois dedos de prosa sobre competência crítica em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. 2, v. 27, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/203859>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
66. DOYLE, Andréa; OLINTO, Gilda; DOYLE, Andréa. Práticas de ensino críticas de competência em informação, mídias e tecnologias digitais e a desconstrução de estereótipos de gênero. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 575-594, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169675>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
67. EGGERT-STEINDEL, Gisela. Fontes de informação e a questão de gênero no cotidiano da mulher (dona de casa). **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, n. 2, v. 23, 1994. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/76165>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
68. ELGUY, Larissa Pena; ANDRADE, Diogo Roberto da Silva. As invisibilidades de homossexuais sob a perspectiva lésbica na representação temática nos catálogos das bibliotecas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, n. 3, v. 26, p. 1-12, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/168726>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
69. ESCALANTE, Isadora; SOUTO, Patrícia Mallmann Pereira; COUTINHO, Luciano Rodrigues de Souza. O impacto do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária do século XXI no Brasil. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 8, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/165361>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
70. FAJARDO, Elena Galán. Construção de gênero e ficção televisiva na Espanha. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 9, p. 248-259, 2006. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/65435>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
71. FERNANDES, Carla Montuori; FARNESE, Pedro; GARCIA, Janete Monteiro; DEMURU, Paolo. Imunização e desigualdade de gênero: a construção da imagem da mulher nos primeiros atos de vacinação contra a covid-19.



- Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 4, v. 15, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/165733>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
72. FERNANDES, Isis Cleide da Cunha; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. A Cobertura da violência contra as mulheres nos jornais de Cabo Verde. **Em Questão**, n. 2, v. 18, p. 215-228, 2012. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/8872>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
73. FERNANDES, Maria; OCHÔA, Paula. Contributos para o perfil das gestoras e curadoras de informação em Portugal. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)**, n. 15, p. 121-130, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/162529>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
74. FERNANDES, Raquel Gonçalves da Silva de Araújo; VIEIRA, Camila Conceição Barreto; FERNANDES JUNIOR, Paulo Roberto; ARAÚJO, Germana Gonçalves de; FERNANDES JÚNIOR, Paulo Roberto. 50 tons de cinza e relacionamento abusivo: um olhar do cárcere. , v. 15, p. 390-405, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/127507>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
75. FERREIRA, Breno de Oliveira; PEREIRA, Edson Oliveira; ROCHA, Matheus Barbosa da; NASCIMENTO, Elaine Ferreira do; ALBUQUERQUE, Ana Rayonara de Sousa; ALMEIRA, Maysa Milena e Silva; PEDROSA, José Ivo dos Santos? Não tem essas pessoas especiais na minha área?: saúde e invisibilidade das populações LGBT na perspectiva de agentes comunitários de saúde. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 13, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/129501>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
76. FERREIRA, Laizlla Cristie da Silva; CORTES, Gisele Rocha. Enfrentando a violência contra as mulheres por meio da informação: o olhar dos/as estudantes de biblioteconomia.. **Revista Conhecimento em Ação**, n. 2, v. 2, p. 19-44, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/71519>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
77. FERREIRA, Maria Mary. Bibliotecários e relações de gênero no Brasil e Portugal. **Convergência em Ciência da Informação**, n. 3, v. 2 n. 3, p. 298-322, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/140570>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
78. FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, n. 2, v. 15, p. 189-201, 2003. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/115486>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
79. FERREIRA, Maria Mary; VEIGA, Marcos Aurélio Pereira; TEIXEIRA, Rafaela Pereira; EVANGELISTA, Raimunda Lima. As relações de classe e de gênero no mercado de trabalho do profissional bibliotecário no estado do Maranhão. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, n. 2, v. 3, 2013. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/62209>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
80. FERREIRA, Maurício Ribeiro; OLIVEIRA, Dalgiza Andrade; ARAÚJO, Ronaldo Ferreira de . O Estado da Arte da Produção Científica sobre Gênero no Contexto da Universidade Federal de Alagoas. **Ciência da Informação em Revista**, n. 2, v. 1, p. 42-49, 2014. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/36218>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
81. FERREIRA, Rubens da Silva. A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. **Ciência da**

- Informação**, n. 2, v. 38, 2009. Disponível em:  
<<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/19906>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
82. FREIRE FILHO, João Batista de Macedo; BAKKER, Bruna Werneck de Andrade. Sob o risco de estresse: as consequências da emancipação feminina na revista *Veja* (2000 - 2018). **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 13, 2019. Disponível em:  
<<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/132102>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
83. GARCIA, João Paulo dos Santos; ARAUJO, Nelma Camêlo; SOUZA, Edivanio Duarte. Informação, gênero e sexualidade: uma análise da comunicação científica do Grupo de Trabalho ?Informação & Saúde? - ENANCIB. **Convergência em Ciência da Informação**, n. 2, v. 2 n. 2, p. 83-104, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/135357>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
84. GERBASE, Carlos. O corpo feminino no cinema: entre a fascinação vital e o pecado mortal. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 11, p. 181-191, 2008. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/67701>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
85. GOLDÁRAZ, Elena Bandrés. Para uma eliminação total dos feminicídios: propostas audiovisuais contra este tipo de violência no Brasil e no México. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 14, p. 228-248, 2011. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/62254>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
86. GOMES, Almiralva Ferraz; SANTOS, Robson Amaral; SILVA, Joice de Souza Freitas; SILVA, Priscila Lúcia Oliveira; BACELAR, Ananda Silva. SATISFAÇÃO COM O TRABALHO E DEDICAÇÃO AO TRABALHO: UM ESTUDO COM EMPREENDEDORAS NO INTERIOR BAIANO. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, n. 3, v. 8, p. 67-89, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/109332>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
87. GÓMEZ, Renata Gabriela Cortez. Desigualdade no acesso a alimentos de mulheres e crianças zoques do México. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 4, v. 13, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/128952>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
88. GONÇALVES, Vivianne Oliveira; MARTÍNEZ, Juan Parra. Imagem corporal de adolescentes: um estudo sobre as relações de gênero e influência da mídia. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 17, p. 139-154, 2014. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/66072>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
89. GROHMANN, Márcia Zampieri; BATTISTELLA, Luciana Flores. Homens e Mulheres ?Aceitam? de Maneira Diferente? Impacto do Gênero no Modelo (Expandido) de Aceitação da Tecnologia - TAM. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 1, v. 21, 2011. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92212>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
90. GUARALDO, Tamara de Souza Brandão; SANTOS, Célia Maria Retz Godoy dos; MELO, Daniele Mendes de. Saberes compartilhados: pesquisa-ação em políticas públicas voltadas à mulher. **Comunicação & Informação**, v. 25, p. 874-889, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/212103>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
91. GUIMARÃES, Nilo Plantiko; SOTERO, Rafaela Lirio; COLA, João Paulo; ANTONIO, Suzana; GALAVOTE, Heletícia Scabelo. Avaliação da implementação da Política Nacional de Saúde Integral à população LGBT em um município da região Sudeste do Brasil. **Revista Eletrônica de**

- Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 14, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/141671>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
92. HANSEN, Fábio; WEIZENMANN, Cátia Schuh. Elas não querem criar? Apontamentos sobre a institucionalização do trabalho de criação publicitária no mercado de Porto Alegre. **Comunicação & Informação**, n. 1, v. 18, p. 21-36, 2015. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/67489>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
93. HARDING, Sandra. Gênero, democracia e filosofia da ciência. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 1, v. 1, 2007. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/133441>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
94. HAYASHI, Carlos Roberto Massao; RIGOLIN, Camila Carneiro Dias; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Métricas da participação feminina na ciência e tecnologia no contexto dos INCTs ? Metrics for women?s participation in science and technology in the context of INCTs. **Liinc em revista**, n. 1, v. 9, 2013. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/90519>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
95. HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; CABRERO, Rodrigo de Castro; COSTA, Maria da Piedade Resende da; HAYASHI, Carlos Roberto Massao. Indicadores da participação feminina em Ciência e Tecnologia. **Transinformação**, n. 2, v. 19, p. 169-187, 2007. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/115919>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
96. HOLLENBACH, Gabriela Boemler. O Casamento e a TPM: novos tempos, novos sentidos. **Em Questão**, n. 2, v. 9, p. 255-269, 2003. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/9649>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
97. HOPPEN, Natascha Helena Franz; VANZ, Samile Andréa de Souza. O que são estudos de gênero: caracterização da produção científica autodenominada estudos de gênero em uma base de dados multidisciplinar e internacional. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 25, p. 1-30, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/142215>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
98. ISHIMOTO, Adonai Takeshi; GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. Nas estantes das bibliotecas, gêneros e silêncios. , n. 2, v. 14, p. 351-366, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/2217>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
99. JAMISON, Kaline Girão; SANTOS, Letícia Adriana Teixeira dos. Modulações no discurso de Michel Temer sobre o papel da mulher: uma análise crítica e pragmático-emotiva. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, n. 1, v. 2, p. 176-202, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/118485>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
100. KALIL, Irene Rocha; AGUIAR, Adriana Cavalcanti de. Aquilo que a amamentação retira e o desmame restaura: relatos maternos sobre tensionamentos e materiais de comunicação e informação em saúde. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 15, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/163257>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
101. LANDABURU, Amaia. La participación de las mujeres en radios comunitarias en India frente al silenciamiento sistémico y la brecha digital.

- Hipertext.net (Espanha)**, n. 22, p. 27-36, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/159765>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
102. LANDIM, Laís Alpi; JORENTE, Maria José Vicentini. O lugar das questões de gênero na pesquisa em Design da Informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, p. 629-639, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/159696>>. Acesso em: 27-fev.-2023.
103. LARA NETTO, Mônica Mourão. Zika pela voz das mulheres. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 10, 2016. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/132231>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
104. LAURINDO, Kariane Regina; PIZARRO, Daniela Câmara. Mulheres negras vítimas de violência doméstica: a visibilidade dada sobre a temática na Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, n. 4, v. 26, p. 1-20, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169840>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
105. LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos. Dilemas da visualidade jornalística das violências contra pessoas LGBTQ+ e contra mulheres heterossexuais no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 13, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/132240>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
106. LEAL, Tatiane; BAKKER, Bruna Werneck de Andrade. A mulher bioquímica: invenções do feminino a partir de discursos sobre a pílula anticoncepcional. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 11, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/128010>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
107. LEIROZ, Flavia Pinto; D'ABREU, Patrícia Cardoso. Meu corpo, minhas representações: comunicação, saúde e a sexta onda feminista. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 15, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/163262>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
108. LEITE, Tatiana Clébar; LERNER, Kátia. Notícias sobre a nova classificação das identidades trans: uma análise das fontes citadas em reportagens publicadas no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 13, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/131003>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
109. LIMA, Francisca Rosimere Alves de; DIAS, Karla Cristina Oliveira. Levantamento das produções sobre mulheres e relações de gênero nos artigos de periódicos em Ciência da Informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, n. 2, v. 3, 2013. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/69350>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
110. LIMA, Izabel de França; ALMEIDA, Vitória Gomes; LIMA, Izabel França de; ALMEIDA, Vitória Gomes. ?Nos anais da história a fama nunca rima com mulher... ?: memória e invisibilidade nos folhetos de cordel. , n. 3, v. 14, p. 345-363, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/99116>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
111. LIMA, Leila Martins dos Santos; SANTOS, Elaine Maria. Representações da mulher negra no Jornal Gazeta de Notícias no final do século XIX. **Revista Fontes Documentais**, n. ed., v. 5, p. 143-160, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/211375>>. Acesso em: 27 fev. 2023.

112. LIMA, Marcelo Pereira. Gênero, poder e cultura jurídica: um ensaio historiográfico. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 21, p. 133-153, 2007. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/23593>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
113. LIMA, Nadia Regina Loureiro de Barros. O patriarcado na contemporaneidade e a questão de gênero: uma análise discursiva de canções brasileiras. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, n. 3, v. 7, p. 126-156, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/212000>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
114. LOBÃO, Irajayna de Sousa Lage; DAVID, Jéssica Glienke; PEREIRA, Danielle Borges; SALES, Fernanda. Biblioteconomia: uma questão de gênero?. , v. 13, p. 2037-2050, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/1800>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
115. LOPES, Fernando Cruz; MELLO, Mariana Rodrigues Gomes; SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco; ÁVILA, Daniel Martínez. Epistemologia e Gênero: um estudo das publicações no grupo de trabalho 1 do ENANCIB. **Informação & Informação**, n. 4, v. 26, p. 269-295, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169663>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
116. LOPES, Ivonete da Silva. Ausência de raça e gênero no enfrentamento da pandemia no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 15, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/161346>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
117. LÓPEZ-HUERTAS, María José; RAMÍREZ, Isabel de TORRES. Terminología de género. Sesgos, interrogantes, posibles respuestas. **DataGramZero**, n. 5, v. 6, 2005. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5796>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
118. LUCIANO, Maria Cristiana Felix; CORTES, Gisele Rocha; CARDONE, Rebeca Klywiann; CARDOSO, Vanessa Nunes; MARTINS, Gracy Kelli. Mediação consciente da informação no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação: o uso dos termos "mulheres", "gênero" e "feminismo" nas pesquisas publicadas no período de 1994 a 2019. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, n. 2, v. 18, p. 1-19, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/202603>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
119. MACHADO, Felipe Viero Kolinski; GONÇALVES, Juliana Soares. Corpos e percepções de um tempo que passa: reflexões sobre gênero e movimentos do tempo em Sou Mais Eu, Junior e Men?s Health Portugal. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 12, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/128748>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
120. MACHADO, Sandra de Souza. O que o Cidadão Kane tem a ver com a Rainha Christina? A Economia e a Política dos Estereótipos de Gênero no Cinema de Hollywood. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 11, p. 240-260, 2008. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/61452>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
121. MALTA, Renata Barreto; MENDONÇA, Letícia Silva. A mulher negra no circuito da cultura: uma análise do canal Afros e Afins. **Comunicação & Informação**, v. 25, p. 433-455, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/206851>>. Acesso em: 27 fev. 2023.

122. MARCHAL, José Manuel Frasier. La representación de la mujer trabajadora en los espacios radiofónicos. Una nueva realidad en las ondas. **Métodos de información (Espanha)**, n. 16, v. 9, p. 1-25, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/85636>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
123. MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; MELLO, Mariana Rodrigues Gomes. Epistemologias, gênero e dogmatismo científico: desdobramentos na Organização do Conhecimento. **Logeion: filosofia da informação**, v. 9, p. 182-194, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/202341>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
124. MARTINS, Carlos Wellington Soares. A cada LGBTI+ o seu livro? Identidade de gênero e sexualidade na biblioteconomia brasileira. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, v. 6, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/194881>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
125. MARTINS, Guilherme; PIZARRO, Daniela Câmara. Gênero e sexualidade na biblioteca escolar: algumas reflexões. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, n. 2, v. 23, p. 175-188, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/66555>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
126. MATHEUS, Márcia Cristina de Oliveira Santos. MARIA GRAHAM E A DOCUMENTAÇÃO DO FEMININO NO BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO OITOCENTOS. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, n. 2, v. 4, p. 305-340, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/129465>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
127. MATIAS, Bárbara Leite. Trilogia Afeminada. **Revista Folha de Rosto**, n. 1, v. 7, p. 118-133, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/160802>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
128. MEDEIROS, Thaís Dias; HOPPEN, Natascha Helena Franz; VANZ, Samile Andréa de Souza. A produção científica sobre estudos de gênero no repositório digital da ufrgs. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, n. contexto, v. 34, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/162747>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
129. MEDEIROS, Thaís Dias; HOPPEN, Natascha Helena Franz; VANZ, Samile Andréa de Souza. Elementos introdutórios para uma análise bibliométrica da produção científica sobre estudos de gênero no repositório digital da ufrgs. **Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria**, n. 6, v. 6, p. 6º Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/117513>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
130. MELO, Mônica Cecília Pimentel de; OLIVEIRA, Mariana Silva Mendes de; SILVA, Ralessandra Moreira da Silva. Ótica das mulheres sobre o preservativo masculino no espaço prisional em Juazeiro-BA. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 6, 2012. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/131619>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
131. MENDES, Cíntia. Projeto Encontros Feministas. , v. 13, p. 318-330, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/4923>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
132. MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. Imagens do envelhecimento: como a mídia brasileira representa a mulher de meia idade. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 14, p. 139-153, 2011. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/68748>>. Acesso em: 27 fev. 2023.

133. MIRA, Bianca Savegnago de; FARIAS, Mary Elizabeth Sampaio de Oliveira; BRITO, Jean Fernandes; GUARALDO, Tamara de Souza Brandão. Nas trilhas dos sujeitos discursivos. **Informação em Pauta**, n. 00, v. 6, p. 1-16, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/162435>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
134. MONTIEL, Aimée Vega. Ética feminista e comunicação. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 14, p. 3-18, 2011. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/67326>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
135. MONTORO, Tânia Siqueira; DUMARESQ, Carolina. Corpo, desejo e erotismo na narrativa da série de TV: Mandrake. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 14, p. 214-227, 2011. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/68229>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
136. MORAIS, Cecília Verones Candido de; PACÍFICO, Soraya Maria Romano; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. SAÚDE MENTAL E A ESCRITA DO FEMININO EM CLARICE LISPECTOR. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, n. 3, v. 7, p. 102-125, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/210928>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
137. MULLER, Luciana Kramer Pereira; MARTINS, Carlos Wellington Soares. Uma profissão feminina, mas não feminista? Representatividade de gênero na gestão dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia no Brasil. , v. 15, p. 92-111, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/127489>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
138. MUÑOZ-MUÑOZ, Ana M<sup>a</sup>; GARCÍA, Eugenia Gil; AVILÉS, Nuria Romo; Empty. Mujeres del medio rural y nuevas tecnologías de la información y la comunicación: resultados del proyecto rur@lia. **Ciência da Informação**, n. 3, v. 33, 2004. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/20753>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
139. MUÑOZ-ÑÚNGO, Bibiana; RODRÍGUEZ-FANECA, Cristina; MAZ-MACHADO, Alexander; CUIDA, Astrid. A presença de mulheres em publicações educacionais na Colômbia: uma análise no Índice de Citação de Fontes Emergentes. **Biblios (Peru)**, n. 82, p. 41-50, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/207530>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
140. NASCIMENTO, Francisco Arrais; FIORAVANTI, Denise Cristina Belam; SABBAG, Deise Maria Antonio. Unidades de informação, memória e resistência no âmbito das dissidências sexuais e de gênero. **Revista Fontes Documentais**, n. ed., v. 5, p. 99-125, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/211367>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
141. NASCIMENTO, Francisco Arrais; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. Automeação e autoclassificação na construção de conceitos e classificações sobre gênero, sexualidade e raça no domínio das homossexualidades masculinas. **IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia**, v. 5, p. 7-22, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/137956>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
142. NASCIMENTO, Marcela Aguiar da Silva; MATA, Marta Leandro da. Comportamento informacional de travestis multiplicadoras: a reconstrução da cidadania através da informação. , v. 16, p. 1-24, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/134846>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
143. NASCIMENTO, Marcela Aguiar da Silva; MATA, Marta Leandro da; PEREIRA, Gleice. Interações Sociais e Rupturas Observadas Através dos Estudos Informacionais: o contexto de travestis e mulheres transexuais

- brasileiras. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 15, 2021.  
Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/162898>>. Acesso em: 27-fev.-2023.
144. NEVES, Tatiely Mayara de Oliveira. A MULHER E A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: uma questão muito além do gênero \*. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, n. 2, v. 8 No. 2, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/136739>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
145. NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. Disseminação de informações sobre a epidemia de HIV/ AIDS para mulheres. **Ciência da Informação**, n. 3, v. 22, 1993. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/22181>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
146. NOVELLINO, Maria Salet Ferreira; TAVARES, Rosimeri Silva de Santana. Coleta de informações em estudos sociais: abordagens quantitativas e qualitativas para analisar centros de referência de atendimento às mulheres em situação de violência. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, n. 1, v. 2, p. 10-21, 2013. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/15176>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
147. NOVELLINO, Maria Salet Ferreira; TOLEDO, Maria Luíza Guerra de. As mulheres no campo político: uma análise das candidaturas femininas às prefeituras brasileiras (2000-2016). **Inclusão Social**, n. 2, v. 11, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/80398>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
148. OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, n. 1, v. 5, 2011. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/100456>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
149. OLIVEIRA, Catarina Farias de; BRASIL, Denise Teresinha da Silva - Universidade Federal do Pampa ? UNIPAMPA/; UFC/BRASIL, Sheila Rodrigues - Universidade Federal do Ceará -. Versos e reversos na representação da diversidade e da diferença nas práticas de comunicação popular. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 15, p. 70-86, 2013. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/154452>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
150. OLIVEIRA, Joelma da Silva; OLIVEIRA, Patrícia da Silva; CORTES, Gisele Rocha; SILVA, Aurekelly Rodrigues. Mulheres e lugar de fala: caminhos percorridos. **Convergência em Ciência da Informação**, n. 1, v. 2 n. 1, p. 23-41, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/135348>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
151. OLIVEIRA, Nathalia Paulino; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento. Mulheres cariocas e práticas de leitura nos anos de 1920: um estudo documental a partir das revistas Fon-Fon e Jornal das Moças. **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. 2, v. 21, p. 33-60, 2016. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/37158>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
152. PACÍFICO, Soraya Maria Romano; ROMÃO, Lucília Maria de Sousa. A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino. **Em Questão**, n. 1, v. 12, p. 73-90, 2006. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/9326>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
153. PAJEÚ, Hélio Márcio; ALMEIDA, Arthur Henrique Feijó de; PAJEÚ, Hélio Márcio. Quando as questões de gênero invadem a biblioteca escolar:



- proposta de calendário comemorativo da diversidade. , v. 17, p. 1-25, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/164873>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
154. PALHARES, Maria Cristina; SANTOS, Luana Helena dos. A biblioteca pública Cora Coralina como espaço para o empoderamento da mulher negra em atendimento às ODS 5, 10 e 16. , v. 18, p. 1-17, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/194885>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
155. PASA, Caroline; KARPINSKI, Cezar. A ?Maria da ilha? entre documentos e memória: reflexões sobre os arquivos da Deputada Estadual Antonieta de Barros (1901-1952). **Ágora**, n. 58, v. 29, p. 1-14, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/109949>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
156. PAZ, Aline Amaral; SILVA, Sandra Rúbia da. Isso não é pornografia de vingança: violência contra meninas e mulheres a partir da explanação de conteúdo íntimo na internet. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 3, v. 15, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/163206>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
157. PELLEGRINI, Carolina de Menezes Cardoso; COSTA, Ana Paula Motta. Trabalho, emprego e renda na era da plataformização digital: o caso dos trabalhos de cuidado. **Liinc em revista**, v. 18, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/209337>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
158. PERUCCHI, Valmira; SOUSA, Beatriz Alves. Uso da informação no processo de tomada de decisão pelas mulheres gestoras da reitoria do IFPB. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, n. 1, v. 10, p. 110-123, 2012. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40101>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
159. PIMENTA, Larah. O papel da bibliotecária enquanto incentivadora do empoderamento feminino desde a infância. **Revista Eletrônica da ABDF**, n. 1, v. 2, p. 28-31, 2016. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/166062>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
160. PINHEIRO, Caroline Corrêa; LISBOA, Rose Suellen de Castro; INOMATA, Danielly Oliveira. Presença das mulheres na ciência regional. **Informação em Pauta**, n. 00, v. 6, p. 1-19, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/162445>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
161. PINHO, Fabio Assis. Percurso investigativo para contextualização de metáforas relativas à gênero e sexualidade em linguagens documentais. **Informação & Informação**, n. 2, v. 22, p. 117-143, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33460>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
162. PINHO, Fabio Assis; MILANI, Suellen Oliveira. ética em organização do conhecimento: categorização de termos fronteiriços em relação a gênero e sexualidade.. **Logeion: filosofia da informação**, n. 2, v. 6, p. 84-103, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/136716>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
163. PINTO, Tiago Leite; BRANDÃO, Gláucia Isaias. A biblioteca escolar em consonância com a Agenda 2030: Biblioteca SENAI Niterói e o empoderamento das mulheres e meninas. , v. 13, p. 437-451, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/3523>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
164. PIRES, Hugo Avelar Cardoso; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Relações de gênero e a profissão bibliotecária no Brasil. **Cadernos BAD**

- (Portugual), n. 1, p. 157-171, 2016. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/68033>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
165. PIRES, Hugo Avelar Cardoso; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio. As mudanças curriculares da Biblioteconomia brasileira e suas relações com a generificação da profissão bibliotecária. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, n. 2022, v. 20, 2008. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/193843>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
166. PORTELA, Cristiane. Telenovela: produto de consumo cultural masculino?. **Comunicação & Informação**, n. 1, v. 13, p. 69-77, 2010. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/68398>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
167. PRÁ, Jussara Reis; PAGOT, Rhaíssa. Rotas de empoderamento das mulheres no contexto dos feminismos, da cidadania e dos direitos humanos. **Inclusão Social**, n. 2, v. 11, 2018. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/80282>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
168. PRADO, Daniel Porciúncula. Uma breve introdução acerca das estruturas mentais no período medieval. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 12, p. 115-121, 2000. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/24125>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
169. PRÉVOST, Héloïse. "Até que todas sejamos livres": o ativismo 'sentipensado' das feministas agroecológicas brasileiras contra as violências agrocapitalistas. **Liinc em revista**, v. 18, 2022. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/194374>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
170. RAMOS, Roberto. Sex and city: o protagonismo feminino na pós-modernidade. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 12, p. 118-125, 2009. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/65904>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
171. RASCHE, Francisca. Papéis de gênero e sua influência na formação acadêmica de mulheres estudantes de biblioteconomia em Santa Catarina p. 77- 95. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, n. 3, v. 3, p. 77-95, 1998. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/76533>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
172. REIS, Izis Moraes Lopes dos. Entre a tradição e a resignificação: o feminino diante da infertilidade (e as novas tecnologias conceptivas). **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 2, 2008. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/133408>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
173. RESTREPO-ARANGO, Cristina. Representación del género femenino en el área V de las ciencias sociales del Sistema Nacional de Investigadores (SNI). **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 47, v. 21, p. 27-40, 2016. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39025>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
174. REZENDE, Daniela Savaget Barbosa; OLIVEIRA, Valdir Castro. As representações e os sentidos do silêncio nas experiências de mulheres que vivem com HIV/Aids. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 1, v. 8, 2014. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/128558>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
175. RIBEIRO, Ana Rosa Pais; DECOURT, Beatriz; RIBEIRO, Ana Rosa Pais; ALMEIDA, Tatiana; ALMEIDA, Tatiana. A representação do domínio ?gênero? no âmbito das linguagens documentárias: um mapeamento

- conceitual em instrumentos terminológicos. **Informação & Informação**, n. 2, v. 22, p. 208-234, 2017. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/35012>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
176. RIOS, Francisco Welton Silva; SOUZA, Maria Naires Alves de. Gênero e sexualidade como temas de teses e dissertações: levantamento quantitativo nos repositórios do IBICT e da CAPES. , n. 2017, v. 13, p. 1923-1938, 1923. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/216347>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
177. ROBLES, Keylor. REPRESENTACIONES DE LOS PERSONAJES FEMENINOS EN SERIES ANIMADAS: LOS PICAPIEDRA Y STEVEN UNIVERSE. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, n. 1, v. 5, p. 49-86, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/143881>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
178. ROCHA, Eida Martínez; ALFARO, Silvia Rivera. Política lingüística de uso del lenguaje inclusivo de género y las revistas científicas de la Universidad de Costa Rica (UCR). **e-Ciencias de la Información (Costa Rica)**, n. 2, v. n 9, v. 9, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/118893>>. Acesso em: 15-abr.-2023.
179. ROCHA, Rose Melo da. Artivismo musical e feminismos: arte e política nas disputas visuais e no direito de existir das dissidências sexuais e de gêneros. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 15, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/209837>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
180. ROCIO, Lais de Mello; HENRIQUES, Rafael Paes; ALVES, Gabriela Santos. Bastidores da reportagem sobre assédios sexuais que gerou o movimento #MeToo: reflexões sobre o jornalismo com perspectiva de gênero. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 15, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/161580>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
181. RODRIGUES, Jeorgina Gentil; GUIMARÃES, Maria Cristina Soares; GUIMARÃES, Maria Cristina Soares. Apontamentos sobre a participação feminina na pesquisa no campo da saúde a partir do acervo de obras raras da Biblioteca de Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz. **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. 1, v. 21, p. 119-133, 2016. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/35166>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
182. RODRÍGUEZ-ÁLVAREZ, Juan Antonio; CRUZ-MALAVASSI, Sonia de la. ¿Qué lee la población estudiantil de Comunicación Colectiva de la Universidad de Costa Rica?. **e-Ciencias de la Información (Costa Rica)**, n. dez., p. 1-22, 2012. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/64802>>. Acesso em: 15 abr. 2023.
183. ROMEIRO, Nathália Lima; PIMENTA, Ricardo Medeiros. Mídias sociais, violência contra mulheres e informação: prospecção do campo à luz das humanidades digitais. **Em Questão**, n. online, n. 4, v. 27, p. 107-136, 2021. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/161854>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
184. ROMEIRO, Nathália Lima; SANTOS, Bruno Almeida dos. Bibliografia Lilás: lesboteca e a construção de um catálogo bibliográfico para visibilidade lésbica. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 25, p. 1-22, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/150036>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

185. ROMEIRO, Nathália Lima; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. A educação continuada e o protagonismo da mulher na Biblioteconomia: relato de experiência da oficina "Mulheres na Ciência da Informação e Biblioteconomia". , v. 15, p. 112-130, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/127516>. Acesso em: 27 fev. 2023.
186. ROMEIRO, Nathália Lima; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; BRISOLA, Anna Cristina Caldeira de Andrada Sobral. A página arrumando letras como um espaço para a desconstrução da dominação do patriarcado. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, n. 3, v. 16, p. 317-337, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39978>. Acesso em: 15 abr. 2023.
187. ROZENFELD, Tatiana; GALINDO, Wedna Cristina Marinho. Experiências de saúde entre mulheres: reflexões a partir de um programa de rádio comunitária. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 15, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/161572>. Acesso em: 27 fev. 2023.
188. RUSCHEINSKY, Aloísio. História e cidadania a diversificada participação sócio-política das mulheres no campo no Sul do País. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 7, p. 275-290, 1995. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/23990>. Acesso em: 27 fev. 2023.
189. SALDANHA, Patrícia; SOUSA, Rodrigo Silva Caxias de; LIMA, Marcia Heloisa Tavares de Figueredo. Práticas informacionais no Portal Geledés. **Revista Folha de Rosto**, n. 1, v. 8, p. 133-161, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/194738>. Acesso em: 27 fev. 2023.
190. SALLES, Débora Gomes; GONÇALVES, Jéssica dos Santos; ARAÚJO, Luciana Danielli de. A transexualidade na literatura científica das ciências da saúde. **Informação & Informação**, n. 2, v. 22, p. 265-292, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33669>. Acesso em: 15 abr. 2023.
191. SALOMÃO, Amanda Christina; ALENTEJO, Eduardo da Silva. Bibliotecas circulantes na Inglaterra industrial: práticas biblioteconômicas e sua atuação como novo ambiente de distribuição e circulação de informação. , n. 2, v. 15, p. 194-215, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/216489>. Acesso em: 27 fev. 2023.
192. SALVAI, María Eugenia. Tratamento da investigação científica sobre os estudos de mulher, gênero e feminismo. **Biblios (Peru)**, n. 50, p. 15-26, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/61709>. Acesso em: 27 fev. 2023.
193. SANTANA, Bianca; ALMEIDA, Marco Antonio; ALMEIDA, Marco Antonio de. Mulheres negras e o comum: memória, redes sociais e táticas cotidianas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 57-61, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/3733>. Acesso em: 27 fev. 2023.
194. SANTANA, Sérgio Rodrigues; COSTA, Levi Cadmiel Amaral da; MELO, Maytê Luanna Dias de; SILVA, Alzira Karla Araújo; SOUZA, Edivanio Duarte. A rede epistêmica da informação gênero-sexualidade na Ciência da Informação. **Informação em Pauta**, n. 00, v. 6, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/162432>. Acesso em: 15 abr. 2023.
195. SANTANA, Sérgio Rodrigues; GIRARD, Carla Daniella Teixeira; COSTA, Daniel Jackson Estevam da; MELO, Maytê Luanna Dias de Dias de;

- GIRARD, Cristiane Marina Teixeira Teixeira; FREITAS, Amanda Cristina Perigo de. Informação Gênero-Sexualidade. **Revista Folha de Rosto**, n. 3, v. 6, p. 78-96, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/152753>. Acesso em: 15 abr. 2023.
196. SANTANA, Sérgio Rodrigues; MELO, Maytê Luanna Dias de. Práticas informacionais entre bibliotecários(as) de referência e usuários(as) LGBTQIA+. **Revista Folha de Rosto**, n. 1, v. 8, p. 249-276, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/194725>. Acesso em: 15 abr. 2023.
197. SANTANA, Sérgio Rodrigues; SANTOS, Raimunda Fernanda; MELO, Maytê Luanna Dias de; GIRARD, Carla Daniella Teixeira. Folksonomia no contexto LGBTQIA+: descortinando o preconceito e a discriminação da informação gênero-sexualidade nos ambientes digitais. **Logeion: filosofia da informação**, v. 8, p. 151-173, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/194118>. Acesso em: 15 abr. 2023.
198. SANTIAGO, Monique de Oliveira; AFFONSO, Felipe; DIAS, Thiago Magela Rodrigues. Produção científica das mulheres no Brasil. **Transinformação**, v. 32, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/156779>. Acesso em: 27 fev. 2023.
199. SANTIAGO, Monique de Oliveira; DIAS, Thiago Magela Rodrigues. Dados de acesso aberto para compreensão da produção científica das mulheres no Brasil. **Ciência da Informação**, n. 3, v. 48, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/136498>. Acesso em: 27 fev. 2023.
200. SANTIAGO, Monique de Oliveira; DIAS, Thiago Magela Rodrigues; AFFONSO, Felipe. Perfil das orientações e produções das mulheres fundamentado em dados da Plataforma Lattes. **Ciência da Informação**, v. 49, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/163386>. Acesso em: 27 fev. 2023.
201. SANTO, Patrícia Espírito. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**, n. 2, v. 14, p. 317-332, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/8968>. Acesso em: 27 fev. 2023.
202. SANTO, Patrícia Espírito; DUMONT, Lígia Maria Moreira; DUMONT, Lígia Maria Moreira. A leitora e sua relação com o jornal Estado de Minas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. 3, v. 14, p. 20-37, 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/38477>. Acesso em: 27 fev. 2023.
203. SANTOS JÚNIOR, Edimar Alcântara dos Santos. “Fazei Tudo o que Ele vos Disser”. **Revista Folha de Rosto**, n. 1, v. 7, p. 134-160, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/160812>. Acesso em: 27 fev. 2023.
204. SANTOS, Caynnã de Camargo; LOPES, Mônica do Adro; VIEIRA, Cristina Coimbra; FERREIRA, Virgínia. O que se ensina nos estudos de gênero em Portugal: uma análise bibliométrica dos planos curriculares. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 27, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/211315>. Acesso em: 15 abr. 2023.
205. SANTOS, Cristine Martins dos; AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. ANÁLISE DISCURSIVA DA POSIÇÃO SUJEITO DAS MULHERES NEGRAS MILITANTES REVERBERADA PELO DISCURSO DE SOJOURNER TRUTH. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, n. 2, v. 5,

- p. 11-35, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/147873>>. Acesso em: 27-fev.-2023.
206. SANTOS, Raimunda Fernanda dos; VALÉRIO, Erinaldo Dias. O ensino das práticas de organização e tratamento da informação étnico-racial e sobre diversidade de gênero frente à formação do(a) bibliotecário(a). **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, n. Especial, v. 5, p. 14-23, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/114056>. Acesso em: 15 abr. 2023.
207. SARASÚA, Guillermina Cortés; CABRERA, Marga. Artivismo feminista en la región Cuyo, República Argentina. Las modalidades de expresión artístico-políticas y el modo de circulación en Internet. **Hipertext.net (Espanha)**, n. 20, p. 69-85, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/140966>. Acesso em: 27 fev. 2023.
208. SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. **Inclusão Social**, n. 2, v. 11, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/80459>. Acesso em: 27 fev. 2023.
209. SARMENTO, Rayza; DORNELAS, Paula Dias; ELIAS, Maria Ligia Ganacim Granado Rodrigues; ROCHA, Amanda. Zika vírus e microcefalia nos discursos de mulheres no jornalismo e no Facebook. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 15, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/161371>. Acesso em: 27 fev. 2023.
210. SCARTASSINI, Veronica Barboza; BARROS, Thiago Henrique Bragato. Feminismo e Ciência da Informação: uma abordagem a partir da análise do discurso. **Informação & Informação**, n. 3, v. 26, p. 450-477, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/165600>. Acesso em: 27 fev. 2023.
211. SCHMITT, Briane; FREITAS, Ernani Cesar de. OS DISCURSOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: DESVENDANDO A CENOGRAFIA E O ETHOS NAS PRÁTICAS SOCIAIS. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, n. 1, v. 3, p. 117-132, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/118411>. Acesso em: 27 fev. 2023.
212. SCHUCK, Elena de Oliveira. Conhecimento e espaços de poder: trajetórias da pesquisa acadêmica feminista no Brasil. **Inclusão Social**, n. 2, v. 11, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/80611>. Acesso em: 27 fev. 2023.
213. SENA, Priscila Machado Borges. Entrevista com a bibliotecária e professora moçambicana Delfina Lázaro Mateus. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, n. 2, v. 24, p. 491-497, 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/120805>>. Acesso em: 27-fev.-2023.
214. SENA, Priscila Machado Borges. Entrevista com a bibliotecária e professora moçambicana Delfina Lázaro Mateus. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, n. 2, v. 24, p. 491-497, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/120805>. Acesso em: 27 fev. 2023.
215. SERAFIM, José Francisco; MARTINS, Raquel Salama; COELHO, Sandra Straccialano. Imaginário e gênero no cinema: uma análise de Tão

- Longe é Aqui. **Comunicação & Informação**, v. 25, p. 456-476, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/206865>. Acesso em: 15 abr. 2023.
216. SILVA JÚNIOR, João Santos da. Capitu, Lucíola e Isaura: uma releitura feminista da literatura brasileira do século XIX. **Biblioteca Escolar em Revista**, n. 1, v. 7, p. 43-56, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/149700>. Acesso em: 27 fev. 2023.
217. SILVA, Adriano; NJAINE, Kathie; OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira. LGBTI+fobia virtual: notas sobre uma etnografia em comunidades virtuais no Facebook. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 16, p. 587-605, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/209866>. Acesso em: 15 abr. 2023.
218. SILVA, Aurekelly Rodrigues; CORTES, Gisele Rocha. A mediação da informação na Casa Abrigo da Paraíba: o protagonismo das mulheres no enfrentamento à violência doméstica. **Em Questão**, n. online, n. 3, v. 27, p. 94-119, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/160577>. Acesso em: 27 fev. 2023.
219. SILVA, Bruna Daniele de Oliveira; SABBAG, Deise Maria Antonio. A expressão de singularidades em gêneros narrativos: análise da classificação de fanfictions. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)**, n. 16, p. 44-63, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169124>. Acesso em: 15 abr. 2023.
220. SILVA, Bruna Daniele de Oliveira; TOLARE, Jessica Beatriz; SILVA, Bruna Daniele de Oliveira. Representação temática da violência contra mulheres em literatura ficcional: análise em OPAC bibliográficos, v. 16, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/146606>. Acesso em: 27 fev. 2023.
221. SILVA, Dávila Maria Feitosa da; VALÉRIO, Erinaldo Dias; CARMO, Nicacia Lina do. Negra Intelectual na Biblioteconomia do Cariri Cearense. **Revista Folha de Rosto**, n. 1, v. 7, p. 28-47, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/160817>. Acesso em: 27 fev. 2023.
222. SILVA, June Marize Castro; KARPINSKI, Cezar. Empreendedorismo feminino: aportes para discussão na Ciência da Informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, p. 238-258, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/153316>. Acesso em: 27 fev. 2023.
223. SILVA, Marco Donizete Paulino da. Conceitos de Indexação sobre o Gênero Feminino em Jogo de Cena. **Informação & Informação**, n. 3, v. 19, p. 168-191, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/35048>. Acesso em: 27 fev. 2023.
224. SILVA, Marina Maria Ribeiro Gomes da. Parir é natural. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 10, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/130911>. Acesso em: 27 fev. 2023.
225. SILVA, Mayara; GOMES, Girlaine. Movimentos antifeministas e desinformação: uma análise dos discursos promovidos no Instagram. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, n. Especial, v. 9, p. 1-13, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/198337>. Acesso em: 27 fev. 2023.
226. SILVA, Meire Oliveira. O processo (2018) envolto em imagens e discursos de violência: uma proposta de análise das narrativas e memórias a

- partir do documentário de Maria Augusta Ramos. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, n. 2, v. 6, p. 219-242, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/164850>. Acesso em: 15 abr. 2023.
227. SILVA, Naira Rosana Dias da. Quizás, Quizás, Quizás: deleite da câmera voyeurista e a construção da personagem Zahara no filme dentro do filme *Má Educação*, de Pedro Almodóvar. **Comunicação & Informação**, n. 1, v. 10, p. 34-42, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/62721>. Acesso em: 27 fev. 2023.
228. SILVA, Rachel Bonfim da; PINHEIRO, Sirlene Mota. Ideologias das brincadeiras x brinquedos de meninos x meninas. **Revista Bibliomar**, n. 1, v. 17, p. 59-70, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/126375>. Acesso em: 15 abr. 2023.
229. SILVA, Raquel Padilha. A instrução no Império e no Rio Grande do Sul. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 19, p. 83-94, 2006. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/22487>. Acesso em: 27 fev. 2023.
230. SILVA, Stephanie Cerqueira; JORENTE, Maria José Vicentini; SILVA, Stephanie Cerqueira; JORENTE, Maria José Vicentini. A semantização das representações imagéticas em ambientes digitais de museus do feminino. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)**, n. 16, p. 64-80, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169099>. Acesso em: 27 fev. 2023.
231. SILVA, Thaís Pereira da; SILVA, Thaís Pereira da. TICS: resistência das mulheres negras. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 67-71, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/1433>. Acesso em: 27 fev. 2023.
232. SILVA, Yolanda Flores e. Todo dia é dia das leitoras de Barbara. O discurso formativo/explicativo na revista Barbara p. 133- 148. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, n. 3, v. 3, p. 133-148, 1998. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/75793>. Acesso em: 27 fev. 2023.
233. SILVEIRA, Denise Tolfo; NEUTZLING, Agnes Ludwig; MARTINATO, Luísa Helena Machado; CATALAN, Vanessa Menezes; SANTOS, Tamyres Oliveira; BRONDANI, Stephani C.P. Objetos educacionais digitais para a saúde da mulher. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 6, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/132562>. Acesso em: 27 fev. 2023.
234. SIMILI, Ivana Guilherme. Políticas de gênero na guerra: as roupas e a moda feminina. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, n. jul/dez - 2012, v. 25, p. 121-142, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/201650>. Acesso em: 15 abr. 2023.
235. SOEIRO, Herta Maria de Açucena do Nascimento; MAROLDI, Alexandre Masson. Gênero na elite científica. **Informação em Pauta**, n. 2, v. 5, p. 71-90, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/152873>. Acesso em: 15 abr. 2023.
236. SOUSA, Brisa Pozzi de; TOLENTINO, Vinicius de Souza; SOUSA, Brisa Pozzi de. Aspectos machistas na organização do conhecimento: a representação da mulher em instrumentos documentários. **Informação & Informação**, n. 2, v. 22, p. 166-207, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/34272>. Acesso em: 27 fev. 2023.



237. SOUSA, Francisca Liliana Martins de; PINTO, Virgínia Bentes. Biblioteca prisional e reinserção social: o olhar das internas do Instituto Penal Feminino Auri Moura Costa. **Informação em Pauta**, n. 2, v. 3, p. 31-49, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/109249>. Acesso em: 27 fev. 2023.
238. SOUZA, Alberto Carlos de; PRIORE, Mary Del; FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de. Maria... maria(s): uma leitura infantil de gênero a partir da musicalidade de Milton Nascimento. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 12, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/153520>. Acesso em: 15 abr. 2023.
239. SOUZA, Maria Badet; FERNÁNDEZ, Virginia Luzón. A representação da mulher de periferia no cinema brasileiro. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 14, p. 195-213, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/67230>. Acesso em: 15 abr. 2023.
240. SOUZA, Willian Eduardo Righini. Em nome da moral e dos bons costumes: censura a livros com temática de gênero no Brasil do século XXI. **Em Questão**, n. 1, v. 24, p. 267-295, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/11893>. Acesso em: 15 abr. 2023.
241. SPUDEIT, Daniela Fernanda Assis de Oliveira; PINTO, Marli Dias de Souza. Liderança feminina na gestão de bibliotecas universitárias de Santa Catarina. **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. 3, v. 27, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/207608>. Acesso em: 27 fev. 2023.
242. TEBALDI, Raquel. Contribuições das teorias feministas e dos estudos de gênero para os debates sobre alfabetização midiática e informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, n. Especial, v. 13, p. 196-212, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/3817>. Acesso em: 27 fev. 2023.
243. TEIXEIRA, Daiana da Silva; PALMA, Mayara Feliciano; BRASIL, Patrícia; ZANI, Sofia Tonoli Maniezo. O processo de edição filológica de documentos utilizando o software eDictor. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, n. 1, v. 13 No 1, p. 360-371, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/136081>. Acesso em: 27 fev. 2023.
244. TEIXEIRA, Guilherme Lopes; PORÉM, Maria Eugênia. Travestis e organizações: o papel da comunicação na construção de espaços organizacionais. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 2, v. 13, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/128914>. Acesso em: 15 abr. 2023.
245. TEIXEIRA, Lilian Aguilar; SILVA, Gleibson José da; MARQUES, Rogério Ferreira. A biblioteca como mediadora nas questões sociais: o tráfico de mulheres no Mato Grosso do Sul. No que podemos colaborar?. , v. 13, p. 184-197, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5040>. Acesso em: 27-fev.-2023.
246. TEIXEIRA, Marlene Menezes de Souza; BORGES, Shura do Prado Farias; BRITO, Alessandra Bezerra de. Desafios e aceitação do exame Papa Nicolau da mulher reclusa. **Revista Conhecimento em Ação**, n. 1, v. 6, p. 87-100, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/161049>. Acesso em: 27 fev. 2023.

247. TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. Revista Feminina na Televisão: o programa NOTE E ANOTE e a formação da mulher para o mercado de trabalho informal. **Comunicação & Informação**, n. 2, v. 3, p. 137-154, 2000. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/64999>. Acesso em: 27 fev. 2023.
248. TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NUNES, Mônica Rodrigues. O Jornalismo Cultural e seus vínculos com o jornalismo feminino: a cultura entre as últimas tendências da moda e a crítica literária. **Comunicação & Informação**, n. 1, v. 14, p. 96-114, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/65136>. Acesso em: 27 fev. 2023.
249. TONDATO, Márcia Perencin; LEITE, Adriana Figueiredo Junqueira. Consumo e identidade: aproximações teóricas para uma análise da constituição da identidade e auto-estima femininas a partir da recepção dos produtos televisivos. **Comunicação & Informação**, n. 1, v. 13, p. 78-92, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/63504>. Acesso em: 27 fev. 2023.
250. AUAD, Daniela; LAHNI, Claudia Regina. Diversidade, direito à comunicação e alquimia das categorias sociais: da anorexia do slogan ao apetite da democracia. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 15, p. 117-130, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/154466>. Acesso em: 15 abr. 2023.
251. JANUÁRIO, Soraya Barreto; CONCEIÇÃO, Ana Maria da; CARDOSO, Laís Cristine Ferreira. Mulher, mídia e esportes: a copa do mundo de futebol feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 18, p. 168-184, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/154860>. Acesso em: 27 fev. 2023.
252. LIMA, Nilsângela Cardoso; SOUSA, Maria Gleyciane Barbosa de. (In)visibilidade das mulheres nos campos de futebol: quebra de tabus e ampliação de sua presença no espaço público mediante a prática do esporte profissional. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 18, p. 150-167, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/154855>. Acesso em: 27 fev. 2023.
253. VALÉRIO, Erinaldo Dias; SANTOS, Raimunda Fernanda. O ensino das práticas de organização e tratamento da informação étnico-racial e sobre diversidade de gênero frente à formação do (a) bibliotecário (a). **Convergência em Ciência da Informação**, n. 2, v. 1 n. 2, p. 210-217, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/135339>. Acesso em: 15 abr. 2023.
254. VASCONCELOS, Mayara Cintya do Nascimento; FARIAS, Gabriella Belmont de. Autoria feminina em Ciência e Tecnologia: cenário sobre a produção científica na Ciência da Informação. **Convergência em Ciência da Informação**, n. 2, v. 3 n. 2, p. 5-21, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/142266>. Acesso em: 27 fev. 2023.
255. VELÁSQUEZ, Ángela María Quintero. El diccionario especializado en familia y género: investigación terminológica y documental. **Revista Interamericana de Bibliotecología (Colombia)**, n. 2, v. 29, p. 61-78, 2006.

- Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/84201>. Acesso em: 15 abr.2023.
256. VERONEZE, Caroline Candido; JAVAREZ, Jeanine Geraldo; NADAL, Lisandra Maria Kovaliczn. **Clubes de Leitura em movimento**: integração nas bibliotecas do IFPR, v. 15, p. 314-326, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/127492>. Acesso em: 27 fev. 2023.
257. VERONEZI, Daniela Priscila de Oliveira; RIBEIRO, Geisa Müller de Campos; GOMES, Suely Henrique de Aquino. Mulheres com Deficiência na Docência Brasileira. **Em Questão**, n. online, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/170897>. Acesso em: 15 abr.2023.
258. VIANA, Anna Raquel de Lemos; LIMA, Izabel de França; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire. Informação e memória como forma de resistência: análise a partir de coletivos feministas. **Informação & Informação**, n. 2, v. 27, p. 121-145, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/212073>. Acesso em: 27 fev. 2023.
259. VIANA, Anna Raquel de Lemos; PRESSER, Nadi Helena; ARRUDA, Anderson Matheus Alves; LIMA, Paulo Ricardo da Silva. Transparência ativa em tempos de Covid-19: a atuação do ministério da mulher, da família e dos direitos humanos no combate à violência de gênero. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 27, p. 1-21, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169730>. Acesso em: 27 fev. 2023.
260. VIANA, Anna Raquel de Lemos; ROSA, Maria Nilza Barbosa; LIMA, Izabel de França. Intersecções entre memória e feminismo. **Informação em Pauta**, n. Especial, v. 4 n. especial, p. 31-46, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/125426>. Acesso em: 27 fev. 2023.
261. VIANA, Gessica de Castro Silva; CARRERA, Fernanda Ariane Silva. A (in)visibilidade da mulher negra youtuber. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 4, v. 13, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/130530>. Acesso em: 27 fev. 2023. VIEIRA, Keitty Rodrigues; KARPINSKI, Cezar. Relações de gênero na constituição epistemológica da Biblioteconomia: Margaret Egan e Frances Henne na Escola de Chicago. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 1, v. 13, p. 197-215, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/198428>. Acesso em: 15 abr.2023.
262. VIEIRA, Keitty Rodrigues; KARPINSKI, Cezar. Relações de gênero na constituição epistemológica da Biblioteconomia: Margaret Egan e Frances Henne na Escola de Chicago. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 1, v. 13, p. 197-215, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/198428>. Acesso em: 15-abr.-2023.
263. VIOLA, Carla Maria Martellote; SCHNEIDER, Marco André Feldman. Direitos das mulheres e a encontrabilidade da informação no portal da câmara dos deputados: perspectivas brasileiras rumo à Agenda 2030 das Nações Unidas. **Biblios (Peru)**, n. 78, p. 61-76, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/162978>. Acesso em: 27 fev. 2023.
264. VOLPI, Maria Cristina. Apogeu e declínio de uma moda burguesa de exportação: flores de pena e ventarolas com aves empalhadas na revista A Estação. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, n. 2, v. 31, p. 67-85, 2018.

- Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/43194>. Acesso em: 27 fev. 2023.
265. WOITOWICZ, Karina Janz. A imprensa feminista na luta contra o silenciamento e a impunidade: páginas do movimento de mulheres brasileiras pelo fim da violência sexual e doméstica entre os anos 1970/80. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 10, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/153884>. Acesso em: 27 fev. 2023.
266. WOTTRICH, Laura Hastenpflug; CASSOL, Maria Cândida Noal. A publicidade que evoluiu com as mulheres? Um estudo de recepção sobre as representações de gênero. **Em Questão**, n. 2, v. 18, p. 229-244, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/10315>. Acesso em: 27 fev. 2023.
267. XAVIER, Ana Laura Laura Silva. Literatura e feminismo. **Biblioteca Escolar em Revista**, n. 2, v. 6 n. 2, p. 48-61, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/108239>. Acesso em: 27 fev. 2023.
268. XAVIER, Mariana; KOBASHI, Nair Yumiko; KOBASHI, Nair Yumiko. Unidades de informação sobre mulheres: reflexões sobre sua constituição e desafios para sua consolidação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 80-84, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/3209>. Acesso em: 27 fev. 2023.
269. ZANELA, Maria. **Acesso à informação para construção da cidadania de mulheres transexuais e travestis**: Resoluções do Nome Social como estratégia de inclusão, n. 2, v. 14, p. 367-396, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/3053>. Acesso em: 15 abr.2023.